

PRISCILA SILVANO AZEREDO VELHO

COERÊNCIA DIALETAL NA COMUNIDADE BILÍNGUE DE FLORES DA CUNHA:  
ALTERNÂNCIA DO DITONGO NASAL E VARIAÇÃO DA VIBRANTE

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM

COERÊNCIA DIALETAL NA COMUNIDADE BILÍNGUE DE FLORES DA  
CUNHA: ALTERNÂNCIA DO DITONGO NASAL E VARIAÇÃO DA VIBRANTE

PRISCILA SILVANO AZEREDO VELHO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

PORTO ALEGRE

2018

PRISCILA SILVANO AZEREDO VELHO

COERÊNCIA DIALETAL NA COMUNIDADE BILÍNGUE DE FLORES DA  
CUNHA: ALTERNÂNCIA DO DITONGO NASAL E VARIAÇÃO DA VIBRANTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS)

---

Profa. Dra. Cláudia Camila Lara (UFFS)

---

Profa. Dra. Letícia Cao Ponso (FURG)

PORTO ALEGRE

2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Velho, Priscila Silvano Azeredo  
Coerência Dialetal na Comunidade Bilíngue de  
Flores da Cunha: Alternância do Ditongo Nasal e  
Variação da Vibrante / Priscila Silvano Azeredo  
Velho. -- 2018.  
123 f.  
Orientadora: Elisa Battisti.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-  
Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Coerência Dialetal. 2. Variação da Vibrante. 3.  
Alternância do Ditongo Nasal. 4. Tempo Real . 5.  
Variedades Dialetais Italianas. I. Battisti, Elisa,  
orient. II. Título.

Dedico este trabalho  
a minha *família*,  
em especial ao *Augusto*.

## **AGRADECIMENTOS**

Muito especialmente desejo agradecer à minha orientadora Professora Dra. Elisa Battisti pela disponibilidade, paciência, dedicação, atenção e principalmente por acreditar no meu esforço.

A todos os professores do programa de pós-graduação em Letras da UFRGS, que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

Aos professores Cléo Vilson Altenhofen e Cláudia Camila Lara pelas valiosas sugestões e apontamentos na qualificação da tese;

A esta banca por gentilmente ter aceitado compor esta etapa;

Aos meus pais pelo apoio incondicional, incentivo e cuidados com meu filho nos momentos em que precisei me ausentar. Não conseguiria sem o auxílio de vocês;

Ao meu esposo pelo companheirismo e compreensão;

E principalmente ao meu filho Augusto que é a principal motivação para enfrentar os desafios.

## RESUMO

Esta tese objetiva analisar processos de variação linguística em tempo real (LABOV, 1994) no português brasileiro de contato com variedades dialetais italianas, para verificar se existe coerência dialetal (GUY e HINSKENS, 2016) na comunidade de Flores da Cunha (RS). Para tanto, fizemos análise quantitativa conforme metodologia de análise de regra variável (LABOV, 1972), para cotejar o padrão de variação de *-ão::-on* em tempo real com o de outro processo na mesma comunidade. A pesquisa foi embasada em dados de fala provenientes de dois acervos distintos, o do projeto VARSUL (1990) e do Projeto BDSer (2008/2009). Na ‘troca’ de *-ão* por *-on*, houve um decréscimo na frequência total de aplicação da regra variável: 30,7% nos dados do VARSUL e 21,6% nos do BDSer, indício de regressão de regra. Para verificar a existência de coerência dialetal, compararam-se os resultados da análise de *ão::on* com os do estudo de Azeredo (2012), sobre o uso variável de *tepe* em lugar de vibrante no português de contato com variedades dialetais italianas e observamos que as variantes atribuídas ao contato são, ambas, favorecidas pelos homens de mais idade e com nível mais baixo de escolaridade. Essa correlação entre as variáveis analisadas aponta para a existência de coerência dialetal na comunidade de fala em estudo.

**Palavras-chave:** Coerência dialetal; Alternância do ditongo nasal; Variação da vibrante; Tempo real.

## ABSTRACT

This thesis aims at analyzing linguistic variation processes in real time (LABOV, 1994) in Brazilian Portuguese in contact with Italian dialectal varieties, to verify if there is lethal coherence (GUY and HINSKENS, 2016) in the community of Flores da Cunha (RS). We performed a quantitative analysis according to the methodology of variable rule analysis (LABOV, 1972), to compare the variation pattern of *-ãõ::-on* in real time with that of another process in the same community. Our research was based on speech data from two different collections, the VARSUL project (1990) and the BDSer Project (2008/2009). The analysis showed a decrease in the total frequency of use of *-on* in contexts where *-ãõ* is expected: 30.7% in the speech of VARSUL informants and 21.6% in the speech of BDSer informants, a sign of rule regression. We compared the results of the analysis of *-ãõ::-on* with the results of Azeredo (2012) about the use of tap where a trill is expected. We observed that older men with low level of schooling favor the variants under analysis. The correlation between the analyzed variables points to the existence of lethal coherence in the speech community under study.

**Keywords:** Lethal Coherence; Variation of the nasal diphthong; Trill and tap variation; Real time analysis.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha.....	31
Figura 2 - Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha.....	32
Figura 3 - Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha .....	32
Figura 4 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha.....	33
Figura 5 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha.....	33
Figura 6 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha .....	33
Figura 7 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha .....	34
Figura 8 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha .....	34
Figura 9 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha .....	34
Figura 10 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha .....	35
Figura 11 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha .....	35
Figura 12 - Capelinha em casa particular no centro de Flores da Cunha.....	36
Figura 13 Tapete de Corpus Christi .....	37
Figura 14 - Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes no centro de Flores da Cunha... 37	
Figura 15 - Imagem do Apóstolo Pedro ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes no centro de Flores da Cunha .....	38
Figura 16 - Gruta localizada ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes no centro de Flores da Cunha.....	38
Figura 17 - Foto do interior do Café Insieme no centro de Flores da Cunha.....	39
Figura 18 - Foto do cardápio do Café Insieme .....	40
Figura 19 - Foto do cardápio do Café Insieme .....	41
Figura 20 - Foto do calendário de eventos do município de Flores da Cunha.....	42
Figura 21 - Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha .....	43
Figura 22 - Covariação entre (eh) e (oh) no inglês de Nova Iorque.....	47
Figura 23 - Covariação entre apagamento de –s e Concordância Nominal .....	48
Figura 24 - Desnasalização e concordância verbal de terceira pessoa do plural.....	48
Figura 25 - Concordância nominal e Concordância verbal.....	49

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Uso de -on em contexto de -ão - VARSUL.....	79
Gráfico 2 - Uso do -on em contexto de -ão - BDSer.....	84
Gráfico 3 - Sexo/Gênero – VARSUL e BDSer.....	87
Gráfico 4 - Idade – VARSUL e BDSer.....	87
Gráfico 5 - Escolaridade – VARSUL e BDSer.....	88
Gráfico 6 - Número de Sílabas da Palavra – VARSUL e BDSer.....	88
Gráfico 7 - Classe da Palavra – VARSUL e BDSer.....	89
Gráfico 8 - Uso do Tepe em contexto de Vibrante - VARSUL.....	90
Gráfico 9 - Uso de Tepe em Contexto de Vibrante - BDSer.....	94
Gráfico 10 - Posição da Sílabas na Palavra - VARSUL E BDSer.....	98
Gráfico 11 - Número de Sílabas na Palavra - VARSUL e BDSer.....	99
Gráfico 12 - Sexo/Gênero - VARSUL e BDSer.....	99
Gráfico 13 - Idade - VARSUL e BDSer.....	100
Gráfico 14 - Idade VARSUL - Curva.....	101
Gráfico 15 - Idade BDSer - Curva.....	101
Gráfico 16 - Escolaridade - VARSUL e BDSer.....	102
Gráfico 17 - Bilinguismo - VARSUL e BDSer.....	102
Gráfico 18 - Cotejo ão~on e r~r para Sexo/Gênero VARSUL.....	105
Gráfico 19 - Cotejo ão~on e r~ r para Idade VARSUL.....	106
Gráfico 20 - Cotejo ão~on e r ~ r para Escolaridade VARSUL.....	106
Gráfico 21 - Cotejo ão~on e r~ r para Sexo/Gênero BDSer.....	107
Gráfico 22 - Cotejo ão~on e r~r para Idade BDSer.....	108
Gráfico 23 - Cotejo ão~on e r~r para Escolaridade BDSer.....	108

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição dos informantes VARSUL .....	70
Quadro 2 - Distribuição dos informantes do BDSer .....	70
Quadro 3 - Variáveis independentes .....	77
Quadro 4 - Resumo de fatores sociais favorecedores das variantes ão~on/ r~r para os dados do VARSUL .....	105
Quadro 5 - Resumo de fatores sociais favorecedores das variantes ão~on e r~r para os dados do BDSer .....	107
Quadro 6 - Resumo de fatores sociais favorecedores das variantes ão~on/ r~r VARSUL e BDSer.....	109

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sexo/Gênero - VARSUL.....	80
Tabela 2 - Idade - VARSUL.....	81
Tabela 3 - Escolaridade - VARSUL.....	82
Tabela 4 - Classe da Palavra - VARSUL.....	83
Tabela 5 - Sexo/Gênero - BDSer.....	84
Tabela 6 - Idade - BDSer.....	85
Tabela 7 - Número de Sílabas- BDSer.....	85
Tabela 8 - Escolaridade - VARSUL.....	91
Tabela 9 - Posição da Sílabas na Palavra - VARSUL.....	91
Tabela 10 - Bilinguismo - VARSUL.....	92
Tabela 11 - Sexo/Gênero - VARSUL.....	92
Tabela 12 - Número de Sílabas - VARSUL.....	93
Tabela 13 - Idade - VARSUL.....	93
Tabela 14 - Bilinguismo - BDSer.....	94
Tabela 15 - Idade - BDSer.....	95
Tabela 16 - Escolaridade - BDSer.....	96
Tabela 17- Posição da Sílabas na Palavra - BDSer.....	96
Tabela 18 - Gênero - BDSer.....	97
Tabela 19 - Número de Sílabas na Palavra - BDSer.....	97

## SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT .....	8
LISTA DE FIGURAS .....	9
LISTA DE GRÁFICOS.....	10
LISTA DE QUADROS .....	11
LISTA DE TABELAS .....	12
SUMÁRIO.....	13
INTRODUÇÃO .....	16
1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	19
1.1 Contato linguístico em contexto de imigração.....	19
1.2 Bilinguismo.....	24
1.3 A comunidade de fala .....	27
1.3.1 A RCI-RS .....	29
1.3.2 Paisagem linguística de Flores da Cunha .....	30
1.4 Identidade e atitudes linguísticas .....	44
1.5 Covariação e coerência dialetal .....	47
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	55
2.1 As variáveis investigadas .....	55
2.1.1 A realização da vibrante .....	55
2.1.2 Palatalização de /t/ e /d/.....	57
2.1.3 Vocalização de /l/ em Coda Silábica.....	58
2.1.4 A alternância -ão::-on.....	59
3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FLORES DA CUNHA: .....	63
INVESTIGANDO COERÊNCIA DIALETAL.....	63
3.1 Pesquisas variacionistas em Flores da Cunha.....	63
4 METODOLOGIA.....	68
4.1 Método de análise dos dados.....	70
4.2 A presente pesquisa .....	72
4.2.1 Variável dependente .....	72
4.2.1.1 Variáveis linguísticas.....	73
4.2.1.1.1 Contexto Precedente.....	73
4.2.1.1.2 Número de Sílabas.....	73

4.2.1.1.3 Classe da palavra.....	74
4.2.1.2 Variáveis extralinguísticas.....	75
4.2.1.2.1 Sexo/Gênero .....	75
4.2.1.2.2 Idade.....	76
5 ANÁLISE, DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....	79
5.1 Análise quantitativa da realização variável do ditongo nasal -ão.....	79
5.1.1 VARSUL (1990) .....	79
5.1.1.1 Sexo/Gênero .....	80
5.1.1.2. Idade.....	81
5.1.1.3. Escolaridade.....	82
5.1.2 BDSer (2008-2009) .....	83
5.1.2.1 Sexo/Gênero .....	84
5.1.2.2 Idade.....	85
5.1.2.3 Número de Sílabas.....	85
5.1.3 Análise em Tempo Real da realização variável de -on em lugar de -ão .....	86
5.2 Análise quantitativa dos dados – Variação da vibrante.....	89
5.2.1 VARSUL (1990) .....	90
5.2.1.1 Escolaridade.....	91
5.2.1.2 Posição da Sílabas na Palavra .....	91
5.2.1.3 Bilinguismo .....	92
5.2.1.4 Sexo/Gênero .....	92
5.2.1.5 Número de Sílabas na Palavra .....	92
5.2.2 BDSer (2008-2009) .....	93
5.2.2.1 Bilinguismo .....	94
5.2.2.2 Idade.....	95
5.2.2.3 Escolaridade.....	96
5.2.2.4 Posição da Sílabas na Palavra .....	96
5.2.2.5 Sexo/Gênero .....	96
5.2.2.6 Número de Sílabas na Palavra .....	97
5.2.3 Análise em Tempo Real.....	97
5.3 Cotejo dos resultados dos dois processos: em buscas de evidências de coerência dialetal .....	103
5.4 Flores da Cunha: anos 1990 e anos 2000 .....	110

CONCLUSÃO.....	113
REFERÊNCIAS .....	118

## INTRODUÇÃO

A presente tese tem por objetivo geral, com base em dados de fala provenientes de dois acervos distintos, o do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul<sup>1</sup>) e o do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha<sup>2</sup>), analisar processos de variação linguística em tempo real (LABOV, 1994) no português brasileiro de contato com variedades dialetais italianas, para verificar se existe coerência dialetal (GUY e HINSKENS, 2016) na comunidade de fala em questão, Flores da Cunha (RS).

Embora já tenham se passado mais de cento e trinta anos da imigração italiana, alguns traços linguísticos atribuíveis ao contato com variedades dialetais italianas ainda são percebidos no português falado nos municípios da Região de Colonização Italiana (FROSI e MIORANZA, 1983) no Nordeste do Rio Grande do Sul (doravante RCI-RS). Flores da Cunha é um dos municípios que compõem a RCI-RS.

Como ocorre na maioria dos municípios da RCI-RS, os habitantes de Flores da Cunha usam a língua majoritária, o português, na maioria de suas interações sociais. As variedades dialetais italianas, embora hoje ainda praticadas, têm seu uso restrito, sobretudo, ao convívio com familiares e amigos íntimos. Como consequência desse uso restrito, apenas algumas marcas fonético-fonológicas do contato com dialetos italianos caracterizam hoje o português local: a ‘troca’ do ditongo nasal *-ão* por *-on*<sup>3</sup> (*coração* é pronunciado *coraçoon*, *verão* é pronunciado *veron*, etc) e a ‘troca’ da vibrante múltipla por tepe (*garrafa* é pronunciada *garafa*, *parreira* é pronunciada *pareira*, etc). Além das ‘trocas’ referidas, há uma gama de realizações fonéticas igualmente diagnósticas de bilíngues, como por exemplo: a não palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/, (*tia*~[tʃ]ia, *dia*~[dʒ]ia, *gente*~gen[tʃɪ], *onde*~on[dʒɪ]); a

<sup>1</sup> O Projeto VARSUL é de responsabilidade das instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Conta com um banco de dados (entrevistas) usado em pesquisas sociolinguísticas. Mais informações são fornecidas no Capítulo 4 desta tese e estão disponíveis em [www.varsul.org.br](http://www.varsul.org.br). Acesso em 09/01/2018.

<sup>2</sup> O BDSer é mantido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e, como o VARSUL, possui um acervo de entrevistas sociolinguísticas de municípios da RCI-RS. Mais informações são fornecidas no Capítulo 4 desta tese.

<sup>3</sup> Destacamos que, ao registrarmos ortograficamente *-on* neste trabalho, a nasal que se realiza foneticamente é uma nasal velar [ŋ], não uma alveolar [n].



realização da fricativa alveolar /s/ e /z/ em lugar das correspondentes palatais /ʃ/ e /ʒ/, (*jogo*~[z]ogo, *deixa*~dei[s]a) e a não-vocalização de /l/ em coda silábica (*almoço*~a[w]moço, *futebol*~futebo[w]).

A cidade de Flores da Cunha, por ter se constituído como comunidade de fala a partir de práticas linguísticas bilíngues português/variedades dialetais italianas, tem motivado, ao longo dos anos, algumas pesquisas variacionistas sobre português de contato, ou que, na interpretação de seus resultados, exploraram a hipótese de que marcas linguísticas locais teriam sido motivadas pelo contato com as variedades dialetais italianas. Dentre as pesquisas desenvolvidas com dados de fala de informantes de Flores da Cunha, estão Azeredo (2012), sobre a ‘troca’ de vibrante por tepe em *onset* silábico; Battisti e Dornelles Filho (2015), sobre a palatização de /t/ e /d/ e Battisti e Moras (2016), sobre a vocalização de /l/ em coda, todas feitas em tempo real utilizando dados levantados das mesmas entrevistas dos bancos VARSUL e BDSer.

Dos processos típicos do português de contato com variedades dialetais italianas, desconhecemos pesquisa referente à alternância do ditongo *-ão::-on* (‘troca’ de *-ão* por *-on*) no português de Flores da Cunha. Ao investigar essa variável, buscamos verificar a existência de coerência dialetal (GUY e HINSKENS, 2016) no português de contato dessa comunidade, isto é, se, na situação de co-variação, sujeitos que mais trocam vibrante por tepe são também os que mais realizam *-on* em lugar de *-ão*. Para tanto, faremos análise quantitativa conforme metodologia de análise de regra variável (LABOV, 1972), para cotejar o padrão de variação de *-ão::-on* em tempo real com o de outro processo (‘troca’ de vibrante por tepe) na mesma comunidade.

Existem dois bancos de dados de fala com amostras de informantes de Flores da Cunha, VARSUL e BDSer, coletadas em diferentes períodos. Isso permite realizar análise em tempo real (LABOV, 1994), isto é, comparar os padrões de variação em dois períodos de tempo, para verificar se a ocorrência de uma ou outra alternante progrediu, assim discutindo variação e mudança linguística. A amostra de dados que faz parte do projeto VARSUL foi coletada em 1990, já a amostra de dados do projeto BDSer, em 2008-2009. Há, portanto, um intervalo de cerca de 20 anos entre uma e outra coleta, o que

possibilita, pelo contraste, responder questões sobre o *status* da variação, se estável ou na mudança em progresso.

Os objetivos específicos da nossa pesquisa referem-se, então, a duas grandes frentes de investigação:

(1) à análise em tempo real da ‘troca’ de *-ão* por *-on*, para (1.a) averiguar a frequência total de aplicação do processo, bem como seus condicionamentos linguísticos e sociais, em duas amostras de igual estratificação, e para (1.b) verificar se, na realização *-ão::on*, uma das variantes progrediu ou se a variação se manteve estável na análise em tempo real (LABOV, 1994);

(2) ao cotejo dos resultados da análise de *-ão::on* com os de estudo anterior (AZEREDO, 2012) sobre a ‘troca’ de *-ão* por *-on*, realizado com dados das mesmas entrevistas, (2.a) buscando evidências de coerência dialetal ao examinar se o emprego de *tepe* em lugar de vibrante acompanha o emprego de *-on* no lugar de *-ão* por gênero, idade e escolaridade.

O trabalho divide-se em cinco capítulos além desta Introdução e da Conclusão. O primeiro capítulo traz a fundamentação teórico-metodológica do estudo e uma revisão de análises de processos variáveis do português brasileiro originários de contato entre línguas, isso com o objetivo de caracterizar o problema de pesquisa e fundamentar a orientação metodológica assumida. Em seguida, no segundo capítulo, retomam-se brevemente alguns estudos acerca das variáveis investigadas. No terceiro capítulo, apresentam-se estudos anteriores que investigam algumas marcas fonético-fonológicas do contato com dialetos italianos que hoje caracterizam o português de Flores da Cunha. No quarto capítulo, vem a metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho. No quinto capítulo, faz-se a análise, interpretação e discussão dos resultados.

## 1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

### 1.1 CONTATO LINGUÍSTICO EM CONTEXTO DE IMIGRAÇÃO

Segundo Altenhofen e Margotti (2011), os contatos linguísticos surgem como resultado natural de um movimento de imigração. A transposição de um contexto social a outro ocasiona a mudança de *status* social e político dos grupos humanos envolvidos, o que afeta também as línguas faladas por esses grupos.

A presença de diferentes etnias no Brasil desde seu descobrimento teve como resultado um cenário de plurilinguismo e contato linguístico, com um complexo e variado espectro de produções e habilidades linguísticas. Conforme Altenhofen e Margotti (2011), muito mais do que línguas em contato, o que de fato entra em contato, no plano variacionista, são variedades individuais (idioletos). O contato linguístico acontece, portanto, quando há interação de pessoas de línguas diferentes, isto é, quando falantes de línguas diferentes interagem de modo próximo. Nesse caso, é possível que suas línguas se influenciem mutuamente.

Em nossa pesquisa, temos uma situação de português de contato com uma língua de imigração<sup>4</sup>. Mas, de acordo com Altenhofen e Margotti (2011), o que seria exatamente esse português de contato se considerarmos que nenhum bilíngue é igualmente bilíngue? O grau de proficiência e as habilidades de uso da L1 e L2 de bilíngues são variáveis, dificultando determinar, muitas vezes, se um comportamento linguístico é exceção ou uma conduta coletiva da comunidade. Além disso, tem-se o fato de as línguas de imigração apresentarem variações dialetais de acordo com a matriz de origem dos imigrantes.

---

<sup>4</sup> Línguas de imigração, também denominadas línguas alóctones, são línguas originárias de fora do país que, no novo meio, compartilham o *status* de línguas minoritárias. (ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011, p. 289).

Para Altenhofen e Margotti (2011), o conceito de português de contato serve para designar o português da comunidade bilíngue e é, portanto, uma variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem marcas associadas à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área.

Margotti (2004) diz que, do ponto de vista da diversidade linguística, uma das principais características da Região Sul do Brasil é o contato do português com as línguas de imigrantes europeus que colonizaram a região desde o século XIX. Segundo o autor, monolíngues no início, esses imigrantes tornaram-se bilíngues ao adquirirem o português ao longo dos anos.

O português da Região Sul do Brasil em contato com as línguas dos imigrantes europeus assumiu marcas características que refletem a constituição social e étnica de algumas áreas. Em nível fonético-fonológico, as marcas características do português de contato com o alemão e com o italiano como línguas de imigração são, em alguma medida, coincidentes:

- A realização do tepe no lugar da vibrante (*garrafa* é pronunciada *garafa*, *parreira* é pronunciada *pareira*, etc).
- A ‘troca’ do ditongo nasal *-ão* por *-on* (*coração* é pronunciado *coraçon*, *verão* é pronunciado *veron*, etc).
- A não palatalização de [t] e [d] diante de [i], (*tia*~[tʃ]ia, *dia*~[dʒ]ia, *gente*~gen[tʃ], *onde*~on[dʒ]).

A realização de fricativas alveolares /s/ e /z/ em lugar das fricativas alveo palatais /ʃ/ e /ʒ/ no português ([ka'sias]~Caxias, [ˈzogo]~jogo) é um traço específico do adstrato italiano.

A situação de contato apresentada em nossa pesquisa é resultado do processo de colonização que se iniciou no final do século XIX, pondo em contato a fala de imigrantes italianos com a língua portuguesa falada no Rio Grande do Sul.

Conforme Battistel e Costa (1983), no início do século XIX, o Brasil passava por uma grande crise econômica que se agravou por volta de 1820,

quando houve a substituição do algodão brasileiro pelo norte-americano no mercado internacional e o preço do açúcar foi reduzido. Percebeu-se, portanto, que a abolição dos escravos, mão-de-obra nas lavouras de algodão e açúcar do centro-norte do país, era irreversível. Preventivamente, tentou-se substituir a mão-de-obra do negro escravo pela do trabalhador europeu assalariado. No caso específico do Rio Grande do Sul, os imigrantes vieram para ocupar terras devolutas, isto é, terras ainda desabitadas e por isso, improdutivas.

Inicialmente, a imigração europeia estava sendo vista como um impulso para um futuro diferente para o Brasil, em que haveria pequenos proprietários se dedicando à policultura. Essa necessidade de mão-de-obra no Brasil coincidiu com o auge da crise socioeconômica na Itália, o que ocasionou a espantosa emigração italiana.

Alguns enviados do governo brasileiro foram à Europa com o objetivo de atrair os imigrantes. As promessas eram muitas. Ofereciam aos candidatos viagem para as colônias, lote rural, assistência médica, sustento por um determinado período, auxílio financeiro, sementes, animais, liberdade religiosa e nacionalidade, disposições que foram cumpridas somente em parte.

Iludidos pela propaganda de um país promissor – o país *de la cucagna* (o país de grande fortuna), como era divulgado –, e na tentativa de fugir de uma das maiores crises da Itália, em que a pobreza era generalizada, uma grande leva de imigrantes partiu para o Brasil.

Conforme Frosi (1987, p.215), os primeiros imigrantes italianos chegaram à Colônia Fundos Nova Palmira, localidade chamada hoje de Nova Milano, em 20 de maio de 1875. Nos anos subsequentes, de 1875 a 1914, o Rio Grande do Sul recebeu cerca de 80 mil italianos, vindos de quatro zonas: Vêneto (54%), Trentino Alto-Adige (7%), Friuli-Venezia Giulia (4,5%), Lombardia (33%) e outros (1,5%). Segundo a autora, as áreas destinadas pelo governo brasileiro para a fundação de uma colônia italiana no sul do país eram formadas de terras devolutas situadas no nordeste do Rio Grande do Sul, já que as terras mais baixas da encosta inferior da Serra já haviam sido destinadas à colonização alemã. As terras destinadas aos imigrantes italianos foram parceladas em lotes de 20 hectares denominados “colônias”, que eram numeradas ao longo de uma linha, ou travessão.

Ao chegarem ao Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos começaram a construir sua história social e linguística nas diferentes comunidades que fundaram e em que se estabeleceram.

Inicialmente, a interação dos imigrantes e suas famílias se dava localmente, mesmo entre vizinhos que falassem dialetos italianos diferentes. Os grupos falantes da língua portuguesa estavam distantes dessas colônias, o que fez com que as diversas falas dialetais de origem étnica italiana fossem mantidas por algum tempo.

Frosi e Raso (2011) dizem que, com a abertura de estradas que faziam a ligação entre as comunidades de diferentes linhas e travessões, que nada mais eram do que uma estrada em linha reta, com alguns quilômetros de comprimento, o fenômeno das interinfluências dialetais assumiu também uma dimensão intercomunitária. Conforme os autores, os cruzamentos dialetais formaram uma fala supradialetal com características predominantemente vênetas, uma *coiné*<sup>5</sup> de uso generalizado entre os falantes italianos.

Com o passar dos anos, o desenvolvimento da agricultura, comércio e indústria locais, o crescimento das cidades, o estabelecimento, pelo governo brasileiro, de escolas nas diferentes comunidades contribuíram para que a língua portuguesa chegasse até as comunidades onde viviam os imigrantes italianos, que progressivamente adquiriram não só o português, como mudaram sua linguagem, usos e costumes.

Com a campanha de Nacionalização do Ensino, instituída pelo Governo Federal na década de 30, as populações bilíngues foram proibidas de assumirem abertamente seu bilinguismo. O uso da língua portuguesa passou a ser obrigatório, com punição para os que descumprissem as regras.

Somente na década de 1960 é que começaram a se romper as barreiras que isolavam as comunidades de zona rural, onde as variedades dialetais

---

<sup>5</sup> A *coiné* vêneta é resultado da fusão dos dialetos dos dois grupos mais representativos de imigrantes italianos, vêneto e lombardo, que se torna o instrumento linguístico de comunicação entre as diversas comunidades ítalo-brasileiras, especialmente no convívio familiar (FROSI, 1979, p.99).

italianas eram praticadas com mais intensidade, porque estavam mais afastadas dos centros urbanos.

Para esta questão, conhecida na literatura por *language shift*<sup>6</sup>, Frosi (1987b, p. 219) atribui as seguintes como causas principais:

a) a força repressiva do governo brasileiro, que proibiu a comunicação na língua dialetal italiana entre os imigrantes italianos e seus descendentes na época da Segunda Guerra Mundial;

b) a abertura de novas e melhores vias de comunicação que ligavam a RCI-RS as demais localidades do estado e da nação;

c) o crescimento econômico, com expansão do comércio e da indústria, que rompeu a barreira de isolamento e integrou a região ao estado e à Nação;

d) o êxodo rural do elemento português-africano da zona dos pampas, para procurar no centro urbano mais desenvolvido da RCI-RS outras formas de trabalho, especialmente nas fábricas. Cite-se ainda a migração de outros pontos para a região, sobretudo da capital do Estado, Porto Alegre, e de outros estados do Brasil, de numerosos elementos que falavam somente português;

e) a eletrificação rural e a sucessiva introdução de aparelhos de rádio e televisão;

f) o maior prestígio da língua portuguesa como língua oficial, ensinada na escola, usada nos meios de comunicação social e falada pela maioria da população brasileira;

g) o desprezo da fala dialetal italiana como linguagem depreciativa, sendo estabelecida a infeliz identificação entre falar em dialeto italiano e ser um colono;

h) a instrução escolar primária possível aos descendentes de italianos (à terceira geração nascida no Brasil);

i) a mecanização da agricultura e o acesso aos meios de locomoção, que deram ao colono mobilidade geográfica e social e que favoreceram ao

---

<sup>6</sup> *Language shift* é o processo pelo qual uma comunidade de fala em uma situação de contato (ou seja, falantes bilíngues) gradualmente deixa de usar uma de suas duas línguas em favor da outra. (RAVINDRANATH, 2009, p.1, tradução nossa)

italo-brasileiro uma integração com a comunidade urbana maior. O abandono do dialeto italiano vem na proporção em que o colono torna-se cidadão.

Desde então, o bilinguismo português/variedades dialetais italianas se mantém, mas em declínio. O português em seu vernáculo local passou a ser a língua predominante nas comunidades dos imigrantes e seus descendentes.

## 1.2 BILINGUISMO

Em relação aos imigrantes italianos, Margotti (2004) afirma que eram monolíngues em sua língua de origem quando chegarem ao Sul do Brasil. Segundo o autor, a aquisição da língua do novo meio, o português, ocorreu apenas progressivamente ao longo dos anos e das gerações, conforme as condições de acesso e contato com a língua dominante. Como resultado, contam-se diferentes situações de bilinguismo, em graus diversos, porém, de acordo com Margotti (2004), com uma acentuada tendência para a substituição das línguas dos imigrantes pelo português, isto é, pelo monolinguismo em português.

Conforme Appel e Muysken (1992), línguas em contato inevitavelmente conduzem ao bilinguismo, que é entendido como o uso de duas línguas pelo mesmo indivíduo. Para os autores, existem dois tipos de bilinguismo: societal, quando envolve toda uma comunidade, ou individual, quando diz respeito a um só falante.

Quanto ao bilinguismo societal, Appel e Muysken (1992) afirmam que ocorre quando em uma sociedade duas ou mais línguas são faladas, e isso interfere significativamente nas relações sociais entre seus membros. Conforme os autores, nesse sentido, quase todas as sociedades são bilíngues, mas podem diferir em relação ao grau de bilinguismo.

Seguindo o que sugere Margotti (2004), são três os graus ou formas de bilinguismo: (i) parte da sociedade fala uma língua A, parte fala uma língua B; (ii) toda sociedade fala ambas as línguas, A e B; (iii) parte da sociedade fala ambas as línguas A e B e parte da sociedade é monolíngue. A comunidade por nós estudada se encaixa nesse terceiro grupo.



Para Margotti (2004), dificilmente um falante bilíngue terá igual fluência em ambas as línguas, pois, conforme o autor, o falante fará uso de suas línguas com finalidades, situações e pessoas diferentes. Para tanto, como afirma Margotti (2004), é preciso abandonar generalizações de uma visão do bilinguismo simplesmente como o domínio de duas línguas.

Margotti (2004), baseado nas ideias de Grosjean (1994), explica que no momento em que o falante bilíngue opta pelo modo monolíngue, desativa a outra língua; porém, a desativação total de uma das línguas raramente acontece, e é devido a isso que ocorrem as interferências de uma língua em outra.

Sobre Bilinguismo, Mackey (1972) faz a seguinte afirmação:

Bilinguismo é um padrão de comportamento de práticas linguísticas que se modificam mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência (MACKEY, 1972, p. 556, tradução nossa)<sup>7</sup>

Medir em que *grau* um falante é bilíngue significa verificar se ele exerce perfeitamente as habilidades de compreensão (escutar e ler) e expressão (falar e escrever) em ambas as línguas nos níveis fonológico, gramatical, lexical, semântico e estilístico.

A *função* está relacionada às situações em que o falante bilíngue faz uso de cada uma das línguas. As funções podem ser externas, isto é, relativas à variação, duração, frequência e pressão dos contatos; ou internas, ou seja, os usos não comunicativos da língua. Sobre a função, Ponso (2003), seguindo Mackey (1972), afirma que as *funções externas* estão relacionadas aos locais de contato onde as línguas foram adquiridas e onde são usadas (casa, igreja, vizinhança, escola, televisão, livros); a duração está relacionada há quanto tempo cada uma das línguas é falada; a frequência diz respeito à média de horas em que cada língua é falada por semana ou por mês; e a pressão, corresponde à pressão social (econômica, administrativa, cultural, política,

---

<sup>7</sup> “Bilingualism is a behavioural pattern of mutually modifying linguistic practices varying in degree, function, alternation and interference.”

militar, histórica, religiosa ou demográfica) que influencia o falante a usar uma ou outra língua. Para a autora, a função interna está relacionada aos usos não comunicativos que o falante faz da língua, como por exemplo, contar, calcular, rezar, blasfemar, sonhar, anotar, e às aptidões intrínsecas de cada falante, como idade, sexo, inteligência, memória, atitude, motivação.

Investigar o papel da *alternância*, referida por Mackey (1972), é medir em que condições acontece a escolha por uma ou outra língua. Segundo Ponso (2003), tal escolha depende da fluência e do uso de cada uma das línguas pelo falante e também das funções internas e externas da língua.

A *interferência* diz respeito à de que maneira o uso de uma das línguas influencia o uso da outra. Sobre o fenômeno da interferência, Weinreich (1974) diz:

Esses casos de desvio de uma ou outra língua que ocorrem na fala dos bilíngues como resultado da sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como resultado do contato linguístico, pode ser conhecido como fenômeno de INTERFERÊNCIA. (WEINREICH, 1974, p.1, tradução nossa)<sup>8</sup>

Nesse estudo, analisaremos algumas marcas fonético-fonológicas que podem ser tomadas como interferência das variedades dialetais italianas em língua portuguesa, já que não se espera que monolíngues-português realizem -on em lugar de -ão, tampouco tepe em lugar de vibrante.

Para esta pesquisa, retomamos os resultados de alguns estudos variacionistas desenvolvidas com dados de fala de informantes residentes no município de Flores da Cunha. Dentre as pesquisas retomadas está a de Azeredo (2012), em que a autora controla o grau de bilinguismo de seus informantes classificando-os em ativo (fala e entende o dialeto) e passivo (só entende o dialeto). Essa classificação foi adotada considerando-se tanto o que os informantes declararam ao fornecer seus dados de perfil (para preencher a Ficha Social no VARSUL e a Ficha de Entrevista do BDSer), quanto o conteúdo

---

<sup>8</sup> “Those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language, i.e. as a result of language contact, will be referred to as INTERFERENCE phenomena.”

das entrevistas sociolinguísticas. Os informantes que praticam uma variedade dialetal italiana no cotidiano dizem fazê-lo apenas para falar (e compreender a fala do outro), muito raramente para ler e escrever. Por essa razão, ao tratarmos a variável bilinguismo em nossa pesquisa, consideraremos a nomenclatura ativo e passivo para o grau de bilinguismo do informante.

### 1.3 A COMUNIDADE DE FALA

De acordo com Labov (1994, p.41), a linguagem é concebida como um instrumento de comunicação empregado por uma comunidade de fala, um sistema comumente aceito de associações entre formas arbitrárias e seus significados. A linguagem não é entendida como uma propriedade do indivíduo, mas da comunidade.

Entende-se por comunidade de fala um grupo de pessoas que interagem verbalmente, compartilhando um conjunto de normas de uso e avaliação linguística que distinguem seu grupo de outros, orientando seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Conforme Guy (2000), comunidade de fala é a unidade social usada como estrutura básica de referência para além do falante individual, entendido como a base em relação à qual cada idioleto é delimitado. A comunidade de fala tem duas funções na teoria sociolinguística, sendo a primeira delas fornecer uma base fundamentada capaz de explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, isto é, por que alguns grupos de falantes compartilham marcas linguísticas que os diferenciam de outros. A segunda função da comunidade de fala é fornecer uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais às línguas.

Segundo Labov (2010), o dogma central da sociolinguística é que a comunidade é prévia ao indivíduo. Isso significa que, na análise linguística, o comportamento do indivíduo pode ser entendido somente através do grupo social do qual ele é membro.

Ao estudar a palatização variável de /t/ e /d/ (*tia~tʃia*, *dia~dʒia*) no português falado em municípios da RCI-RS, Battisti (2011) necessitou discutir o conceito de comunidade de fala e retomar o problema da implementação

levantado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). A esses autores intriga o fato de, apesar dos mesmos condicionamentos estruturais, um mesmo processo ser implementado e ter aplicação conforme padrões distintos em diferentes comunidades de fala de uma mesma língua - *divergência dialetal*, de acordo com Labov (2010). Na via inversa, conforme Battisti (2011), um mesmo processo, como o da palatalização de /t/ e /d/, que poderia apresentar padrão de aplicação distinto em comunidades de fala diferentes (em tamanho da população, pelo menos) é efeito basicamente dos mesmos condicionamentos sociais e linguísticos (*convergência dialetal*).

A hipótese daqueles autores é a de que a [variação e] mudança linguística é mudança no comportamento social. Comunidades geograficamente vizinhas poderiam, então, exibir padrões de variação linguística distintos se sua sócio-história e estruturação econômico-cultural viessem a diferenciar-se. Ou, opostamente, se essas condições históricas, sociais, culturais e econômicas viessem a se assemelhar, as comunidades poderiam exibir comportamentos semelhantes na aplicação de processos variáveis, desfazendo os limites geo-políticos de suas comunidades e sendo integradas numa só. É o que defende Battisti (2011) para a RCI-RS no que se refere à palatalização. Os três municípios por ela investigados – Caxias do Sul, Antônio Prado e Flores da Cunha –, apesar de distintos no tamanho da população<sup>9</sup> e na estruturação urbana e econômica, exibem praticamente o mesmo padrão de palatalização, confirmando a hipótese de Battisti (2011) de que a RCI-RS, não os municípios isoladamente, seja a comunidade de fala relevante na análise de processos variáveis no português falado a nordeste do Rio Grande do Sul.

As três cidades da antiga RCI-RS – Antônio Prado, Caxias do Sul e Flores da Cunha – têm origem étnica predominantemente italiana. Zanini (2006) estudou a italianidade na região de Santa Maria (RS). Segundo a autora, os ítalo-descendentes da região fazem com que a etnia seja transformada em um código capaz de revelar diferenças quanto a estilo de vida, posições sociais e poder, o que se verifica também na forma de expressão, expressão essa que

---

<sup>9</sup> Conforme informações disponibilizadas pelo IBGE (<http://www.cidades.ibge.gov.br/>, acesso em 04/05/2016), a população estimada de Antônio Prado em 2015 é de 13.285 habitantes, a de Flores da Cunha, 29.196 habitantes, a de Caxias do Sul, 474.853 habitantes.

disputa prestígio com as linguagens oficiais. Zanini (2006) acredita que, agindo desta maneira, os descendentes de italianos residentes na região de Santa Maria sentem-se parte de uma comunidade imaginada. Battisti (2011) acredita que os descendentes de italianos da RCI-RS expressam essa mesma italianidade e participam, também, de uma comunidade imaginada, o que sustentaria a hipótese analítica de tomar a RCI-RS em seu todo como uma comunidade de fala.

De acordo com Battisti (2011), no que se refere à italianidade do ítalo-brasileiro e seus reflexos na língua: *A origem familiar e seus símbolos, entre eles os linguísticos, convertem-se em patrimônio, em capital cultural que compete no mercado de bens simbólicos locais, regionais e nacionais, e contribui para a distinção simbólica e visibilidade do grupo.* O fato de as marcas do contato serem mantidas ou não no português falado na comunidade está diretamente associado à ideia de patrimônio cultural, podendo este ser valorizado ou desprestigiado.

### 1.3.1 A RCI-RS

Conforme Frosi e Raso (2011), a história linguística-dialetológica da RCI-RS, compreendida entre 1875 e 1975, se divide em três períodos: o primeiro deles iniciou-se em 1875 e findou em 1910; o segundo tem início em 1910 e acaba em 1950; o terceiro inicia-se em 1950 e termina em 1975.

Segundo Frosi e Raso (2011), para a configuração do primeiro período, considerou-se como início a chegada dos primeiros imigrantes italianos à RCI-RS em 1875 e, como fim, a inauguração da estrada de ferro que fazia ligação da RCI-RS a outras localidades, à capital do estado e aos demais estados da região Sul. Durante o primeiro período, a economia era definida pela policultura de subsistência. A comunicação entre as pessoas era feita no dialeto italiano e entre indivíduos do mesmo núcleo populacional.

O segundo período, de acordo com Frosi e Raso (2011), teve início em 1910 e término em 1950. Nesse período, estradas foram abertas ligando uma comunidade à outra das diferentes linhas ou travessões. O fenômeno das interinfluências dialetais assumiu uma dimensão intercomunitária. Quanto à

economia, no segundo período a policultura de subsistência ainda era uma característica da RCI-RS, mas o desenvolvimento do cultivo da parreira, a produção da uva e a industrialização do vinho apareciam com grande destaque. Nesse período, a língua portuguesa passa progressivamente a ganhar espaço. Foi também durante o segundo período que foi instituída a campanha de nacionalização do ensino, fazendo com que o uso da língua portuguesa fosse obrigatório.

Frosi e Raso (2011) dizem que, no terceiro período, a RCI expandiu-se e cresceu economicamente. A região, conforme os autores, rompeu seu isolamento através da abertura de novas estradas e do melhoramento do sistema viário já existente. Nesse período, foram proporcionadas aos ítalo-descendentes melhores condições de vida, o que fez com que sua cultura original fosse anulada em favor da vida moderna, conforme o modelo da sociedade brasileira.

Com o centenário da imigração italiana em 1975, teve início o que Frosi e Raso (2011) chamaram de quarto período. Para os autores, o ano de 1975 foi o marco de uma festa de liberação da italianidade que se propagou no tempo da RCI-RS e se estende até os dias atuais. Os descendentes de italianos da RCI-RS, sem deixarem de ser brasileiros, assumiram sua italianidade, sem medo, sem estigmas e passaram a ter orgulho das suas origens.

### 1.3.2 Paisagem linguística de Flores da Cunha

Conforme Shohamy *et al.* (2010, p.1), de forma cada vez mais crescente as cidades têm se tornado lugares onde diferentes culturas, línguas e identidades interagem. Mesmo comunidades que já são formadas por imigrantes e seus descendentes estão adicionando elementos de plurilinguismo/multiculturalismo ao que já é uma situação de diversidade. Essa diversidade pode ser constatada num exame de paisagem linguística.

O termo *paisagem linguística* foi usado pela primeira vez por Landry e Bourhis em um artigo publicado em 1997. Os autores definiram paisagem linguística como:

A língua dos sinais de trânsito públicos, painéis publicitários, nomes de ruas, nomes de lugares, letreiros

de lojas comerciais e letreiros públicos em edifícios governamentais combinam-se para formar a paisagem linguística de um determinado território, região ou aglomeração urbana (LANDRY E BOURHIS, 1997, p.25, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Shohamy e Gorter (2008) complementam a definição de Landry e Bourhis (1997), dizendo que a paisagem linguística são as palavras no ambiente, isto é, palavras e imagens exibidas e expostas em espaços públicos, que são o centro de atenção da área a ser estudada.

Reúnem-se, nesta seção da tese, elementos da paisagem linguística de Flores da Cunha para discutir o fato de que, embora a fala de variedades dialetais italianas esteja em declínio na comunidade e, por essa razão, também o contato com o português, empregar *tepe* em lugar de *vibrante* e *-on* em lugar de *-ão* é saliente e contribui para reforçar a ideia (local) de raízes culturais italianas. Placas de ruas, espaços públicos, fachadas de comércio e prédios públicos do centro da cidade, além de informações e imagens retiradas da *internet*, são os elementos da paisagem aqui enfocados.

A língua dos imigrantes se faz presente em Flores da Cunha nos sobrenomes das pessoas que deram nomes às principais ruas do centro, em nomes de estabelecimentos comerciais e órgãos públicos da cidade. Vejam-se exemplos nas fotos abaixo:

**Figura 1 - Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha.**



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

<sup>10</sup> The language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combine to form the linguistic landscape of a given territory, region or urban agglomeration.

Figura 2 - Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

Figura 3 - Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)



Figura 4 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

Figura 5 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

Figura 6 - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

**Figura 7** - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

**Figura 8** - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

**Figura 9** - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha





Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

Essas denominações parecem ter o objetivo de conservar e manter as origens italianas, motivo de orgulho para a maioria dos descendentes. Alguns estabelecimentos comerciais, além do nome que remete à Itália, trazem as cores da bandeira do referido país em suas fachadas.

**Figura 10** - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

**Figura 11** - Fachada de estabelecimento comercial do centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

Elementos que remetam a seu fato fundador, a imigração italiana ao Brasil, são explorados em muitas cidades da RCI-RS. Isso não é diferente em Flores da Cunha. Dentre os elementos da herança cultural cultivadas pelos descendentes, destacamos a força que a igreja católica sempre exerceu em meio aos italianos e seus descendentes. Conforme Zanini (2006), a religião foi um dos elementos

mais importantes no processo de enraizamento dos imigrantes em terras brasileiras. Segundo a autora:

A vivência religiosa construiu um território simbólico de segurança e estabilidade, visível nos capitéis, capelas e Igrejas e nas imagens dos padroeiros. (ZANINI, 2006, p. 138).

De acordo com Ponso (2003), antigamente, no centro de cada linha ou travessão nas comunidades da RCI-RS, surgia uma capela (ou *capitel*, no dialeto dos imigrantes) e era em torno dela que a vida cultural da colônia italiana acontecia. Segundo a autora, era lá que as famílias encontravam-se para as festas e os cultos religiosos, quando então tinham lugar as brincadeiras, o jogo de cartas, de mora, de bocha, as canções, os bailes, os encontros amorosos.

Nas capelas ainda hoje, uma vez por ano, são realizadas as festas dos santos padroeiros, onde as comunidades se reúnem para celebrar. É um momento de encontro de parentes, vizinhos e amigos que, em meio a muito trabalho, acabam se afastando.

Embora atualmente a igreja não tenha exatamente a mesma função social, especialmente em comunidades mais urbanas, os florenses ainda atribuem valor significativo à religião. Vejamos exemplos nas fotos baixo:

**Figura 12** - Capelinha em casa particular no centro de Flores da Cunha



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

**Figura 13 - Tapete de Corpus Christi**



Fonte: Site da Prefeitura de Flores da Cunha <sup>11</sup>

**Figura 14 - Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes no centro de Flores da Cunha**



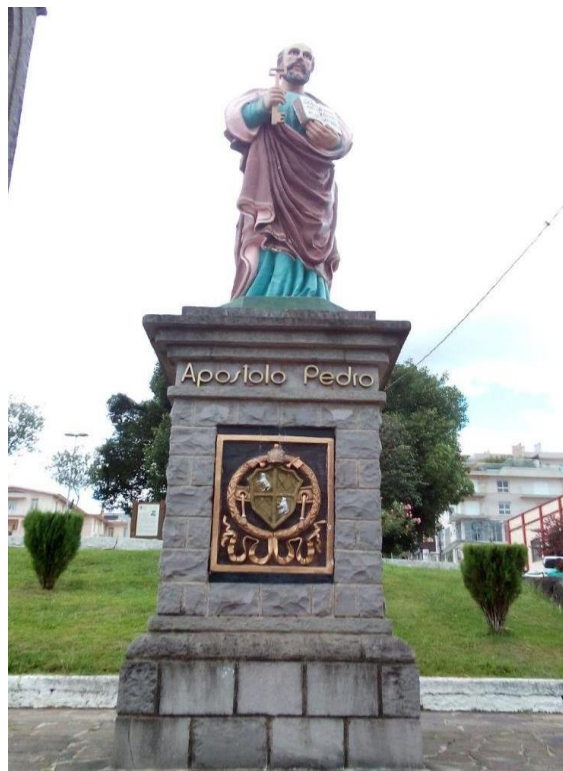
Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

---

<sup>11</sup> Disponível em: [http://www.floresdacunha.rs.gov.br/galerias\\_de\\_fotos\\_int.php?id=9](http://www.floresdacunha.rs.gov.br/galerias_de_fotos_int.php?id=9). Acesso em 17/01/2018



**Figura 15 - Imagem do Apóstolo Pedro ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes no centro de Flores da Cunha**



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

**Figura 16 - Gruta localizada ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes no centro de Flores da Cunha**



Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

Além da religião, a herança cultural italiana também se manifesta nos momentos de lazer dos florenses. Inaugurada na cidade em julho de 2016, a cafeteria Insieme (do italiano 'juntos') é classificada pelos frequentadores como um pedaço da Itália no Brasil. A decoração do ambiente traz papel de parede com a representação de pontos turísticos famosos da Itália e o cardápio é escrito em italiano (com a tradução para o português).

**Figura 17** - Foto do interior do Café Insieme no centro de Flores da Cunha



Fonte:..Página do *facebook* do café Insieme. Acesso em 18/01/2018

Figura 18 - Foto do cardápio do Café Insieme

# Le Pizze

## Pizzas

---

<b>Marguerita</b> Molho de tomate, pesto de manjericão e muçarela	<b>RS</b>
<b>4 Formaggi</b> Molho de tomate, gorgonzola, provolone, gruyère e muçarela	<b>RS</b>
<b>Vegetale</b> Molho de tomate, beringela e abobrinha grelhadas, pimentões vermelhos e amarelo sem pele e muçarela	<b>RS</b>
<b>Menarosto</b> Menarosto de carne suína, frango, bacon e sâma e muçarela	<b>RS</b>
<b>Pancetta</b> Molho de tomate, muçarela e bacon	<b>RS</b>
<b>Calabresa</b> Molho de tomate, muçarela e calabresa	<b>RS</b>

# Le Insalatone

Salada

Porção para uma pessoa

---

<b>Estiva</b> Mix de folhas, cubos de muçarela*, tomate cereja, grão de bico, croutons e redução de aceto balsâmico.	<b>RS</b>
<b>Caprese</b> Mix de folhas, mozzarella de búfala, tomate cereja e manjericão.	<b>RS</b>
<b>Salame</b> Mix de folhas, lascas de parmesão, tomate seco, salame e maionese de iogurte.	<b>RS</b>
<b>Pollo</b> Mix de folhas, cubos de muçarela*, tomate cereja, frango grelhado e molho de mel e mostarda.	<b>RS</b>
<b>Tonno</b> Mix de folhas, cubos de muçarela*, tomate cereja, azeitonas pretas, atum e citronete (óleo de oliva com limão).	<b>RS</b>
*mozzarella de búfala	<b>RS</b>

Fonte:..Página do *facebook* do café Insieme. Acesso em 18/01/2018



Figura 19 - Foto do cardápio do Café Insieme

# Piadine

Típico sanduíche quente romagnolo

## Prosciutto Cotto

Presunto cozido, muçarela, tomate, alface e maionese

## Tonno

Atum, muçarela, alface, tomate, azeitona e molho rosê

## Salame

Salame, muçarela, alface, tomate, maionese e ketchup

## Pancetta

Bacon, muçarela, alface, tomate, maionese e ketchup

## Margherita

Muçarela, tomate, manjeriçao e ketchup

## Vegetale

Cenoura, abobrinha, muçarela, alface, tomate, rúcula, maionese, pimenta preta e azeite de oliva extra-virgem

## Prosciutto Crudo

Presunto cru, muçarela, alface, tomate e maionese

## Caprese

Mozzarella de búfala, tomate, manjeriçao e azeite de oliva extra-virgem

## Porchetta

Porchetta, muçarela e maionese

## Crudo e Rucola

Presunto cru, muçarela, rúcula, lascas de parmesão, maionese e azeite de oliva extra-virgem

## Pomodori Secchi e Rucola

Tomate seco, muçarela, rúcula e maionese

## Tacchino

Peito de peru, muçarela, alface, tomate, maionese e ketchup

# Piadine Dolci

Típico sanduíche quente romagnolo doce

## Nutella

### Nutella e fragola

Nutella e morango

### Banana e latte condensato

Banana, leite condensado e canela

### Ciocolato e fragola

Chocolate preto meio amargo, morango e leite condensado

### Ciocolato bianco e fragola

Chocolate branco, morango e leite condensado

### Dolce di latte e coco

Doce de leite com coco

### Dolce di latte e cioccolato

Doce de leite e chocolate preto meio amargo

### Dolce di latte e cioccolato bianco

Doce de leite e chocolate branco

### Ciocolato e coco

Chocolate preto meio amargo e coco

Fonte:..Página do *facebook* do café Insieme. Acesso em 18/01/2018

Não apenas a herança cultural italiana ganha espaço em Flores da Cunha. O tradicionalismo gaúcho também se faz presente. É o que mostra o calendário de eventos da cidade. No mês de setembro, em alusão à Semana Farroupilha, há desde festa campeira a festejos Farroupilha, típicos do Rio Grande do Sul.

Figura 20 - Foto do calendário de eventos do município de Flores da Cunha.

**Flores da Cunha tem!**

**CALENDÁRIO DE EVENTOS  
AGOSTO 2017 A FEVEREIRO 2018  
SECRETARIA DE TURISMO DE FLORES DA CUNHA**

**AGOSTO**

**3º FESTIVAL DOS VINHOS DOS ALTOS MONTES**  
DATA: 19/AGOSTO  
LOCAL: PARQUE DA VINDIMA ELOY KUNZ  
REALIZAÇÃO: ALTOS MONTES  
INFORMAÇÕES: ☎ 3292.3622

**MELHORES VINHOS DE FLORES A CUNHA**  
DATA: 25/AGOSTO  
LOCAL: SALÃO COMUNITÁRIO DA LINHA 60  
REALIZAÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL  
INFORMAÇÕES: ☎ 3292.1722 - RAMAL 217

**SETEMBRO**

**HOMENS NA COZINHA**  
DATA: 02/SETEMBRO  
LOCAL: PARQUE DA VINDIMA ELOY KUNZ  
REALIZAÇÃO: COL. DE FLORES DA CUNHA  
INFORMAÇÕES: ☎ 3292.2333

**2ª FESTA CAMPEIRA DE INTEGRAÇÃO**  
DATA: 08 A 10/SETEMBRO  
LOCAL: CTG QUERÊNCIA DE SÃO PEDRO  
INFORMAÇÕES: ☎ 9.9971.8828

**FESTEJOS FARROUPILHA**  
15 A 20 DE SETEMBRO  
LOCAL: PARQUE DA VINDIMA ELOY KUNZ  
REALIZAÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL  
INFORMAÇÕES: ☎ 3292.1722 R: 217

**OUTUBRO**

**XIII VINO E FORMAGGIO - ROTARY**  
DATA: 06/OUTUBRO  
LOCAL: VINICOLA MONTE REALE - 19H  
REALIZAÇÃO: ROTARY CLUB  
INFORMAÇÕES: ☎ 3292.1011

**NOVEMBRO**

**14º ENCONTRO DE VEÍCULOS ANTIGOS**  
DATA: 11 E 12/NOVEMBRO  
LOCAL: PRAÇA DA BANDEIRA  
PARQUE DA VINDIMA ELOY KUNZ (EM CASOTE GRANDE)  
REALIZAÇÃO: VETERAN CAR FLORES DA CUNHA  
INFORMAÇÕES: ☎ 9.8905.3333 - 9.9184.4254

**DEZEMBRO**

**SINOS DE NATAL**  
DATA: 03 A 24/DEZEMBRO  
LOCAL: PRAÇA DA BANDEIRA  
REALIZAÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL  
PAROQUIA N. SRª. DE LOURDES  
INFORMAÇÕES: ☎ 3292.1722 R: 217

**FESTA DA GRUTA**  
DATA: 10/ DEZEMBRO  
LOCAL: OTÁVIO ROCHA  
REALIZAÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS  
INFORMAÇÕES: ☎ 3279.1298

**FEVEREIRO 2018**

**ABERTURA DA VINDIMA**  
LOCAL: VINHEDOS DE FLORES DA CUNHA  
REALIZAÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL  
INFORMAÇÕES: ☎ 3292.1722 R: 217

**9ª MOSTRA FLORES E 6ª FEIRA AGROINDUSTRIAL**  
DATA: 12/FEVEREIRO E 25/MARÇO  
LOCAL: PARQUE DA VINDIMA ELOY KUNZ  
INFORMAÇÕES: ☎ 3292.5086

FLORES DA CUNHA  
BOM PRODUZIR DE VINHO DE UVA

INFORMAÇÕES  
SECRETARIA DE TURISMO  
R. TROVADOR JOSÉ GONÇALVES - 3292.1722 R: 217  
WWW.FLORESDACUNHA.RS.GOV.BR

EMPRESAS QUE APRIAM E VALORIZAM O TURISMO

POS  
LX  
VA

Fonte: (15/01/2018, acervo da autora)

Embora, nos dias de hoje, a cidade conte com uma economia mais variada, o cultivo da uva e a produção do vinho ainda é uma das principais fontes de renda do município e o caracteriza no imaginário popular. É o que se pode ver nas placas nas ruas da cidade, como “maior produtor de vinhos do país”.

**Figura 21** - Placa indicativa de rua no centro de Flores da Cunha



Fonte: (28/10/11, acervo da autora)

O interessante da placa é que o patrocinador (Keko) produz complementos automotivos, é de Caxias do Sul e, tendo recebido incentivos fiscais, fechou três plantas em Caxias e abriu uma só, com 430 postos de trabalho, na zona rural de Flores da Cunha, em abril de 2011<sup>12</sup>. Não possui, portanto, ligação direta com os dizeres da placa, mas seu patrocínio e a presença na comunidade anunciam possíveis mudanças sociais futuras, numa história que não cessa de ser construída.

A análise da paisagem linguística nos permitiu reconhecer a diversidade linguístico-cultural presente em Flores da Cunha. Mesmo que o português, como língua majoritária, predomine na comunidade, as manifestações linguísticas em italiano têm lugar significativo, como também elementos

---

<sup>12</sup> Fonte: jornal O Pioneiro, 8 e 9 de setembro de 2011.

religiosos e outros ligados a práticas sócio-econômicas tradicionais, ligadas à história da imigração italiana.

Percebemos o quão importante ainda é para os florenses preservar a memória da imigração italiana das maneiras mais variadas, embora a comunidade se abra a manifestações culturais diversas, mediadas, sobretudo pelas práticas linguísticas em português.

#### 1.4 IDENTIDADE E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Segundo Kaufmann (2011), o papel da sociolinguística é analisar o comportamento linguístico a partir do ponto de vista sociológico. Para o autor, além de idade, sexo e classe social, atitudes também são consideradas de grande importância para explicar o comportamento linguístico.

Frosi, Faggion e Dal Corno (2007) dizem que em situações de contato entre línguas a atitude linguística é um fator importante a ser considerado na evolução, permanência e até mesmo extinção de uma língua ou variedade linguística. Conforme as autoras, uma atitude linguística pode ser entendida como resposta face ao outro, ou seja, uma reação favorável ou desfavorável, positiva ou negativa diante do modo de falar do outro.

Vandermeeren (2005), numa perspectiva mentalista, conceitua atitudes como processos mentais os quais atuam como variáveis mediadoras entre estímulos e respostas. Quasthoff (1987, *apud* KAUFMANN, 2011) diz que “uma atitude é um estado mental e neural de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todos os objetos e situações aos quais está relacionada”.

Segundo Kaufmann (2011), atitudes, quando vistas como disposições mentais, são arraigadas na mente do indivíduo. Por outro lado, o autor diz que atitudes não podem ser consideradas isoladas por completo de fenômenos no âmbito de grupos, como por exemplo, normas sociais.

Lasagabaster (2004, *apud* KAUFMANN, 2011) explica que atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais, tais como família, trabalho, religião, amigos, ou educação, o que faz com que as pessoas tenham a

tendência de ajustar suas atitudes para se adequarem àquelas que predominam no grupo social ao qual pertencem.

Essa predominância depende, segundo Frosi, Faggion e Dal Corno (2007), da língua majoritária ou de prestígio, isto é, da língua do grupo dominante, que pode ser considerada pela sociedade em geral como sendo mais bonita, expressiva e lógica, mais capaz de exprimir pensamentos abstratos. A língua majoritária contrasta com o que as autoras chamam de língua minoritária ou estigmatizada, que tende a ser considerada agramatical, empobrecida, rude.

Ajzen e Fishbein (1980, *apud* VANDERMEEREN, 2005), em sua Teoria da Ação Racional (*Theory of Reasoned Action*), alegam que o comportamento de uma pessoa tem um segundo determinante, as normas do meio social em que essa pessoa está inserida. Segundo os autores, normas sociais são determinadas pela percepção das pessoas de suas expectativas dos outros e sua motivação para concordar com estas expectativas.

As normas sociais são centrais para as atitudes linguísticas de um falante (VANDERMEEREN, 2005), que espelham as normas de um grupo de pessoas ao qual ele está relacionado mais proximamente. Isso implica que o comportamento linguístico tem significado social e mobiliza categorizações sociais.

Para Vandermeeren (2005), as atitudes de um falante diante do uso de línguas diferentes levam a escolhas que garantam a interação. Segundo a autora, a adaptação às normas sociais e membros do grupo é demonstrada pelo uso de uma língua A, enquanto que o uso de uma língua B se dá por outro motivo, como por exemplo, por ser mais prática ao falante, que é mais proficiente na língua B. Conforme Vandermeeren (2005), nesse caso o que determina a escolha de uma língua pelo falante é a força dos componentes de atitudes, avaliação normativa e conação: a língua B é usada com o cônjuge e filhos, já a língua A é reservada para situações em que o grau de exposição as normas é mais elevado, por exemplo.

Giles e Johnson (1987, *apud* VANDERMEEREN, 2005) adotam o ponto de vista de que o comportamento linguístico é um fator importante de identificação de um falante com o grupo étnico ao qual pertence. Segundo os autores, os membros de um grupo étnico subordinado que valorizam a sua

língua como um símbolo de sua identidade e como forma de identificação forte com o seu grupo estão mais inclinados a manter os traços distintivos de sua língua. Já aqueles que não valorizam a língua do seu grupo como símbolo de sua identidade e se identificam moderadamente ou fracamente com o seu grupo estão menos inclinados a manter os traços distintivos de sua língua.

Frosi, Faggion e Dal Corno (2005) dizem que fazer uso da língua minoritária pode ser uma maneira de estabelecer empatia, garantir proximidade, reforçar vínculos, isto é, reforçar a solidariedade entre os membros do grupo étnico, a depender das normas sociais compartilhadas.

No caso das variedades dialetais italianas, consideradas minoritárias e implicadas nesta pesquisa, Manfrói (1999, *apud* FROSI, FAGGION e DAL CORNO, 2005) diz que hoje se fala o dialeto por querer, por gostar, por prazer, sem aquela real necessidade do passado. Segundo o autor, atualmente se fala o dialeto para preservá-lo. Nesse sentido, as variedades dialetais italianas parecem ser patrimônio cultural, antes que língua natural falada.

Manfrói (1999, *apud* FROSI, FAGGION e DAL CORNO, 2005) faz o seguinte questionamento:

Como se explica esse fenômeno? Será apenas um movimento animado por grupos de interesses cultural, religioso ou econômico e do qual o povo não participa, ou trata-se da afirmação de um grupo que resolveu assumir, em definitivo, sua condição de grupo minoritário culturalmente diferente da cultura dominante?

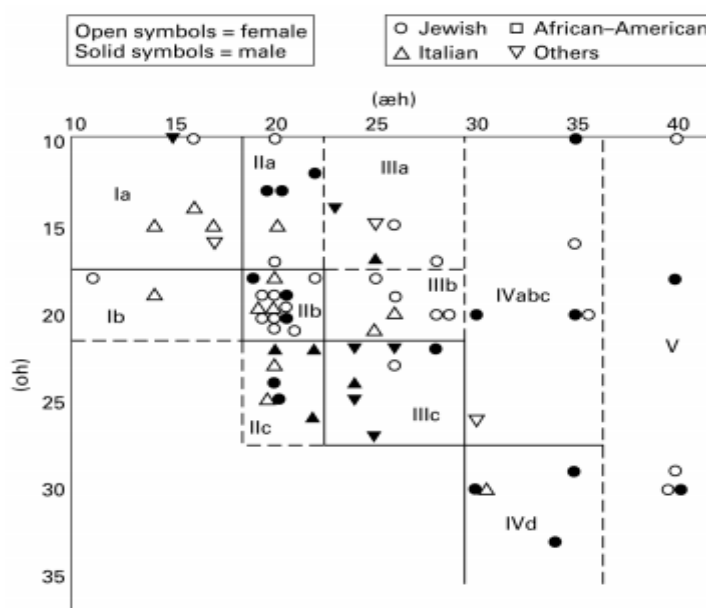
Sabe-se que nem sempre foi assim. As variedades dialetais italianas e a variedade do português local (com sotaque) foram estigmatizadas. Como relatam Frosi, Faggion e Dal Corno (2007), no final da década de 1930, o governo federal do Brasil instituiu a Campanha de Nacionalização do Ensino, campanha esta que tinha o intuito de diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira. Além disso, a aquisição e incremento no uso da língua majoritária, o português, pelo grupo minoritário, os ítalo-descendentes, deu-se também pelo envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Os pais logo adotaram a língua majoritária como medida preventiva, na tentativa de fazer com que suas

crianças fossem menos estigmatizadas ao chegarem à escola brasileira, já que muitas conheciam apenas a fala dialetal italiana.

### 1.5 COVARIÇÃO E COERÊNCIA DIALETAL

Pioneiro nos estudos de variação linguística, Labov (2006 [1966]) constata coerência na covariação ao investigar a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque. O autor observou a existência de covariação entre pares de variáveis fonéticas como: o alçamento de (eh) e (oh) em palavras como *bad* ‘mau’ e *law* ‘lei’; entre (aj) e (aw) como em *ride* ‘andar, dirigir’ e *loud* ‘alto’; entre (ah) e (oh) como em *hot* ‘quente’ e *law*; e entre (eh), (oh) e (ah). Labov constatou que os falantes que tendem a um baixo índice de alçamento de (eh) são os mesmos que tendem a um baixo índice de alçamento de (oh). Já aqueles com um alto índice de alçamento de uma variante são os que tendem a ter um alto índice para a outra. O autor também constatou que os falantes tendem a se agrupar de acordo com seu gênero e etnia (Labov 2006 [1966], p. 363; ver Figura 2).

Figura 22 - Covariação entre (eh) e (oh) no inglês de Nova Iorque



FONTE: Labov 2006 [1966], p. 363)



Em estudo mais recente, Guy (2013) constata que covariação pode ocorrer entre variáveis de níveis linguísticos diferentes, isto é, de natureza fonológica e sintática. Ao estudar a covariação no Português do Rio de Janeiro, o autor mostra que o apagamento de (-s) em coda (*menos* vs. [*meno*]) covaria com a concordância nominal (quanto maior a tendência ao apagamento, menor a tendência à concordância), e que a desnasalização (*vagem* vs. *vag[e]*) covaria com a concordância verbal de terceira pessoa do plural (quanto maior a tendência à desnasalização, menor a tendência à concordância verbal).

Figura 23 - Covariação entre apagamento de -s e Concordância Nominal

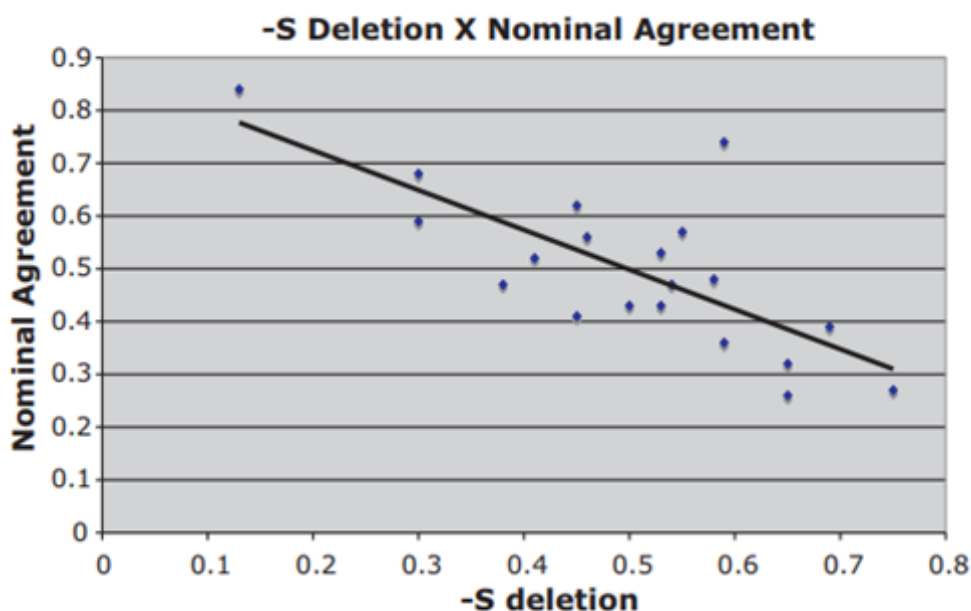


Fig. 3. A trading relation: -S deletion by Nominal Agreement ( $r = -.74$ ,  $p < .005$ ).

FONTE: Guy (2013, p.67-68)

Figura 24 - Desnasalização e concordância verbal de terceira pessoa do plural.



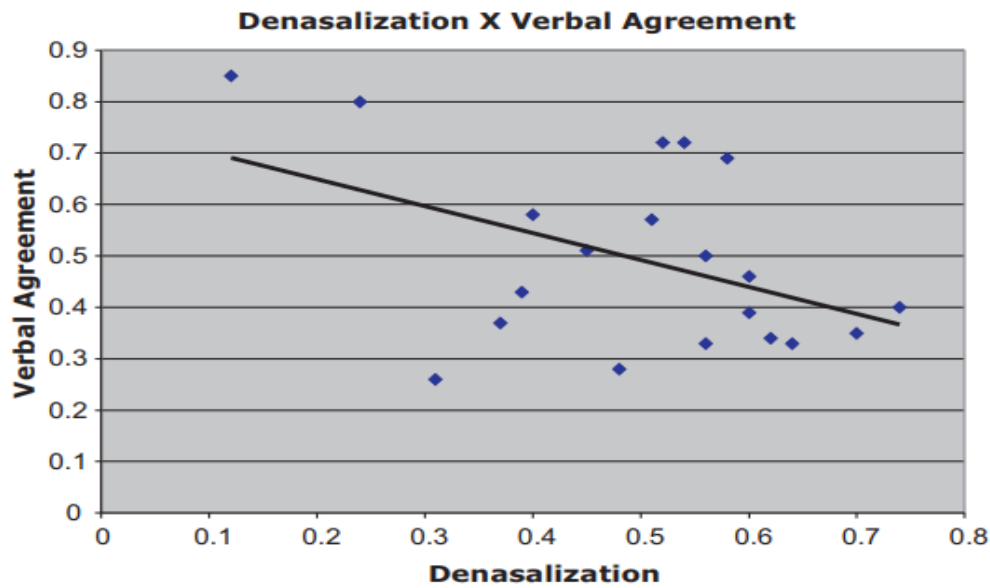


Fig. 4. A trading relation: Denasalization by Verbal Agreement ( $r = -.45$ ,  $p < .05$ ).

FONTE: Guy (2013, p.67-68)

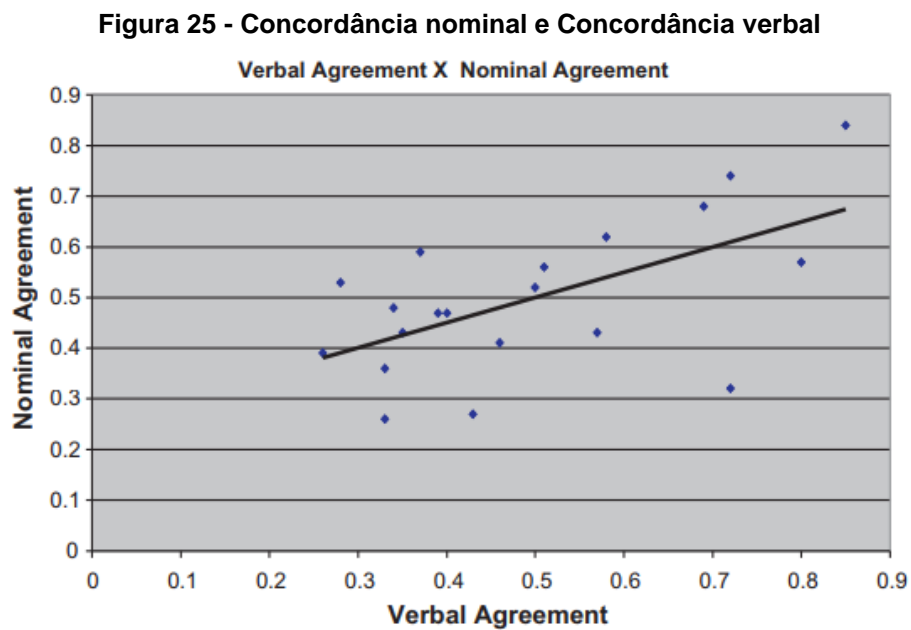


Fig. 5. An abstract syntactic relationship? Verbal and Nominal Agreement ( $r = .59$ ,  $p < .01$ ).

FONTE: Guy (2013, p.67-68)

Conforme Guy (2013), em ambos os casos, também há motivações internas à língua para prever que esses pares de variáveis se correlacionem, uma vez que, em Português, a marca de plural em nomes frequentemente se

realiza com –s, e a marca de terceira pessoa do plural nos verbos em muitos casos se realiza com a nasalização.

Segundo Oushiro (2015), o estudo da covariação propõe-se a verificar se múltiplas variáveis se correlacionam nos usos de falantes individuais e, em caso afirmativo, quais fatores sociais e linguísticos a motivam. Conforme a autora, a questão principal é: falantes que tendem a empregar a variante *x* de uma variável A também tendem a empregar a variante *y* de uma variável B, ou as variáveis se encaixam independentemente umas das outras no sistema linguístico e social?

Na busca por resposta à questão levantada pela autora, este trabalho investiga possíveis correlações entre variáveis fonético-fonológicas, traços do contato com variedades dialetais italianas que caracterizam hoje o português local: a ‘troca’ do ditongo nasal –ão por –on (*coração* é pronunciado *coraçon*, *verão* é pronunciado *veron*, etc) e a ‘troca’ da vibrante múltipla por tepe (*garrafa* é pronunciada *garafa*, *parreira* é pronunciada *pareira*, etc), com objetivo de identificar e discutir os condicionadores linguísticos e sociais que impulsionam ou inibem os processos e verificar se, em covariação, os processos apresentam coerência em seus padrões de aplicação em categorias sociais relevantes.

Na medida em que as variáveis linguísticas sistematicamente covariam, elas podem ser investigadas em sua coerência, segundo Guy e Hinskens (2016), isto é, pode-se verificar se as múltiplas variáveis linguísticas co-existentes têm distribuição semelhante, tanto internamente como na comunidade de fala em geral. No nível da comunidade de fala, a questão é se (socialmente) falantes de perfil social similar têm padrões de uso semelhantes das variáveis. Para mostrar o paralelismo parcial entre o sistema linguístico mais e menos coerente, os autores citam Le Page e Tabouret-Keller (1985), que fazem a distinção entre comunidades com normas linguísticas focadas e comunidades com normas linguísticas difusas; a última caracteriza uma situação sociolinguística instável e altamente dinâmica, como em casos de repertórios verbais em torno de uma língua crioula.

Para os autores, os falantes, de forma ativa e idiossincrática, selecionam, a partir de uma paleta de variantes disponíveis em suas comunidades de prática, as alternantes necessárias para construir identidades,

posições e estilos – isso, segundo Guy e Hinskens (2016), é o que Eckert (2008) caracteriza como *bricolagem*. Nessa perspectiva, questiona-se o conceito de sistema linguístico mais ou menos coerente em uma situação de fenômenos variáveis múltiplos, todos e cada um com sua própria distribuição.

Quando Guy e Hinskens (2016) falam de pano de fundo conceitual e teórico, estão falando sobre as características similares que membros de uma comunidade compartilham e que definem a identidade da língua ou dialeto da comunidade, ao mesmo tempo em que cada indivíduo mostra uma diversidade considerável fazendo escolhas próprias quanto ao estilo de fala, identidade e atitudes. Os autores dizem que o contraste entre o mútuo e o idiossincrático é um desafio tanto para o falante quanto para pesquisadores do assunto, e que o problema central é: quanto e em que medida os usos de falantes em uma mesma comunidade são similares ou diferentes?

Essa questão que os autores levantam também poderia ser feita sobre uma determinada região como a RCI-RS, buscando-se resposta na comparação dos padrões de variação das comunidades que fazem parte dessa região.

Conforme Guy e Hinskens (2016), não deve ser improvável chegar à constatação da coerência, uma vez que são muitos os componentes que não variam em uma comunidade de fala. Porém, existem entendimentos conflitantes entre pesquisadores quanto aos elementos variáveis que a comunidade entende como diferenciadores de estilos e grupos de falantes ou indexadores de significados sociais, e, também, quanto ao modo como a diversidade sociolinguística opera.

Uma perspectiva como a laboviana enfatiza a diversidade ordenada, que diz que as comunidades de fala são sociolinguisticamente coerentes, ou seja, as variáveis linguísticas que definem a comunidade devem comportar-se coletivamente e em paralelo: variantes que indexam um dado estilo, *status* ou características sociais devem co-ocorrer.

Já outra perspectiva, com foco no uso da língua pelo falante, enfatiza a atuação individual, isto é, cada falante em qualquer interação social é inevitavelmente revelador, ou deliberadamente expressivo, e as ferramentas que esse falante utiliza para construir sua identidade e transmitir seu propósito, atitude ou intenção incluem as variáveis linguísticas com significados sociais

simbólicos. Portanto, nessa visão, cada variante que o falante usa em uma interação pode indexar uma intenção distinta e qualquer combinação dada não é coerente ou incoerente, mas sim expressiva e diferenciada. Essa é a abordagem da bricolagem, de Eckert (2004).

Segundo Guy e Hinskens (2016), estudos recentes de variação etnoletal mostram ainda outra faceta da dicotomia indivíduo-comunidade, nomeadamente a distinção entre abordagem centrada na língua e abordagem etnográfica. Enquanto a abordagem etnográfica concebe o sistema linguístico como um recurso para criação linguística potencialmente infinita, de que os falantes podem se valer livremente para formar sua identidade, a abordagem centrada na língua tenta desembaraçar as regras, generalizações e restrições nesses recursos.

Para os autores, nem a abordagem da coerência e covariação nem a abordagem da bricolagem são fortes o suficiente em todos os aspectos. A coerência e a covariação desempenham um importante papel na atuação da identidade. A bricolagem, por outro lado, é linguisticamente um mecanismo superficial, isto é, não pode ir além de fenômenos os quais estão sujeitos a manipulação consciente. Isso excluiria, portanto, muitos processos fonético-fonológicos investigados na pesquisa variacionista quantitativa, que ocorrem abaixo do nível da consciência.

Embora a visão subjacente de comunidade, de construção/bricolagem da identidade e heterogeneidade ordenada tenham implicações diferentes para o conceito de coerência, não está claro que elas sejam incompatíveis. Para obter sucesso na comunicação, os falantes dependem tanto da língua enquanto sistema (com a variação ordenada) quanto da manipulação consciente de algumas variáveis para interagir com seus interlocutores.

Guy e Hinskens (2016) afirmam que, se as variedades são coerentes, as variáveis associadas a elas deveriam covariar no uso individual. Se a covariação está ausente, o conceito de variedade linguística precisa ser redefinido.

Há uma ressalva importante para a pesquisa relacionada à covariação. Certas mudanças linguísticas geradas internamente podem correlacionar-se devido às relações estruturais entre elas.

Assim sendo, os autores resumem as questões levantadas por eles a esse respeito da seguinte forma:

- 1) Quais variáveis estão correlacionadas e quais não? Em que medida e de que maneiras variáveis caracteristicamente associadas a um dialeto ou à comunidade de fala covariam? Quais variáveis/domínios de covariação linguística estão envolvidos na mudança em progresso e quais tendem a ser constantes?
- 2) Em que medida e de que maneira os falantes selecionam e combinam variantes em uso? Como podem selecionar e combinar livremente, em seu uso, elementos pertencentes a uma gama de recursos existentes?
- 3) Quão similares ou diferentes são as indexicalidades de formas linguísticas particulares? Existem grupos de variantes que coerentemente indexam ou estão associados com certos valores sociais? Qual papel a indexicalidade de marcas desempenha ou não na existência de agrupamentos?
- 4) Por quais meios linguísticos os falantes refletem ou executam suas identidades linguísticas?
- 5) Existem líderes socialmente identificáveis de mudanças que tendem a usar todas as variantes inovadoras juntas, ou são inovações diferentes, sujeitas a interpretações sociais diferenciadas e padrões individualizados de uso? Quando a mudança está em andamento, quanto é que os membros de uma comunidade de fala realmente compartilham? E o que isso significa para a verdadeira definição de uma comunidade de fala, de um dialeto ou de uma língua? Em que ponto podemos falar sobre uma variedade separada?
- 6) Quando usos correlacionados são encontrados, eles são melhor compreendidos como indicadores da coerência social de uma variedade, ou como consequências (talvez inevitáveis) de fatores estruturais ou fatores históricos?
- 7) Alguns tipos de variedades linguísticas (dialeto locais) são mais coerentes que outros estilos linguísticos (estilos de fala)? Se sim, por quê? Quais papéis a percepção e a avaliação desempenham?

Guy e Hinskens (2016) concluem que a busca de coerência entre vários fenômenos variáveis vai além do que se tem obtido na investigação de

variáveis linguísticas individuais em isolado. Essa abordagem permite aprofundar a compreensão da variação linguística e da diversidade, especialmente por confirmar a subdivisão da comunidade de fala em domínios comunitários menores, cada um com seu DNA variacional característico, e também por esclarecer as afiliações dos indivíduos a esses domínios comunitários. É o que se busca nesta tese.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 AS VARIÁVEIS INVESTIGADAS

Para a definição das variáveis investigadas nesta tese, levamos em consideração alguns traços fonético-fonológicos do contato com variedades dialetais italianas no português falado em Flores da Cunha abordados em outros estudos sobre a variação fonológica entre falantes bilíngues na mesma comunidade: o emprego variável de tepe em lugar de vibrante (AZEREDO, 2012), a palatização de /t/ e /d/ (BATTISTI e DORNELLES FILHO, 2015) e vocalização de /l/ em coda (BATTISTI e MORAS, 2016). Antes da revisão dos estudos sociolinguísticos em si, faremos a caracterização fonético-fonológica de cada variável estudada, para esclarecer os aspectos estruturais e articulatórios envolvidos nos processos variáveis em questão.

#### 2.1.1 A realização da vibrante

Há controvérsia quanto ao *status* fonológico da consoante vibrante no português. Enquanto alguns autores defendem a existência de dois fonemas distintos – a vibrante múltipla e o tepe –, outros dizem existir apenas um fonema na estrutura profunda, que se manifesta na fala de duas formas. Revisaremos apenas Câmara Jr (2000 [1970]) e Monaretto, Quednau e Hora (2005) para ilustrar esse debate.

Câmara Jr (2000 [1970]), seguindo princípios da fonologia estruturalista, aborda o elenco de fonemas consonantais do português. Para tanto, examina a posição de início de sílaba. Segundo o autor, o *r* brando e o *r* forte fazem parte desse elenco.

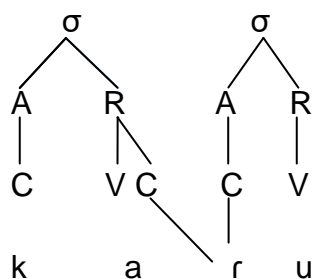
O autor afirma que, na fonologia, o sistema invariante se desdobra em alofones. O /r/ de *ferro* possui diversos alofones, podendo esses ser uma vibração prolongada da ponta da língua junto aos dentes superiores (*r* múltiplo), ou uma vibração da língua junto ao véu palatino (*r* velar), ou uma vibração da úvula, na parte externa do véu palatino (*r* uvular) ou uma forma de

fricção da faringe (*r* fricativo não lingual, foneticamente semelhante ao /h/ aspirado inglês, onde simplesmente não há na faringe nenhuma fricção).

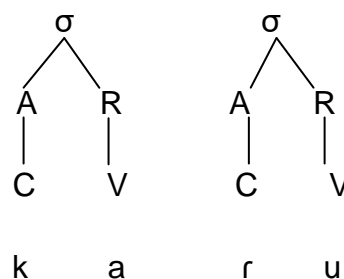
Câmara Jr (2000 [1970]) diz que a diferença entre fonema e alofone é a capacidade que o fonema tem de distinguir as formas da língua. Para o autor, o *r* forte é um fonema oposto ao *r* brando em posição intervocálica porque, com ele, se distingue: *erra* de *era*, *carro* de *caro*, entre outros.

Monaretto, Quednau e Hora (2005) seguem os princípios da fonologia autossegmental para explicar a existência somente do fonema vibrante brando (tepe) na estrutura da língua portuguesa. Conforme os autores, na teoria autossegmental os segmentos são definidos em nós de raiz em uma estrutura ramificada de traços fonológicos hierarquizados. É somente em posição intervocálica que o tepe contrasta com uma vibrante forte (*careta* é diferente de *carreta*), a geminada produzindo mudança de significado. Citando Monaretto (1992,1997), afirmam que “há um único fonema *r* e que a vibrante múltipla intervocálica funciona como uma geminada heterossilábica”. Assim, na palavra *caro*, o fonema da subjacência se superficializa, já na palavra *carro*, há duas vibrantes fracas, uma em posição de final de sílaba, outra em posição inicial, formando, juntas, uma vibrante forte. Como mostra o esquema apresentado pelos autores:

a) *carro* = kar<sub>+</sub>ru



b) *caro* = ka + ru



Fonte: Monaretto, Quednau e Hora (2005, p.225)

Em (a), os dois *r* fracos são reunidos em um só no nível melódico em virtude do OCP<sup>13</sup> (*Obligatory Contour Principle*, ou Princípio do Contorno Obrigatório), princípio da fonologia autossegmental que proíbe segmentos adjacentes idênticos nesse nível, mas duas posições temporais são ocupadas. É o que caracteriza uma geminação.

<sup>13</sup> Ver Bisol (2005) a respeito.



Monaretto, Quednau e Hora (2005) concluem, conforme essa análise, que a vibrante é representada na estrutura subjacente apenas por uma unidade fonológica, o *r* fraco, o qual o sistema interpreta como *r* forte se tiver duas linhas de associação, e como *r* fraco, se tiver uma. Conforme os autores, em início de palavra, por uma regra particular, ele se converte em *r* forte.

### 2.1.2 Palatalização de /t/ e /d/

A palatalização de /t/ e /d/ sob a influência da vogal /i/ subjacente ([tʃ]ia, [dʒ]ia), da vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona (gen[tʃi], ond[dʒi]) ou do glide [j] (pá[tʃj]o, ó[dʒj]o) é um processo assimilatório que, conforme Battisti e Dornelles Filho (2015), afeta as consoantes em seu ponto de articulação – a ponta da língua passa a tocar uma porção maior do articulador passivo, dos alvéolos ao palato duro, pelo erguimento da língua necessário à produção da vogal anterior alta seguinte – e também em seu modo de articulação – africatação das consoantes, isto é, um pequeno escape de ar ao final de sua articulação, pelo aumento do tempo de soltura.

Battisti e Dornelles Filho (2015) referem Monaretto, Quednau e Hora (2005) para explicar que, na visão linear e seguindo os padrões do SPE<sup>14</sup>, a palatalização consiste no fato de uma consoante [-cont, +ant, +cor...], ou seja, /t,d/ tornar-se [-ant, +alt, +met ret], isto é, africada, diante de vogal ou glide [+ant, -post...], ou seja [i, j]. Assim, a palatalização é vista como cópia de traços do segmento vizinho.

Já na perspectiva Autossegmental e pela Geometria de Traços, afirmam Battisti e Dornelles Filho (2015) que se pode conceber a palatalização tal qual faz Hora (1990, 1993). O autor considera as vogais como coronais ou dorsais e o traço presente em ambos os segmentos envolvidos no processo, alvo e gatilho, é o coronal, que se estende da vogal para consoante. Sob essa perspectiva, a palatalização das coronais é vista como:

mudança de uma consoante simples para complexa: o traço [coronal] da vogal se espraia ao nó de Ponto da consoante, convertendo [+anterior] em [-anterior]. A consoante passa, assim, a ter uma articulação primária (consonantal) e uma

<sup>14</sup> SPE= Sound Pattern of English, de Chomsky e Halle (1968)

secundária (vocálica), daí sua complexidade. (BATTISTI e DORNELLES FILHO, 2015, p.224)

### 2.1.3 Vocalização de /l/ em Coda Silábica

De acordo com Câmara Jr. (1998), na língua portuguesa /l/ é uma consoante líquida lateral, de articulação dental, uma vez que a ponta da língua toca a arcada dentária superior e a corrente de ar escapa pelos lados.

Battisti e Moras (2015, p.39) explicam que, no sistema fonológico do português, há dois tipos de consoantes laterais e ambas podem ocorrer em posição de *onset* silábico, isto é, antes da vogal: o fonema /l/, que se realiza como dental ou alveolar ([l]): *lado, sala, lua* e /ʎ/, que se articula na região posterior ou palatal, correspondendo à lateral palatal (*folha*). Já em posição pós-vocálica, ou seja, em coda silábica (*alto, sol, volta*), o fonema /l/ realiza-se como ([ɫ]) ou vocalizado ([w]).

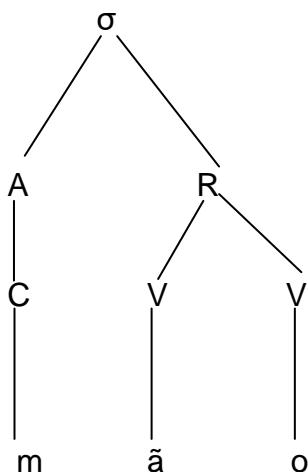
Segundo Monaretto, Quednau e Hora (2005), se interpretado com base na proposta da Geometria de Traços (Clementes, 1985, 1989b, 1991), o processo de velarização deve ser visto como a adição do nó vocálico à lateral coronal alveolar. A esse nó está associado PV (ponto de articulação da vogal), ao qual se liga o traço [dorsal]. O processo de vocalização consiste no desligamento do traço [coronal], que caracteriza /ɫ/ velarizado como consoante. Perdendo esse traço, o segmento resultante fica somente com o traço vocálico [dorsal].

Conforme Monaretto, Quednau e Hora (2005), de acordo com a fonologia lexical (BOOIJ E RUBACH, 1984,1987), percebeu-se, com base na análise de alguns exemplos, que a variação /ɫ/ ~ /w/ é pós-lexical para os indivíduos que possuem as duas variantes, isto é, eles esperam pela ressilabação que ocorre no componente pós-lexical e só depois aplicam as regras mencionadas. Para os indivíduos que não praticam a variação, ou seja, só têm [w] na referida posição, a regra foi alçada para o componente lexical pós-cíclico. Portanto, a vocalização no português brasileiro pode ser lexical e pós-lexical numa mesma comunidade de fala.

#### 2.1.4 A alternância -ão::-on

Definimos ditongo como uma sequência de duas vogais em uma mesma sílaba, sendo uma delas a vogal-núcleo, que representa o pico de sonoridade, e a outra a semivogal que é mais fraca e situa-se à margem da sílaba. Em língua portuguesa, verificam-se ditongos orais e ditongos nasais. Por ditongo oral entende-se a junção de duas vogais orais na mesma sílaba, *cai-xa*, por exemplo. Os ditongos nasais ocorrem quando há uma junção de duas vogais nasais ou de uma vogal nasal e uma oral na mesma sílaba, como em *sa-bão*.

Collischonn (2005, p. 102) diz que “uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto núcleo, pode ser vazia”. Sobre os ditongos, a autora diz que alguns apresentam variação com monotongos e outros, não. Pode-se dizer que os primeiros são ditongos leves ou falsos, ligados a um único elemento V e os segundos são ditongos verdadeiros, ligados a dois elementos V. Conforme a concepção de Collischonn (2005, p. 124), o ditongo nasal seria representado da seguinte maneira:



Sabe-se que a língua portuguesa originou-se no latim e que grande parte de seu léxico provém desse idioma. Durante o período de formação do português, houve modificações no âmbito da semântica, fonética, fonologia e morfologia, porém tais mudanças não foram significativas o suficiente para que nosso idioma perdesse suas bases latinas. Os ditongos nasais, alvo desta tese, não ficaram de fora das transformações que ocorreram na passagem do latim para o português.

Coutinho (1970, p.11) diz que o ditongo **-ão** representa modernamente as formas do português arcaico *-ão*, *-am*, *-om*, equivalentes ao latim *-anu*, *-ane*, *-one*, *-ine*, *-unt*, *-um*, *-on*, *-ant*, *a(d)unt*. Segundo o autor, no português arcaico, o atual ditongo *-ão* era representado por *-om* nos substantivos e verbos que em latim terminavam em *-one* e *-udine*, os primeiros, e *-unt*, os últimos, por exemplo: *port. arc. sermom*, *lat. sermone*, *ita. sermone*, *port. sermão*.

Nesta tese, faremos uma revisão apenas de estudos sobre os ditongos nasais, uma vez que em nossa pesquisa uma das marcas de interferência das variedades dialetais italianas no português investigadas na comunidade bilíngue de Flores da Cunha (RS) é a realização do ditongo nasal **-ão** como **-on**.

Conforme Câmara Jr. (1977, p.50), os ditongos nasais isto é, *-ão*, *-ãe*, *-õe* e *-uiN* devem ser entendidos como ditongo mais arquifonema nasal. Conforme o autor, *mão*, *mãe*, *põe* e *muito* são representados, respectivamente, como /maiN/, /mauN/, /poiN/ e /muiNto/. O que, de acordo com Battisti (1997), se apresenta problemático nessa representação é que a presença do arquifonema nasal após o ditongo acaba por violar o padrão silábico máximo do português, que é CCVCC. De acordo com a autora, essa violação ao padrão silábico constitui um problema para a proposta de Câmara Jr., o que sugeriria, pelo menos em relação aos ditongos nasais, que a nasalidade não pode ser atribuída à presença de um arquifonema nasal na estrutura desse tipo de sílaba.

Já para Cagliari (1977), os ditongos *-ãe*, *-õe*, *-uiN* e *-ão* tônicos são sempre nasalizados se a consoante nasal não vem à superfície. Realizada a consoante nasal, o ditongo pode ou não ser nasalizado, e a qualidade da consoante nasal é determinada pela vogal.

Bisol (1998) segue a ideia de Câmara Jr. A autora acredita que todos os ditongos nasais da língua portuguesa derivem de uma sequência de vogal mais consoante nasal, ocupando duas posições na linha prosódica. Para a autora, a diferença entre os ditongos que se mantêm e os que se reduzem está no fato de os primeiros se originarem de vocábulos que apresentam marcador de classe no léxico, o que implica atribuição de vogal temática durante a derivação. Já os segundos têm como base vocábulos sem marcador de classe

no léxico, não sendo atribuída a eles a vogal temática. O glide dos primeiros surge da vogal temática, o dos segundos resulta do próprio processo de nasalização.

Conforme Battisti (1997, p.12), os ditongos nasais (tônicos) do português brasileiro são *-ão*, *-ãe*, *-õe* e *-ui(N)*, como em *mão*, *mãe*, *põe* e *muito*. Segundo a autora, o que mais aparece em nosso idioma é o ditongo *-ão*, o que menos aparece é *-ui(N)*, sendo este último encontrado em *muito*, apenas, ou numa variável pronúncia monossilábica de *ruim*. Os outros dois, *-ãe* e *-õe*, correspondem, na maioria das vezes, à flexão de plural de *-ão*: *alemão-alemães*, *leão-leões*.

Battisti (1997, p.13) diz que o ditongo *-ão* pode ser átono, também, como em *órgão*, *órfão*, *bênção*. Nesse contexto, é passível de redução, o que se verifica com bastante frequência em formas verbais de primeira e terceira pessoa de plural, como *cantavam*, *cantaram*.

Wetzels (1997) diz que o Português Brasileiro (PB) tem um número limitado de ditongos nasais, sendo que três deles ocorrem em vocábulos não derivados: *ão* (*mão*), *ãj* (*mãe*), *ũj* (*muito*). Para Wetzels (1997), esses ditongos geralmente ocorrem em final de palavra e atraem o acento, o que prova, como no caso das vogais nasais, a ideia de derivarem de uma sequência bimoraica subjacente. O autor interpreta que as vogais nasais são /VN/ na subjacência, e os ditongos nasais são /VÑ/. Bem como Battisti (1997), Wetzels (1997) afirma que o ditongo *-ão* é o que mais aparece em língua portuguesa.

Assim como a língua Portuguesa, a italiana é derivada do latim e também passou por processo de evolução. Tratando-se de ditongos nasais, se em português, o *n* intervocálico nasalizou a vogal precedente e caiu, o mesmo não ocorreu com o italiano. Segundo Frosi e Mioranza (1983), a evolução se processou da seguinte maneira: *one*>*on*, no sistema dialetal italiano, e *one*>*ão*, no sistema da língua portuguesa. Os autores explicam que o falante que têm como língua materna o dialeto italiano, habituado a nunca ouvir *-ão*, não consegue distingui-lo de *-on* na fala em língua portuguesa. Sendo assim, o ditongo nasal tônico *-ão* alterna com *-on* apenas na fala em língua portuguesa de bilíngues português-variedades dialetais italianas.

Tomiello (2005), com dados provenientes do BDSer, pesquisou a alternância *ão~on* do ditongo nasal na fala em língua portuguesa de ítalo-

descendentes em uma comunidade rural na cidade de São Marcos/RS. O estudo da autora foi baseado na Teoria da Variação Linguística de Labov (1969) e a Variação como Prática Social de Eckert (2000/2005).

A autora combina a metodologia quantitativa laboviana a técnicas etnográficas, de modo a investigar o valor (simbólico) das alternantes, que segundo ela, é ligado intimamente a uma identidade de grupo em que práticas sociais têm lugar.

Tomiello (2005), através da observação das práticas de uma família, verificou que esta constituía um grupo coeso que trabalhava a terra e praticava a fala bilíngue. Nela, os pais são os membros da família dedicados às atividades rurais e aqueles que realizam mais *-on*, ao contrário dos filhos, que têm atividades urbanas, têm mais escolarização, convivem mais com o grupo monolíngue-português e realizam mais *-ão*. Apesar de bilíngue, a mãe produz menos *-on* do que o pai. Ambos trabalham a terra e possuem o mesmo grau de escolarização, mas cabe à mãe o contato diário mais intenso com os filhos, com quem pratica o português.

A autora verificou que variáveis extralinguísticas como Idade, Escolaridade e Gênero são significativas na ocorrência de *-on*. Quanto às variáveis linguísticas, segundo a autora, as que tiveram destaque foram: Número de Sílabas do Vocábulo e Contexto Fonológico Precedente.

A caracterização fonético-fonológica das variáveis, realizada neste capítulo, mostrou que a variação é motivada inicialmente por pressões estruturais e, eventualmente, por interferência de uma língua na outra, também por diferenças na estruturação interna das línguas em questão. No capítulo que segue, veremos que pressões sociais podem contribuir para a coerência dialetal, quando esta se verifica.

### 3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FLORES DA CUNHA: INVESTIGANDO COERÊNCIA DIALETAL

Resultados de análises de regra variável (LABOV, 1972) anteriores na mesma comunidade de fala, Flores da Cunha (RS), podem contribuir para a investigação de coerência dialetal pretendida. Revisamos aqui três delas, de Azeredo (2012), Battisti e Dornelles Filho (2015), Battisti e Moras (2016) para depois analisar os dados de nossa pesquisa. Todos os estudos citados foram feitos em tempo real utilizando dados levantados das mesmas entrevistas dos bancos VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul) e o do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha) de que retiramos os dados deste trabalho.

Comparando os resultados dessas pesquisas, procuraremos verificar se sugerem convergência na aplicação de diferentes processos de variação fonológica em Flores da Cunha.

#### 3.1 PESQUISAS VARIACIONISTAS EM FLORES DA CUNHA

Azeredo (2012) utilizou 20 entrevistas sociolinguísticas de informantes do VARSUL e vinte do BDSer para investigar o emprego de tepe em lugar de vibrante em *onset* silábico em Flores da Cunha. Utilizou o pacote de programas VARBRUL, versão Goldvarb X, para o processamento estatístico dos dados. Nos dados do VARSUL, a autora verificou uma proporção total de aplicação da regra de 41%. E nos dados do BDSer, a proporção total de aplicação foi de 31%. As variáveis linguísticas controladas foram: Tonicidade da Sílabas, Posição da Sílabas e Número de Sílabas. As variáveis extralinguísticas controladas foram: Gênero, Idade, Escolaridade e Bilinguismo.

Ao comparar os dados dos projetos VARSUL e BDSer, Azeredo (2012) observou que, mesmo com uma diferença de quase 20 anos entre a realização de uma e outra coleta de dados, o comportamento dos informantes mostrou-se semelhante. Os fatores favorecedores da troca da vibrante por tepe são, na posição da sílabas na palavra, as sílabas mediais e, quanto ao número de

sílabas, as palavras trissílabas. O fator Tonicidade foi excluído pelo programa tanto na análise dos dados do VARSUL, quanto do BDSer.

Nos dados de Azeredo (2012), as variáveis sociais que se mostraram relevantes para a aplicação da regra foram: gênero, escolaridade e bilinguismo. Quem emprega mais o tepe em contexto em que se espera a vibrante são os homens, menos escolarizados e bilíngues ativos (falam e entendem variedades dialetais italianas).

Para a variável Idade, Azeredo (2012) obteve resultados diferentes na análise de dados de cada um dos bancos. Enquanto para o VARSUL a variável Idade não foi selecionada como significativa, para o BDSer o resultado foi contrário à expectativa inicial da autora, que era a de que quanto maior fosse a idade do informante, maior seria a aplicação da regra. Nos dados do BDSer, os jovens condicionam a troca de vibrante por tepe. A autora acredita que tal resultado tenha sido devido ao local de residência: a zona rural. Ao ter acesso às fichas sociais dos informantes, Azeredo (2012) percebeu que os mais jovens residiam, em sua maioria, na zona rural do município. Conforme o estudo de Battisti e Martins (2011), moradores da zona rural, por terem um maior contato com o dialeto italiano, produzem mais o tepe no lugar da vibrante. Azeredo (2012) não controlou a variável Local de Residência porque o VARSUL não distingue informantes rurais de urbanos.

Tais resultados levam a autora a afirmar que o emprego de tepe em lugar de vibrante nessa comunidade parece estar estável. É o que mostra a comparação dos grupos etários. Em 1990, quando foram coletados os dados do projeto VARSUL, os informantes no grupo 40 a 59 anos eram os que menos empregavam a regra variável. Esse grupo, na faixa dos 60 ou mais anos nas entrevistas do BDSer, seguiu sendo o grupo etário que menos emprega tepe, levando a autora a concluir que esses informantes tenham mantido seu comportamento linguístico ao longo de 20 anos.

Battisti e Dornelles Filho (2015) investigam a palatalização de /t/ e /d/ em tempo real, estudo de tendência, no português falado em Flores da Cunha, também com dados do VARSUL e BDSer. Os dados levantados pelos autores são de vinte e quatro entrevistas, doze de cada banco, e foram codificados conforme as seguintes variáveis: variável dependente, palatalização de /t d/ desencadeada por vogal anterior alta subjacente /i/ (*tia*~[tʃ]ia, *dia*~[dʒ]ia) ou por



[ɪ] derivado de /e/ em sílaba átona (*gente~gen[tɪ]*, *onde~on[dʒɪ]*). Variáveis independentes sociais são Idade (25-39, 40-59, 60 ou mais anos) e Sexo/Gênero (feminino, masculino). As variáveis independentes linguísticas são Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, *Status* da Vogal Alta, Qualidade da Consoante-Alvo, Posição da Sílaba na Palavra, Tonicidade. Os dados dos autores foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL, versão Goldvarb X.

Battisti e Dornelles Filho (2015), ao comparar os dados do VARSUL e BDSer, constataram que a aplicação da palatalização vem sendo incrementada com o passar dos anos, o que significa que há variação na mudança em progresso. Tanto o valor de *input* (0,37 no VARSUL, 0,53 no BDSer) quanto a proporção total de aplicação da regra (41,7% no VARSUL, 51,7% no BDSer) aumentaram. Conforme os autores, os jovens seguem condicionando a palatalização (0,59 no VARSUL, 0,82 no BDSer). As variáveis linguísticas condicionadoras são *Status* da Vogal Alta e Qualidade da Consoante-Alvo, em seus fatores vogal alta fonológica e consoante-alvo desvozeada, respectivamente; e as variáveis sociais Idade e Sexo/Gênero, em seus fatores 25 a 39 anos e feminino. Segundo os autores, uma explicação para o efeito condicionador do grupo etário mais jovem, como já sugerido por Battisti e Dornelles Filho (2012), está no fato de os jovens de Flores da Cunha terem, hoje, mais mobilidade territorial: deslocam-se a centros urbanos maiores para estudar, trabalhar e, eventualmente, para atividades de lazer, mas retornam a Flores da Cunha, onde seguem residindo, mesmo que não seja na zona rural (na 'colônia', no vocabulário local). Com isso, aumentam as oportunidades de interação com pares de outras comunidades, tornando sua fala suscetível a inovações como a palatalização, mas ainda assim estão expostos ao padrão local. Os resultados da variável Sexo/Gênero também chamam atenção. Os pesos relativos obtidos na análise dos dados VARSUL e BDSer mostraram o fator feminino como condicionador da palatalização em Flores da Cunha. Contudo, as proporções de aplicação do fator masculino foram significativas: houve aumento de 17% para 40% de aplicação da regra pelo fator masculino da amostra do VARSUL para a do BDSer, e diminuição de 65% para 59% de palatalização pelo fator feminino.

Battisti e Moras (2016) também utilizaram entrevistas sociolinguísticas de informantes de Flores da Cunha dos bancos VARSUL e BDSer para a análise em tempo real da vocalização da consoante lateral em coda silábica. As autoras levantaram dados de vinte e quatro entrevistas – doze do VARSUL e doze do BDSer – e controlaram as seguintes variáveis: vocalização de /l/ em coda silábica (*almoço~a[w]moço, futebol~futebo[w]*) como variável dependente. As variáveis independentes sociais foram Sexo/gênero (masculino e feminino) e Idade. As independentes linguísticas foram Contexto fonológico precedente, Contexto fonológico seguinte, Tonicidade da sílaba, Posição da lateral. Os dados foram submetidos ao programa RBrul (Johnson 2015).

A análise de Battisti e Moras (2016) revelou haver vocalização de /l/ em coda silábica em Flores da Cunha em 1990 (dados do VARSUL), na proporção total de 12%. O processo progrediu na comunidade em vinte anos e, em 2008-2009 (dados BDSer), atingiu uma proporção relativamente alta, de 77%. O padrão de vocalização variável da lateral em coda se modificou no período, principalmente no que diz respeito às variáveis linguísticas.

Segundo as autoras, as variáveis selecionadas pelo programa nas rodadas de dados dos dois bancos foram: Idade, Contexto Fonológico Seguinte e Tonicidade. Conforme Battisti e Moras (2016), o processo é condicionado pelos falantes jovens tanto em 1990 quanto em 2008-2009, mas, em relação à tonicidade da sílaba, as tônicas deixam de ter papel no período mais recente. Nos dados de 1990 (VARSUL), eram as sílabas tônicas que favoreciam a vocalização. Já em 2008-2009 (BDSer), essa função passou a ser exercida em maior proporção pelas sílabas pretônicas. Quanto ao contexto fonológico seguinte, também se observou aumento nos efeitos fonotáticos. Na amostra de 1990 (VARSUL), a vocalização da lateral ocorre em maior proporção em pausa ou no contexto de consoante labial seguinte. Já na amostra de 2008-2009 (BDSer), a vocalização da lateral em coda tende a se verificar quando a consoante é seguida de vogais posteriores, consoantes labiais e altas, segmentos que compartilham traços com o alvo.

Contudo, Battisti e Moras (2016) afirmam que o que chamou atenção foi o incremento brusco da aplicação da regra, isto é, 12% em 1990 (VARSUL) e 77% em 2008-2009 (BDSer). De acordo com as autoras, o caráter pouco gradual do progresso da vocalização de /l/ em coda em Flores da Cunha atesta

que o avanço não se explique apenas como mudança geracional, mas também seja efeito de mudanças que ocorreram na comunidade de fala e, como consequência, afetaram o desempenho individual.

Comparando os resultados gerais dos três estudos revisados aqui, percebemos que as formas desprestigiadas dos processos em questão são favorecidas pelos mesmos fatores sociais. Ao compararmos, por exemplo, as variáveis Sexo/Gênero e Idade, averiguamos que, no geral, são homens de mais idade os que mais empregam *tepe* em lugar de *vibrante*, também são eles que menos palatizam /t/ e /d/ e menos vocalizam // em coda silábica. Esse resultado nos mostra que há coerência dialetal na comunidade de fala em estudo.

Nesta tese, com base em dados de fala provenientes dos acervos VARSUL (1990) e BDSer (2008-2009), será analisada em tempo real, estudo de tendência, a variação do ditongo nasal –*ão*, na alternância -*ão/-on* como em *mão~mon*, *região~region*, na fala de descendentes de italianos também residentes em Flores da Cunha.

#### 4 METODOLOGIA

O estudo de variação sociolinguística em tempo real (LABOV, 1994) é aquele que analisa um processo variável em dois momentos no tempo. Compara resultados da análise de um processo de variação em dados coletados em diferentes períodos. Para a validade científica de um estudo em tempo real, a coleta de dados deve ser realizada com métodos semelhantes aos utilizados para a pesquisa em tempo aparente. O tipo de entrevista, a sua duração, a comunidade, o perfil e o número de falantes devem ser os mesmos. A comparação do padrão de variação em duas ou mais amostras pode revelar se há uma mudança em progresso ou se há uma variação estável numa dada comunidade.

Ainda na perspectiva de análise em tempo real, Labov (1994) faz a distinção entre duas maneiras de coletar os dados: *Estudos de Painel* que, além de realizarem nova coleta na mesma comunidade linguística, buscam exatamente os mesmos informantes da pesquisa anterior, e *Estudos de Tendência*, que é a constituição de uma amostra nova, mas com as mesmas características daquelas de um estudo já realizado, isto é, analisam-se dados de fala de entrevistas realizadas em momentos distintos no tempo, na mesma comunidade de fala, com informantes de mesmo perfil social, considerando-se a estratificação da amostra. É análise em tempo real, estudo de tendência, o que se faz na presente pesquisa.

A amostra que será utilizada para verificar a alternância *-ão::-on* na comunidade bilíngue de Flores da Cunha faz parte dos dados coletados pelos projetos VARSUL e BDSer. O VARSUL, Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil, foi implementado em 1984 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR). A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) aderiu posteriormente (1990) ao projeto. O ano de implementação do BDSer, Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) é 2000.

O banco de dados VARSUL é composto por 288 entrevistas que representam a fala de quatro cidades de cada um dos três Estados da Região

Sul do Brasil. Foram realizadas 96 entrevistas em cada estado, isto é, 24 em cada cidade.

Segundo Monaretto (1997, p. 21), o Projeto VARSUL escolheu cidades significativas na região Sul do Brasil. No estado do Paraná, foram Curitiba (capital), Londrina (cidade mais importante da região norte do estado, com colonização mineira e paulista), Pato Branco (principal cidade da região sudeste, com colonização gaúcha) e Irati (núcleo urbano, localizado na região de colonização eslava). No Estado de Santa Catarina: Florianópolis (capital), Lages (colonizada por gaúchos no Planalto Serrano), Blumenau (centro urbano mais expressivo da colonização alemã), Chapecó (cidade de colonização italiana). No Estado do Rio Grande do Sul: Porto Alegre (capital), Flores da Cunha (com etnia italiana), Panambi (com etnia alemã), São Borja (área fronteira com espanhol).

O banco de dados BDSer, constituído pela UCS, reúne dados de quatro municípios ítalo-brasileiros situados na antiga região colonial do Rio Grande do Sul (RCI-RS), situada na Serra Gaúcha: Antônio Prado, Caxias do Sul, Flores da Cunha e São Marcos. Conforme Battisti e Lembi (2004), a amostra distingue informantes da zona rural e urbana e viabiliza o estudo de fenômenos relativos a línguas em contato em comunidades bilíngues. Compõem o acervo do BDSer 225 entrevistas sociolinguísticas, 57 de Caxias do Sul, 56 de cada um dos outros três municípios.

As entrevistas de ambos os bancos de dados são semiestruturadas: seguem um roteiro de questões sobre o cotidiano, voltadas a provocar, nos informantes, falas o mais espontâneas possível, num uso linguístico que se pode considerar coloquial. As entrevistas têm duração de 45 a 60 minutos.

Os informantes são selecionados aleatoriamente, e compõem amostras estratificadas. No VARSUL, os estratos são formados respeitando-se idade (menos de 50 anos, mais de 50 anos), escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade) e sexo (masculino e feminino). No BDSer, os estratos obedecem à idade (18 a 30 anos; 31 a 50 anos; 51 a 70 anos e 71 ou mais anos), gênero (masculino e feminino), local de residência (Zona Rural e Zona Urbana) e escolaridade (Primário, Fundamental, Médio e Superior).

Para o presente estudo na comunidade bilíngue de Flores da Cunha, utilizaram-se, de cada banco, entrevistas de 12 informantes, totalizando 24 informantes.

Como a estratificação etária é diferente nesses dois bancos, buscou-se homogeneizar as idades para fins de nosso estudo, o que exigiu recorrer às informações pontuais registradas nas Fichas Sociais dos informantes para desenhar os grupos etários. Com base na idade declarada no momento das entrevistas, conseguiu-se chegar a três grupos etários (25 a 39 anos, 40 a 59 anos, 60 ou mais anos) compatíveis nos dois bancos.

Além disso, distribuíram-se os informantes por sexo/gênero<sup>15</sup> (masculino e feminino). Os quadros 1 e 2 mostram como organizou-se a distribuição dos informantes:

Quadro 1 - Distribuição dos informantes VARSUL

25 a 39 anos	40 a 59 anos	60 ou mais anos
4 informantes (2 de cada sexo)	4 informantes (2 de cada sexo)	4 informantes (2 de cada sexo)

Quadro 2 - Distribuição dos informantes do BDSer

25 a 39 anos	40 a 59 anos	60 ou mais anos
4 informantes (2 de cada gênero)	4 informantes (2 de cada gênero)	4 informantes (2 de cada gênero)

#### 4.1 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com Brescancini (2002), para configurar uma análise de regra variável, o pesquisador deve vencer seis etapas:

1) Definir a variável dependente, ou seja, delimitar precisamente o fenômeno linguístico variável, fazendo o levantamento de todo o conjunto de

<sup>15</sup> Manteve-se a denominação de cada banco, sexo no VARSUL, gênero no BDSer.

variantes que possa ser apresentado. Uma variável dependente pode ser binária (com duas variantes) ou eneária (com três ou mais variantes).

2) Definir as variáveis independentes, isto é, formular hipóteses iniciais quanto ao tipo de condicionamento que se espera encontrar.

3) Delimitar a amostra e obter os dados, selecionando os indivíduos com base em possíveis dimensões sociais da variação em estudo. Para tanto, devem-se obedecer aos seguintes requisitos: o número de falantes deve estar relacionado ao fenômeno estudado, e sua seleção pode se dar pelo método aleatório estratificado, na qual há a divisão da comunidade em células formadas a partir de indivíduos com as mesmas características sociais.

A coleta dos dados pode ser feita por interações livres, entrevistas e testes. É necessário estabelecer contato com o entrevistado, de que se obtêm informações registradas numa ficha social. Nela constam, geralmente, a idade, o grau de instrução, a classe social, entre outras informações pertinentes. Daí agenda-se a entrevista, realizada em ambientes familiares ao entrevistado – local de trabalho, casa, vizinhança.

4) Transcrever e codificar os dados, ou seja, fazer o planejamento do sistema de codificação de cada variável, sendo ela dependente ou independente. Para fazer a transcrição dos dados, deve-se definir o sistema de convenções que será adotado, conforme os objetivos e finalidades da pesquisa. Também se faz necessário delimitar os aspectos que serão sempre e sistematicamente registrados e quais serão ignorados.

5) Quantificar os dados e medir o papel de fatores linguísticos e sociais no condicionamento da variável dependente. Essa medição deve contar com o estabelecimento de um índice quantitativo, ou seja, atribuir um valor numérico a cada um dos fatores estabelecidos na pesquisa. O pacote de programas VARBRUL realiza a quantificação estatística dos dados.

O pacote de programas VARBRUL, conforme Brescancini (2000, p.25), tem a função de “tomar um conjunto de dados linguísticos e organizá-lo, de acordo com a variável dependente, em ambientes possíveis do ponto de vista linguístico e extralinguístico”. Segundo a autora, depois de estabelecidos tais contextos, o programa realiza um algoritmo que é capaz de oferecer informações estatísticas para cada fator condicionador da regra variável. Essas informações estatísticas são dadas na forma de percentuais e pesos relativos.

Segundo Brescancini (2002), os programas que compõem o pacote de programas VARBRUL podem ser divididos em três grupos: os que preparam os dados para a performance do algoritmo (CHECKTOK, READTOK, MAKE3000); o que realiza o algoritmo (VARB2000) e os que efetuam tarefas de apoio (TSORT, TEXTSORT e CROSS3000).

Para a presente pesquisa, foi utilizada a versão Goldvarb X desse pacote de programas, específica para ambiente Windows. Com ela, procedeu-se ao que os programas CHECKTOK, READTOK, MAKE3000 e VARB2000 fazem: verificar erros de digitação, a serem corrigidos antes de rodar os dados; produzir os arquivos de ocorrências e de células a serem consideradas na análise; proceder à análise logística de regressão.

6) Interpretar os resultados é o estágio mais importante da análise, significa compreender e analisar os resultados numéricos oferecidos pelo programa.

Vencendo essas seis etapas, o pesquisador será capaz de confirmar ou não as hipóteses por ele inicialmente formuladas em relação à regra variável. Poderá observar quais são os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que colaboram para a ocorrência do fenômeno linguístico variável.

## 4.2 A PRESENTE PESQUISA

Conforme as etapas descritas na seção anterior, inicialmente foram ouvidas as entrevistas dos dois bancos de dados, VARSUL e BDSer, selecionadas para a pesquisa. Delas levantaram-se todas as palavras com ditongo nasal *-ão* em sílaba tônica, quer ele tivesse se realizado como tal (*-ão*), quer ele tivesse se realizado como *-on*. Em seguida, iniciou-se o processo de codificação e análise quantitativa dos dados.

### 4.2.1 Variável dependente

No caso desta pesquisa, a variável dependente foi o uso de *-on* [õŋ] em contextos em que se espera *-ão* [ãw]. As formas *-on* foram consideradas como



aplicação da regra variável. As formas *-ão* foram consideradas como não aplicação.

#### 4.2.1.1 Variáveis linguísticas

##### 4.2.1.1.1 Contexto Precedente

A variável contexto fonológico precedente irá nos mostrar se o segmento que antecede o ditongo nasal tem ou não influência fonética na sua realização. Tal como Tomiello (2005), agrupamos os fatores desta variável da seguinte maneira:

- (a) *Onset* vazio: re-gi-ão
- (b) Consoante nasal: mão, não, caminhão
- (c) Consoante anterior: bolão, vão, pão, confusão, produção, etc
- (d) Consoante posterior: feijão, fogão, paixão

Nossa hipótese é a de que uma consoante anterior no ataque da sílaba favoreça a realização de *-on*. Porém, na pesquisa de Tomiello (2005), essa hipótese não se confirmou. Na análise da autora, os dados mostraram que uma consoante posterior no ataque da sílaba favorece a realização de *-on*.

O que pode estar em jogo no resultado favorecedor de Consoantes Posteriores são os traços fonológicos característicos dessa articulação. Como Battisti (1997) explica, *-ão* tem como forma de *input* (subjacente) uma sequência /VN/ em que /V/ caracteriza-se pelos traços [labial] e [dorsal], este último também presente na representação das consoantes posteriores. (TOMIELLO, 2005, p.79)

##### 4.2.1.1.2 Número de Sílabas

A variável Número de Sílabas é aquela que irá controlar se o tamanho do vocábulo tem ou não influência na aplicação da regra variável. Em nossa pesquisa, controlamos os vocábulos:

- (a) Monossílabos: *pão, mão, não*
- (b) Dissílabos: *ir-mão, fo-gão*
- (c) Trissílabos: *ca-mi-nhão, co-ra-ção*
- (d) Polissílabos: *re-li-gi-ão, celebração*

Na pesquisa de Tomiello (2005), a variável número de sílabas foi considerada a mais significativa. A autora dividiu seus dados em vocábulos com uma sílaba e vocábulos com duas ou mais sílabas. Seus resultados mostraram os monossílabos como sendo fortes condicionadores da aplicação da regra. Segundo a autora, a maior parte das palavras da língua portuguesa terminadas em *-ão* têm duas ou mais sílabas, é pequeno o número de monossílabos em *-ão*. O que explicaria seus resultados seja talvez o fato, de, segundo ela, os monossilábicos conviverem com palavras de uma sílaba com monotongos nasais (*bom, som, batom*), o que pode estar na origem de alternâncias (*bom~bão*). Tomiello (2005) diz que essas palavras são utilizadas pelos bilíngues indistintamente, produzindo muitas formas monossilábicas em *-on*.

Assim como Tomiello (2005), nossa hipótese é a de que ocorra mais *-on* em palavras monossílabas, já que estas se mostraram em maior quantidade em nossa análise.

#### 4.2.1.1.3 Classe da palavra

A análise da variável classe da palavra nos possibilitará verificar que classe influencia a aplicação da regra variável, isto é, em qual classe se observa maior incidência de *-on*. Seguimos a metodologia utilizada por Horbach (2013) e dividimos os vocábulos de nosso estudo nas seguintes classes:

- (a) Substantivo: *chimarrão, fogão*
- (b) Advérbio: *não, tão*
- (c) Adjetivo: *grandão, vermelhão*
- (d) Palavras funcionais: *então, senão*
- (e) Verbos: *são, dão, estão*

Supomos que são os substantivos os favorecedores da aplicação da regra variável, pois o ditongo *-ão* aparece em maior quantidade nos nomes em nossos dados.

#### 4.2.1.2 Variáveis extralinguísticas

Segundo Faraco (1998, p. 97), já nos primeiros anos do século XX Meillet percebeu que as condições sociais tinham influência decisiva sobre a língua e, como consequência, sobre a mudança. Na década de 60, com os trabalhos do linguista William Labov, os fatores sociais que atuam na língua passaram a ser correlacionados estatisticamente (quantitativamente) às variantes atestadas.

Nesta pesquisa, que segue a teoria e metodologia labovianas, as variáveis linguísticas controladas são: sexo/gênero, idade e escolaridade.

##### 4.2.1.2.1 Sexo/Gênero

Conforme Labov (2008, p.348), a diferenciação sexual dos falantes não é resultado apenas de fatores físicos e biológicos, mas também de uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. Segundo o autor, mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio. Considerando, portanto, que o comportamento linguístico entre homens e mulheres pode variar por consequência de seus papéis sociais, dividimos nossos informantes por sexo/gênero masculino e feminino. E nossa hipótese é de que os homens são os que mais usam *-on* onde se espera *-ão*.

Em estudos anteriores, comprovou-se a hipótese levantada em nossa pesquisa. Tomiello (2005) encontrou peso relativo 0,58 para os homens e 0,43 para as mulheres. Os homens, portanto, favorecendo o uso de *-on*.

Na pesquisa de Horbach (2013), os homens lideram na realização de *-on*. Os pesos relativos encontrados pela autora foram de 0,56 para os homens contra 0,44 para as mulheres. Segundo Horbach (2013), embora homens e mulheres façam parte do mesmo grupo social e sob as mesmas circunstâncias, elas usam mais as variantes de prestígio.

#### 4.2.1.2.2 Idade

Com o objetivo de verificar se a troca de -ão por -on está em regressão, progressão ou estável, consideramos as seguintes faixas etárias: de 25 a 39 anos, de 40 a 59 anos e 60 ou mais anos. Nossa hipótese, neste caso, é de que, quanto maior a idade, maior é a aplicação da regra, ou seja, os mais velhos são favorecedores.

Nossa hipótese vai ao encontro dos resultados apresentados por Tomiello (2005) e Horbach (2013). Tomiello (2005) dividiu os informantes em três grupos: 15 a 25 anos, 30 a 45 anos e 50 anos ou mais anos. O uso de -on se mostrou favorecido na faixa etária de 50 anos ou mais anos, com 0,76 de peso relativo. Segundo a autora, os falantes com 50 anos ou mais anos são informantes bilíngues *irrestritos*, isto é, os que praticam a fala dialetal italiana, promovendo mais contato entre português-variedades dialetais italianas, enquanto os falantes com idade de 30 a 45 anos são *semi-restritos*, praticam menos a fala dialetal italiana.

Horbach (2013) dividiu seus informantes em mais de 50 anos e menos de 50 anos. Conforme os resultados da autora, os informantes mais velhos são os que mais aplicam a regra, apresentando um peso relativo de 0,58, e os informantes com menos de 50 anos têm peso relativo de 0,42, desfavorecendo a aplicação da regra.

De acordo com Horbach (2013), o bilinguismo pode ser medido pela idade. Segundo a autora, os falantes com mais de 50 anos possuem um contato maior com a língua alemã (no caso de sua pesquisa), enquanto aqueles com menos de 50 anos já a adquirem como segunda língua.

#### 4.2.1.2.3 Escolaridade

Para variável Escolaridade, controlam-se os fatores ensino fundamental e ensino médio/superior<sup>16</sup>. Nossa hipótese é a de que o nível de escolaridade ensino fundamental seja o condicionador do fenômeno linguístico em estudo,

---

<sup>16</sup> Adotamos a nomenclatura Médio/Superior para contemplar os dois bancos (VARSUL e BDSer) uma vez que, nos dados do VARSUL não é considerado o nível superior como grau de Escolaridade.

pois acreditamos que quanto maior a escolaridade, a exposição ao português e a idealização de práticas sociais em português, maior também será o uso da norma padrão, ou seja, das formas majoritárias, com ditongo *-ão*.

Resultados semelhantes ao da nossa hipótese foram obtidos nos estudos de Tomiello (2005) e Horbach (2013). Tomiello (2013) mostra que quem produz mais *-on* são os falantes com menor escolaridade, decrescendo esse uso conforme cresce a escolaridade. A autora dividiu seus informantes em três níveis de escolaridade: fundamental-primário, fundamental 5º a 8º série e médio/superior e constatou que falantes do nível Fundamental-Primário são os líderes na realização de *-on*, com peso relativo de 0,70. Em seguida vêm, com peso relativo de 0,48, falantes do nível Fundamental de 5ª à 8ª séries, demonstrando papel neutro, e por último, com peso relativo de 0,35, falantes do nível Médio ou Superior, mostrando papel desfavorecedor frente à realização de *-on*. Segundo Tomiello (2013), a variável Escolaridade atua no sentido de difundir o ditongo nasal tônico *-ão*. Falantes com maior escolaridade tendem a evitar o uso de *-on*, forma não prestigiada.

Horbach (2013), para a variável Escolaridade, considerou os informantes com 0-4 anos e 9-12 anos de escolarização, situando-os no nível primário ou no 2º grau. Dos fatores extralinguísticos analisados por Horbach (2013), a variável Escolaridade foi a primeira a ser selecionada. O peso relativo em relação aos menos escolarizados na realização do *-on* foi de 0,57, contra 0,42 dos mais escolarizados. Segundo a autora, há indicativos de que isso se deva à influência de maior exposição à escrita por parte dos mais escolarizados.

O conjunto de variáveis independentes consideradas na presente pesquisa está agrupado no Quadro 3.

### QUADRO 3 - VARIÁVEIS INDEPENDENTES

<i>Variáveis linguísticas</i>	<i>Variáveis extralinguísticas</i>
-------------------------------	------------------------------------

<p style="text-align: center;"><b>Contexto Precedente</b></p> <p>Onset vazio: <i>re-gi-ão, re-li-gi-ão</i></p> <p>Consoante nasal: <i>mão, não</i></p> <p>Consoante anterior: <i>bolão, vão, pão</i></p> <p>Consoante posterior: <i>feijão, fogão</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>Gênero</b></p> <p>Feminino</p> <p>Masculino</p>
<p style="text-align: center;"><b>Número de Sílabas na palavra:</b></p> <p>Monossílaba: <i>não, tão</i></p> <p>Dissílaba: <i>então, bolão</i></p> <p>Trissílaba: <i>região, lampião</i></p> <p>Polissílaba: <i>celebração, população</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>Idade</b></p> <p>25 a 39 anos</p> <p>40 a 59 anos</p> <p>60 ou mais anos</p>
<p style="text-align: center;"><b>Classe da palavra:</b></p> <p>Substantivo: <i>caminhão, irmão</i></p> <p>Advérbio: <i>não, tão</i></p> <p>Adjetivo: <i>alemão, grandão</i></p> <p>Palavras Funcionais: <i>então, senão</i></p> <p>Verbos: <i>estão, dão</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>Escolaridade</b></p> <p>Ensino Fundamental</p> <p>Ensino Médio/Superior</p>

## 5 ANÁLISE, DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

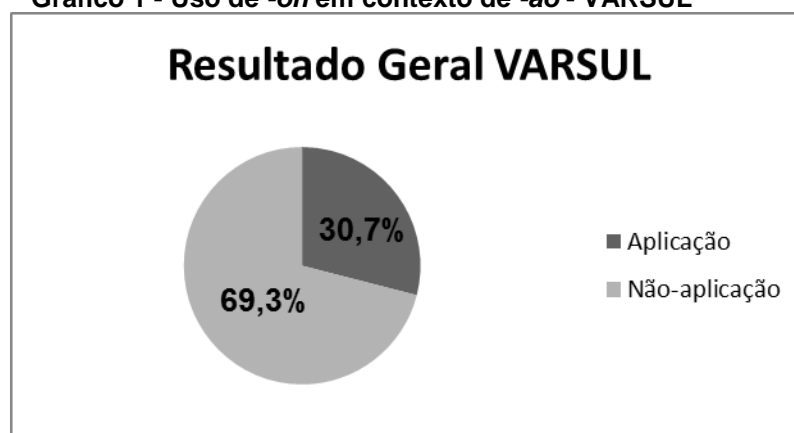
Este capítulo inicialmente apresentará e discutirá os resultados da análise de regra variável em tempo real da realização de *-on* em lugar de *-ão*. Em seguida, para a análise da coerência dialetal, os resultados de Azeredo (2012) sobre a realização variável de *tepe* em lugar de vibrante serão retomados e também discutidos.

### 5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DA REALIZAÇÃO VARIÁVEL DO DITONGO NASAL *-ÃO*

#### 5.1.1 VARSUL (1990)

Depois de ler e ouvir as entrevistas dos 12 informantes selecionados do projeto VARSUL, levantaram-se 1034 contextos de ditongo *-ão*, em sílaba tônica. Esses foram codificados e submetidos ao pacote de programas VARBRUL, com que se verificou 30,7% de aplicação da regra variável, ou 317 ocorrências de *-on* em contexto em que se espera *-ão*, e 69,3%, ou 717 ocorrências de não-aplicação. Essa totalização pode ser vista no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Uso de *-on* em contexto de *-ão* - VARSUL



Apesar de a não-aplicação ser maior do que a aplicação da regra, a frequência com que *-on* é empregado em lugar *-ão*, 30,7%, pode ser considerada significativa.

Dos seis grupos de fatores analisados, o programa selecionou quatro como relevantes para a aplicação da regra, nesta ordem: Sexo/Gênero, Idade, Escolaridade e Classe da palavra. Os fatores Número de sílabas e Contexto precedente não foram selecionados pelo programa.

Nas seções que seguem, adotaremos essa ordem para a apresentação dos resultados da análise estatística.

#### 5.1.1.1 Sexo/Gênero

A variável *Sexo/Gênero* mostrou-se, estatisticamente, a mais significativa. Nossos resultados mostram que os homens favorecem a realização *-on* em 1990. Deduzimos que as mulheres usam menos a variante porque seria desprestigiada em relação ao falar padrão de português brasileiro. Tais resultados vêm ao encontro do que constata Labov (2001) na sociedade americana: as mulheres lideram a mudança linguística em razão de seu *status* social, inferior ao dos homens no mercado de trabalho. Isso as leva à necessidade de monitorar mais a fala, entre outros aspectos, para mostrar eficiência e realizar conquistas. Talvez isso se aplique à sociedade brasileira também.

Os resultados apresentados na Tabela 1 confirmam essa hipótese:

**Tabela 1 – Sexo/Gênero - VARSUL**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Masculino	303/582	52	0,88
Feminino	14/438	3	0,07
TOTAL	317/1034	29	

Input 0,119

Significância 0,015

Este resultado é o mesmo de Tomiello (2005) e Horbach (2013).

Tomiello (2005) encontrou peso relativo 0,58 para os homens e 0,43 para as mulheres. Os homens, portanto, favorecem o uso de *-on*. Da mesma forma, na pesquisa de Horbach (2013), são os homens que lideram a realização de *-on*. A autora encontrou 0,56 de peso relativo para os homens e



de 0,44 para as mulheres. Segundo Horbach (2013), as mulheres, de forma geral, tendem a evitar as formas estigmatizadas, o que não ocorre com os homens na mesma intensidade.

#### 5.1.1.2. Idade

A variável Idade foi a segunda selecionada pelo programa. Com tais resultados, o uso do *-on* mostra-se em regressão nos anos 1990, pois a aplicação da regra pelos informantes com menos idade é consideravelmente inferior à aplicação pelos mais velhos. Observe-se a Tabela 2:

**Tabela 2 - Idade - VARSUL**

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
25 a 39 anos	29/346	8	0,14
40 a 59 anos	136/395	34	0,75
60 ou + anos	152/293	51	0,66
Total	317/1034	31	

Input 0,119 Significância 0,015

Conforme os resultados acima, os informantes de 25 a 39 anos desfavorecem a aplicação da regra, os informantes com 60 ou mais anos a condicionam.

Acreditamos que tal resultado se deva ao fato de os mais jovens terem um contato maior com a língua portuguesa padrão através de suas práticas sociais, terem mais acesso aos meios de comunicação em massa e também maior mobilidade geográfica e social.

Como vimos na apresentação das variáveis (capítulo 4 desta tese), Tomiello (2005) e Horbach (2013) encontraram resultados semelhantes, associados, em ambos os estudos, ao fato de os informantes mais idosos praticarem mais as variedades dialetais de línguas de imigração, transferindo traços ao português vernacular.



**Tabela 4 - Classe da Palavra - VARSUL**

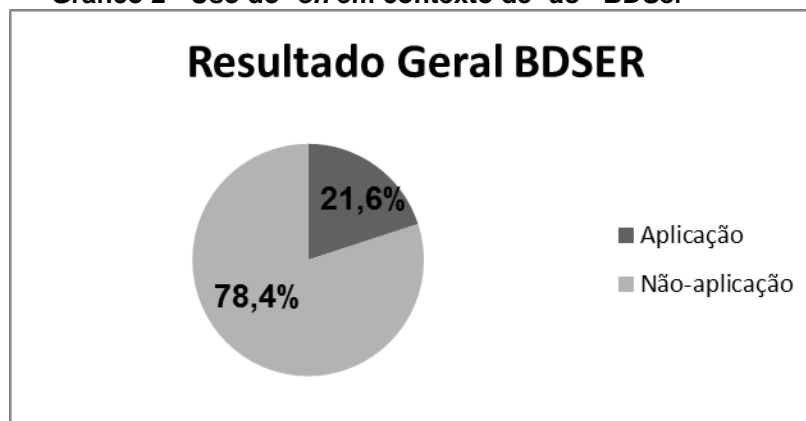
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Nomes	164/545	30	0,49
Advérbios	85/292	29	0,48
Palavras Funcionais	51/117	44	0,69
Verbos	17/80	21	0,36
<i>Input</i> 0,119		Significância 0,015	

Contrariando nossa hipótese inicial de que seriam os nomes os condicionadores da aplicação da regra, palavras funcionais são as favorecedoras, conforme nos mostra a Tabela 4. O peso relativo dos nomes e advérbios situa-se em torno do ponto neutro.

Na pesquisa de Horbach (2013), embora o grupo de fatores *classe de palavra* tenha sido selecionado, a autora acredita não ter havido uma diferença significativa entre os pesos relativos, os quais se mostrarem muito próximos. Segundo Horbach (2013), a classe da palavra não interfere de forma significativa na aplicação da variável estudada, o que a levou a acreditar que a classe gramatical não exerce influência sobre a variação em estudo, mas a extensão da palavra, que não faz distinção entre classes. Isso talvez explique os resultados alcançados na presente tese.

### 5.1.2 BDSer (2008-2009)

Para a análise de regra variável, foram utilizadas 12 entrevistas sociolinguísticas do BDSer de Flores da Cunha. Foram levantados 815 contextos de ditongo nasal em sílaba tônica. Nesses, houve 176 ou 22% de aplicação da regra variável em questão. A não-aplicação da regra totalizou 639 ou 78% de ocorrências, como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Uso do *-on* em contexto de *-ão* - BDSer

Os grupos de fatores analisados foram seis. Dentre eles, o programa selecionou três como relevantes para a aplicação da regra por sua significância estatística, na seguinte ordem: Sexo/Gênero, Idade e Número de Sílabas. Os grupos de fatores Contexto Precedente, Classe da Palavra e Escolaridade não foram selecionados pelo programa.

#### 5.1.2.1 Sexo/Gênero

Dentre as três variáveis sociais consideradas em nossa análise, Sexo/Gênero mostrou-se, estatisticamente, a mais significativa tanto para os dados do VARSUL quanto para os do BDSer. Conforme apontam os dados da tabela abaixo, os homens empregam mais o *-on* do que as mulheres.

Tabela 5 – Sexo/Gênero - BDSer

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
Masculino	174/372	47	0,96
Feminino	2/443	5	0,06
TOTAL	176/815	36	

Input 0,015

Significância 0,001

Este resultado é o mesmo obtido por Tomiello (2005) e Horbach (2011) e também em nossa análise com os dados do VARSUL. Confirma a afirmação de Labov (2008), que diz que as mulheres são mais sensíveis ao uso das formas de prestígio, se mostrando mais inovadoras no uso de uma regra quando não se trata de uma forma estigmatizada.



No estudo de Tomiello (2005), foram as palavras monossilábicas as favorecedoras da aplicação de *-on* em lugar de *-ão*. Horbach (2011) dividiu sua variável *Extensão do Vocábulo* em: uma sílaba e mais sílabas e foram as palavras com mais sílabas que se mostraram favorecedoras da regra. No entanto, segundo a autora, seus resultados não apresentaram uma diferença tão expressiva, 18,8% para palavras com uma sílaba e 21,2% para palavras com mais sílabas.

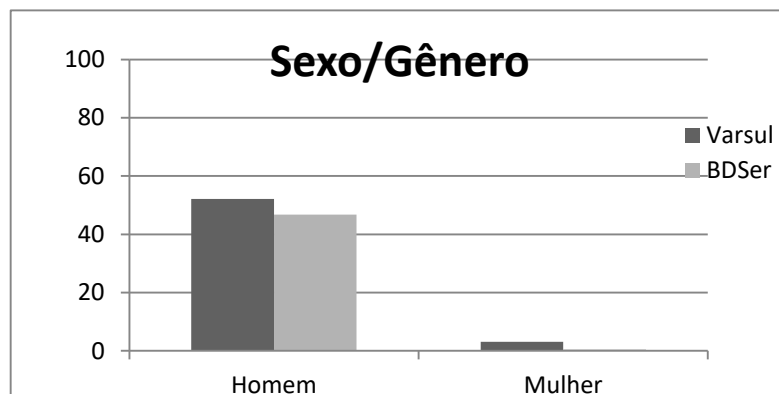
### 5.1.3 *Análise em Tempo Real da realização variável de -on em lugar de -ão*

Apresentados os resultados da análise de regra variável dos dois conjuntos de dados, podemos dizer, em relação à variação e mudança linguística que a comparação das proporções totais do emprego de *-on* mostra um decréscimo da realização da variável em questão (30,7% no VARSUL e 21,6% no BDSer). Assim, confirma-se a regressão da regra.

Ao compararmos os dados dos projetos VARSUL e BDSer, observamos que, mesmo com uma diferença de quase 20 anos entre a realização de uma e outra coleta de dados, o comportamento dos informantes mostra-se semelhante.

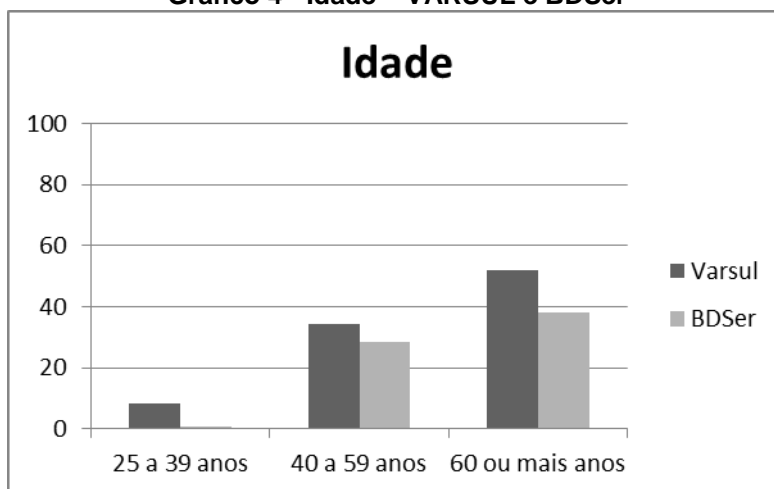
Na fala dos informantes tanto do projeto VARSUL quanto BDSer, os fatores sociais Sexo/Gênero e Idade apresentaram-se como relevantes. O fator Escolaridade foi selecionado somente com os dados do VARSUL. Os grupos de fatores linguísticos apresentados como relevantes foram diferentes nas duas amostras. No VARSUL foi selecionada como relevante apenas Classe da Palavra. Já no BDSer selecionou-se Número de Sílabas. O fator Contexto Precedente foi excluído pelo programa tanto no VARSUL, quanto no BDSer.

Abaixo segue a comparação, em gráficos, dos principais resultados dos dois *corpora* para a realização variável de *-on* em lugar de *-ão*. Como a ordem de relevância estatística das variáveis na análise das duas amostras não foi idêntica, optamos por apresentar os resultados das variáveis sociais antes das linguísticas.

Gráfico 3<sup>18</sup> – Sexo/Gênero – VARSUL e BDSer

Para a variável Sexo/Gênero, obtivemos resultados semelhantes. Mesmo passados quase 20 anos, homens continuam sendo os favorecedores da regra. O fato de os homens aplicarem mais a regra permite pensar que o emprego de *-on* em lugar de *-ão* possa indexar algum significado local ligado à identidade masculina na comunidade.

Gráfico 4 - Idade – VARSUL e BDSer

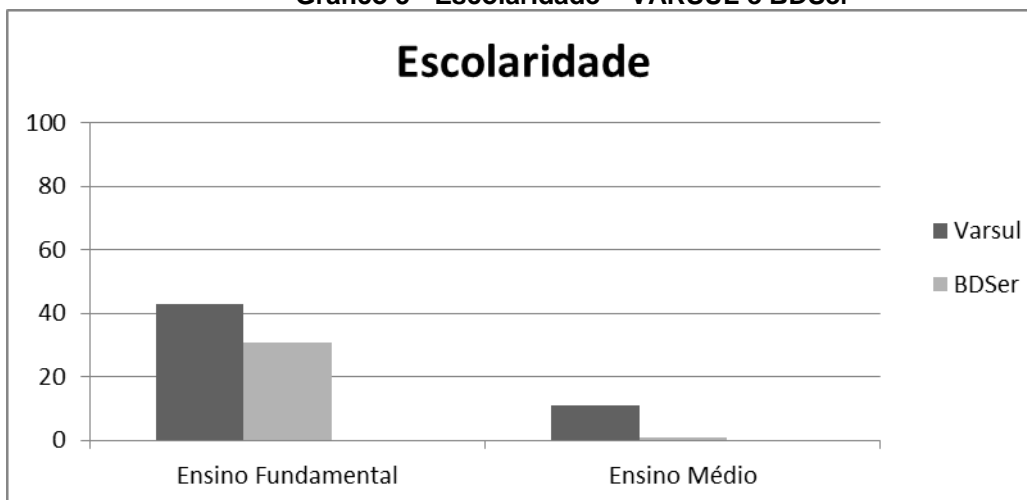


A variável idade é bastante significativa para uma análise variacionista. A teoria aponta que são os mais jovens os responsáveis por introduzir novas formas na língua, isto é, quando os mais jovens adotam uma dada forma característica na linguagem, provavelmente com o tempo ocorrerá mudança. Assim sendo, com base no Gráfico 4 podemos dizer que a regra de aplicação de *-on* no lugar de *-ão* está em regressão. Já é usada menos pelos mais jovens

<sup>18</sup> Para todos os gráficos em coluna deste trabalho, os números de 0 a 100 referem-se a percentual.

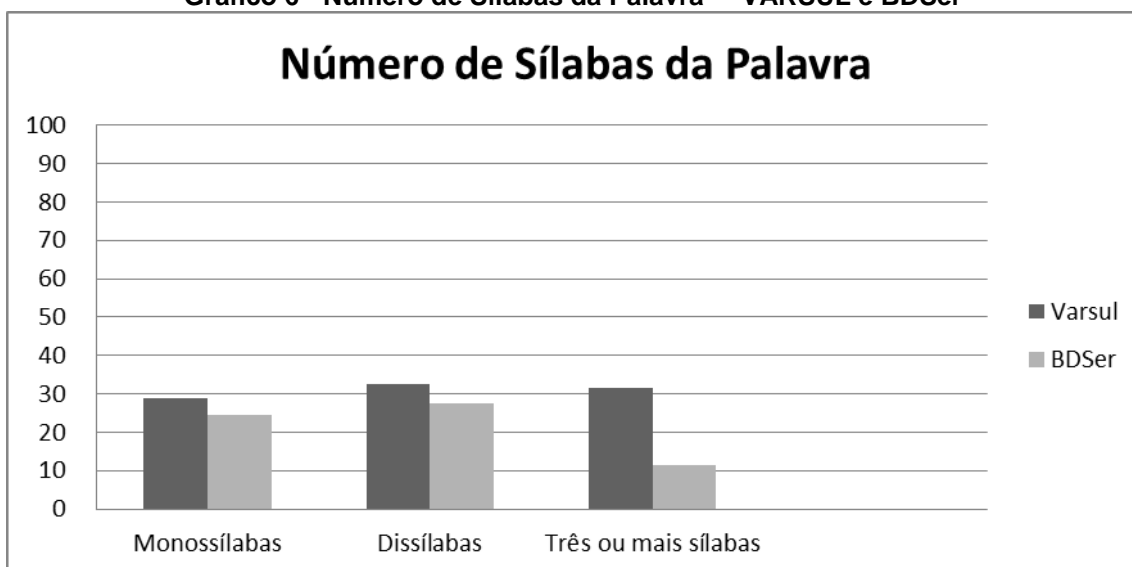
nos dados do VARSUL, e é praticamente residual na fala dos jovens nos dados mais recentes, do BDSer.

Gráfico 5 - Escolaridade – VARSUL e BDSer



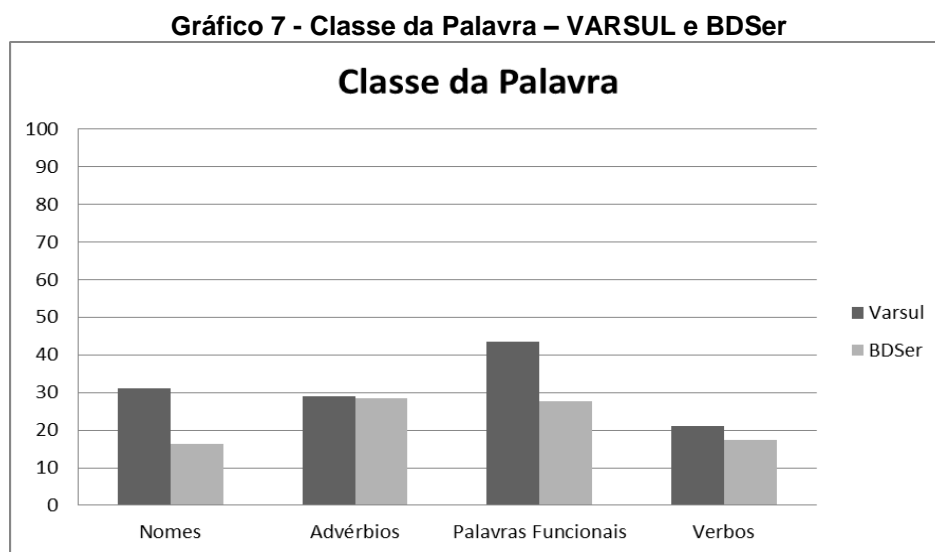
A variável Escolaridade foi selecionada como relevante somente nos resultados do VARSUL. Embora não tenha sido selecionada como relevante para o BDSer, através das proporções de aplicação da regra podemos comparar os resultados. Concluimos que o comportamento linguístico é o mesmo nos dados dos dois projetos, isto é, quanto mais escolarizado for o informante, menos aplica a regra, em função, possivelmente, da consciência da língua que vai desenvolvendo na aprendizagem das normas do português, bem como as práticas sociais envolvidadas, como trabalho, lazer, etc.

Gráfico 6 - Número de Sílabas da Palavra – VARSUL e BDSer





Quanto ao número de sílabas, embora tal variável tenha sido selecionada apenas com dados do BDSer, o Gráfico 6 nos mostra que obtivemos resultados semelhantes nos dados dos dois conjuntos exceto no que se refere aos vocábulos de três ou mais sílabas: a proporção de realização de *-on* em lugar de *-ão* é menor nesses vocábulos nos dados do BDSer. Quanto aos dissílabos, embora as proporções de aplicação sejam semelhantes, a passagem do tempo não modificou o fato de que são esses vocábulos os favorecedoras da aplicação da regra variável em estudo.



A variável Classe da Palavra foi selecionada como relevante apenas para os dados do VARSUL. Com o passar dos anos, observamos que houve mudança na classe de palavra favorecedora da regra. Enquanto os dados do VARSUL apontam as palavras funcionais como favorecedoras, os dados do BDSer apontam os advérbios. Tal resultado pode ser justificado, pois, conforme Horbach (2011), os advérbios são considerados funcionais em muitas gramáticas, ou pelo menos tratados como palavras limítrofes, que ficam entre funcionais e as funcionais.

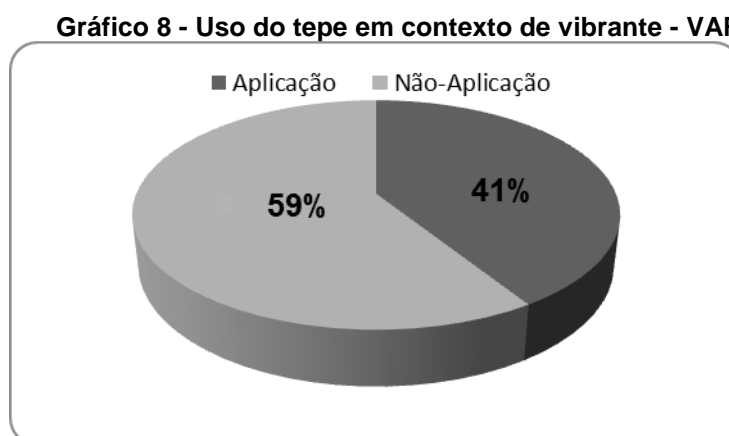
## 5.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS – VARIAÇÃO DA VIBRANTE

Embora não tenham sido analisados para a elaboração desta tese, os dados de Azeredo (2012) são retomados e os resultados, discutidos, para

posterior investigação sobre a coerência dos dois processos, realização de tepe em lugar de vibrante e de *-on* em lugar de *-ão*, em co-variação no português de contato com variedades dialetais italianas falado em Flores da Cunha (RS). No estudo de Azeredo (2012), também se faz análise em tempo real.

### 5.2.1 VARSUL (1990)

Azeredo (2012), com os dados do projeto VARSUL, levantou 1984 contextos de vibrante. Após codificar e submeter os dados ao pacote de programas VARBRUL, a autora verificou 41% de aplicação da regra variável, ou 813 ocorrências de tepe em *onset* silábico em contexto em que se espera a vibrante múltipla, como mostra o gráfico abaixo:



Azeredo (2012) analisou sete grupos de fatores: Tonicidade da Sílabas, Posição da Sílabas e Número de Sílabas na Palavra. Segundo a autora, o programa selecionou cinco grupos como relevantes para a aplicação da regra, nesta ordem: Escolaridade, Posição da Sílabas na Palavra, Bilinguismo, Gênero e Número de Sílabas.



### 5.2.1.3 Bilinguismo

Azeredo (2012) controlou também a variável Bilinguismo e esse foi o terceiro grupo de fatores selecionado pelo programa. Nesse grupo, a autora classificou os informantes em: Ativo, Passivo. Ativos seriam os informantes que falam e entendem o dialeto italiano, passivos, os que só entendem. Como mostra a tabela abaixo, a autora confirmou sua expectativa inicial de que são os informantes ativos os que mais produzem o tepe em lugar de vibrante.

**Tabela 10 - Bilinguismo - VARSUL**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Fala e entende	788/1807	44	0.71
Só entende	25/177	14	0.16
TOTAL	813/1984	41	

Input 0,391

Fonte: Azeredo (2012)

Significância 0,001

### 5.2.1.4 Sexo/Gênero

Nos dados de Azeredo (2012), a quarta variável selecionada pelo programa foi Sexo/Gênero, que mostrou os homens como favorecedores da aplicação da regra variável, isto é, os homens são os que mais trocam a vibrante por tepe. Conforme a autora, as mulheres usam menos tepe porque essa variante seria desprestigiada em relação ao falar padrão de português brasileiro.

**Tabela 11 – Sexo/Gênero - VARSUL**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Masculino	515/1043	49	0.60
Feminino	298/941	32	0.38
TOTAL	813/1984	41	

Input 0,391

Fonte: Azeredo (2012)

Significância 0,001

### 5.2.1.5 Número de Sílabas na Palavra

O último grupo de fatores selecionado nos dados de Azeredo (2012) foi a variável Número de Sílabas na Palavra. Pelos resultados obtidos, a autora percebeu que as palavras trissílabas são as favorecedoras da aplicação da regra variável, enquanto que as palavras polissílabas são as desfavorecedoras. A tabela da autora para a variável Número de Sílabas mostra os valores dos pesos relativos girando em torno do ponto neutro, fato que, segundo a autora, pode justificar a seleção deste fator em último lugar pelo programa.

**Tabela 12 - Número de Sílabas - VARSUL**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Trissílaba – Terreno	314/705	45	0,54
Dissílaba – Raro	366/870	37	0,51
Polissílaba – Rigoroso	133/409	32	0,41
Total	813/1984	41	

Input 0,391

Significância 0,001

Fonte: Azeredo (2012)

Na pesquisa de Azeredo (2012), a variável Idade não foi selecionada como significativa para a aplicação da regra nos dados do VARSUL, porém, segundo a autora, em termos percentuais, o uso de tepe dá indícios de regressão, pois a aplicação da regra pelos informantes com menos idade é levemente inferior à aplicação pelos mais velhos como mostra a Tabela 13:

**Tabela 13 - Idade - VARSUL**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
25 a 39 anos	237/597	40	0,52
40 a 59 anos	420/1046	40	0,50
60 ou + anos	156/341	46	0,46
Total	813/1984	41	

Input 0,391

Significância 0,001

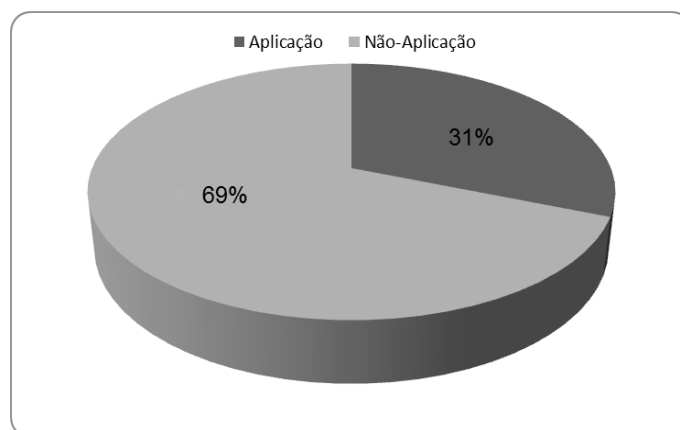
Fonte: Azeredo (2012)

Em termos de peso relativo, no entanto, os dados de Azeredo (2012) mostram que a relação é inversa, e os valores giram em torno do ponto neutro, impedindo a autora de tecer considerações a respeito do papel de Idade na variação da vibrante para os dados do VARSUL.

### 5.2.2 BDSer (2008-2009)

Assim como nos dados do VARSUL, para a análise dos dados do BDSer Azeredo (2012) utilizou vinte entrevistas sociolinguísticas de Flores da Cunha de que foram levantados 1440 contextos de vibrante. Nesses, houve 443 ou 31% de aplicação da regra variável em questão, como mostra o gráfico.

**Gráfico 9 - Uso de tepe em contexto de vibrante - BDSer**



Fonte: Azeredo (2012)

Para os dados do BDSer, a pesquisa de Azeredo (2012) analisou sete grupos de fatores, tal como para o VARSUL, dentre os quais o programa selecionou seis como relevantes para a aplicação da regra: Bilinguismo, Idade, Escolaridade, Posição da Sílabas, Gênero e Número de Sílabas.

#### 5.2.2.1 Bilinguismo

O grupo de fatores Bilinguismo foi o primeiro selecionado na pesquisa de Azeredo (2012) para os dados do BDSer. Segundo a autora, Bilinguismo é, portanto, o mais forte condicionador da aplicação da regra variável, como indica a Tabela 14.

**Tabela 14 - Bilinguismo - BDSer**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Fala e entende	423/1090	39	0,71
Só entende	20/350	6	0,06
<b>TOTAL</b>	<b>443/1440</b>	<b>31</b>	

Input 0,220

Fonte: Azeredo (2012)

Significância 0,007

Os pesos relativos obtidos na pesquisa de Azeredo (2012) com os dados do BDSer são mais extremos do que os que a autora verificou com os dados do VARSUL no controle da variável Bilinguismo. Isso permite considerar o contato linguístico do português com variedades dialetais italianas e a transferência de traços de uma língua para a outra como a motivação primeira para o emprego de tepe.

### 5.2.2.2 Idade

Para os dados do BDSer, os resultados de Azeredo (2012) mostram que são os informantes mais jovens os que produzem mais tepe em contexto em que se espera a vibrante, como mostra a Tabela 15.

**Tabela 15 - Idade - BDSer**

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
25 a 39 anos	162/458	35	0,72
40 a 59 anos	120/339	35	0,65
60 ou + anos	161/643	25	0,26
Total	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

Fonte: Azeredo (2012)

Tais resultados contrariam a hipótese inicial da autora de que seriam os mais velhos os condicionadores de aplicação da regra variável.

Segundo Azeredo (2012), uma explicação para esse fenômeno pode estar relacionada com o Local de Residência do informante. Em sua pesquisa, a autora observou que boa parte dos informantes mais jovens era residente da zona rural, enquanto que os mais velhos, residentes, em sua maioria, da zona urbana da cidade. Como mostra o estudo de Battisti e Martins (2011), o fator Zona Rural é favorecedor da aplicação da regra. As autoras acreditam que uma das razões pode estar no fato de, na zona rural, a fala bilíngue português-dialetos italianos se verificar mais frequentemente nas conversas entre familiares, vizinhos e amigos do que na zona urbana.

### 5.2.2.3 Escolaridade

Conforme Azeredo (2012), para a variável Escolaridade, nos dados do BDSer, repete-se o observado para Escolaridade no VARSUL. A autora pôde confirmar sua hipótese de que falantes mais escolarizados empregam menos o tepe nos contextos em que se espera a vibrante, como mostra a Tabela 16.

**Tabela 16 - Escolaridade - BDSer**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Ensino fundamental	305/752	41	0,70
Ensino Médio	138/688	20	0,29
TOTAL	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

Fonte: Azeredo (2012)

### 5.2.2.4 Posição da Sílabas na Palavra

Para a variável Posição da Sílabas, Azeredo (2012) constatou que o fator Sílabas Medial é favorecedor da regra variável, com 0,62 de peso relativo. Já o fator Sílabas Inicial desfavorece a aplicação da regra variável, com 0,43 de peso relativo. Esse resultado confirma a hipótese da autora de que as bordas da palavra não são favorecedoras da aplicação da regra variável em questão, como mostra a Tabela 17.

**Tabela 17- Posição da Sílabas na Palavra - BDSer**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Medial - Terra	211/532	40	0,62
Inicial – Roda	232/908	26	0,43
TOTAL	443/1440	31	

Input 0,220

Significância 0,007

Fonte: Azeredo (2012)

### 5.2.2.5 Sexo/Gênero

Para a variável Sexo/Gênero, Azeredo (2012) averiguou, como mostra a Tabela 18 abaixo, que os homens empregam mais o tepe do que as mulheres. Confirma-se, assim, a hipótese da autora, baseada em Labov (2008), de que



as mulheres usam menos tepe porque esta variante é desprestigiada em relação ao falar padrão de português brasileiro. As mulheres se mostram mais inovadoras quanto ao uso de uma regra quando não se trata de uma forma estigmatizada porque são mais sensíveis ao uso de formas de prestígio.

**Tabela 18 - Gênero - BDSer**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Masculino	292/748	39	0,55
Feminino	151/692	22	0,44
TOTAL	443/1440	31	

Input 0,220  
Fonte: Azeredo (2012)

Significância 0,007

#### 5.2.2.6 Número de Sílabas na Palavra

Quanto à variável Número de Sílabas, Azeredo (2012) observou, conforme os resultados da Tabela 19, que palavras trissílabas, não as polissílabas, condicionam a aplicação da regra variável. Palavras polissílabas e dissílabas são desfavorecem o uso de tepe. Isso contraria a hipótese inicial da autora de que, quanto maior a palavra, mais chances de se produzir tepe em contexto em que se espera a vibrante.

**Tabela 19 - Número de Sílabas na Palavra - BDSer**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Polissílaba – Rigoroso	67/265	25	0,46
Dissílaba – Raro	178/594	30	0,45
Trissílaba – Terreno	198/581	34	0,57
Total	443/1440	31	

Input 0,220  
Fonte: Azeredo (2012)

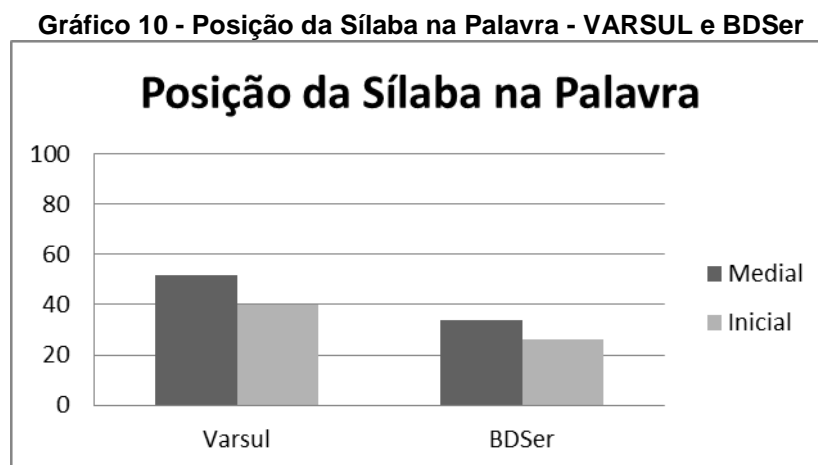
Significância 0,007

#### 5.2.3 Análise em Tempo Real

Ao comparar os dados dos projetos VARSUL e BDSer, para variação da vibrante, Azeredo (2012) observou que, mesmo com uma diferença de quase 20 anos entre uma e outra coleta de dados, o comportamento dos informantes mostra-se semelhante.

Na pesquisa de Azeredo (2012), na fala dos informantes tanto do projeto VARSUL quanto BDSer, os fatores sociais Escolaridade, Bilinguismo e Gênero apresentaram-se como relevantes. O fator Idade se mostrou relevante somente nos resultados do BDSer, e se mostrou contrário às expectativas da autora. Os grupos de fatores linguísticos apresentados como relevantes em ambos os projetos foram: Posição da Sílabas e Número de Sílabas. O fator Tonicidade foi excluído pelo programa tanto no VARSUL, quanto no BDSer.

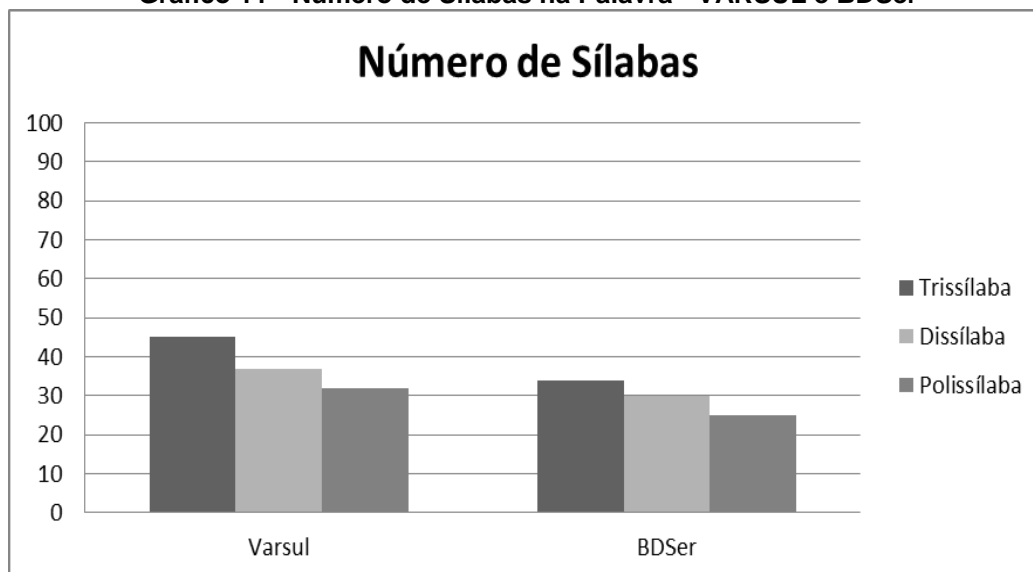
Azeredo (2012) compara os principais resultados dos dois *corpora* em gráficos. Apresenta os resultados das variáveis linguísticas antes das extralinguísticas, uma vez que a ordem de relevância estatística das variáveis controladas na análise dos dados das duas amostras foi diferente.



Fonte: Azeredo (2012)

Quanto à Posição da Sílabas na palavra, Azeredo (2012) constatou uma diminuição no percentual de realização de tepe de uma amostra (VARSUL) para a outra (BDSer) em ambas as posições, e a posição medial continuou favorecendo a aplicação de regra. Como mencionado anteriormente, as bordas da palavra parecem desfavorecer a aplicação da regra variável em estudo.

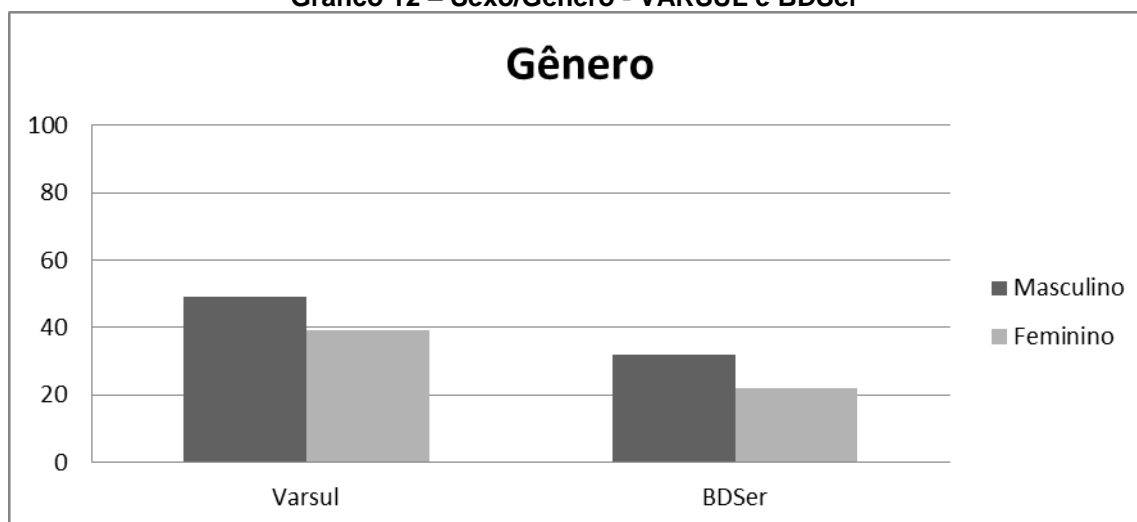
Gráfico 11 - Número de Sílabas na Palavra - VARSUL e BDSer



Fonte: Azeredo (2012)

Quanto ao número de sílabas, Azeredo (2012) encontrou resultados semelhantes nos dados das duas amostras. A passagem do tempo não modificou o fato que contraria a hipótese inicial da autora, de que quanto maior fosse a palavra, mais favorável seria a aplicação da regra: os polissílabos são o contexto em que a regra menos aplica. As condicionadoras da regra são as palavras trissílabas, as desfavorecedoras, as dissílabas.

Gráfico 12 – Sexo/Gênero - VARSUL e BDSer

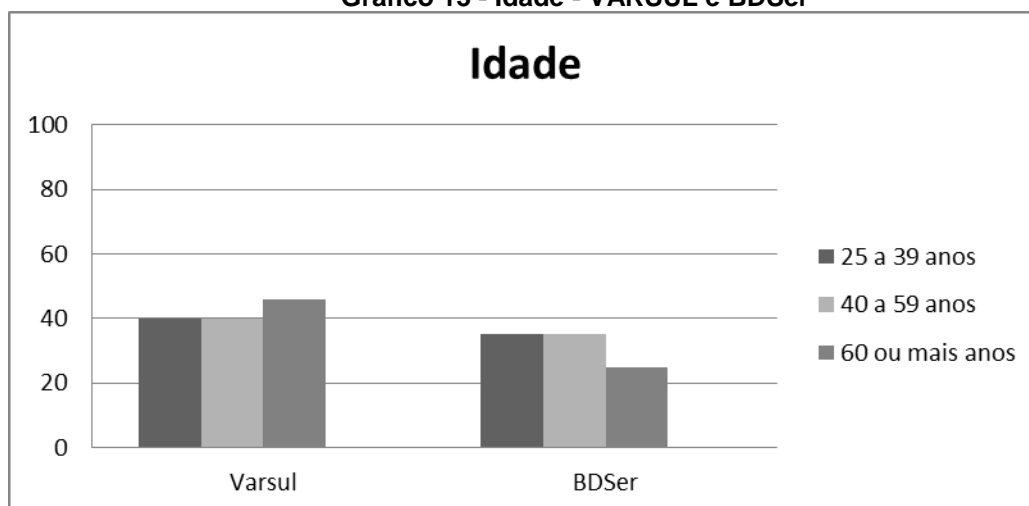


Fonte: Azeredo (2012)

Para a variável Sexo/Gênero, Azeredo (2012) também obteve resultados semelhantes na análise dos dados dos dois bancos. Mesmo passados quase

20 anos, homens continuam sendo os favorecidos da regra. Segundo a autora, o fato de os homens aplicarem mais a regra sugere que o emprego de tepe em lugar da vibrante possa estar mais ligado à identidade masculina na comunidade.

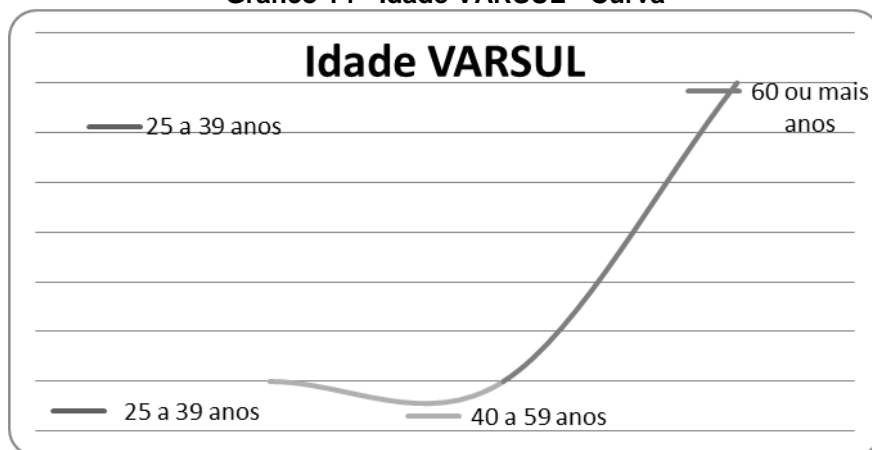
Gráfico 13 - Idade - VARSUL e BDSer



Fonte: Azeredo (2012)

Até agora, nos dados de Azeredo (2012), os resultados são semelhantes para as variáveis controladas na análise dos dados de ambas as amostras. A exceção é a variável Idade. Na comparação, os resultados da autora mostram uma inversão interessante: os falantes com 60 ou mais anos são os que mais empregam tepe nos dados do VARSUL; nos do BDSer, são os que menos empregam, agora cabendo o papel de condicionadores da regra aos falantes mais jovens. A regra, antes em declínio, estaria ganhando fôlego? A autora apresenta gráficos em curva (14 e 15) para melhor visualização de seu resultado.

Gráfico 14 - Idade VARSUL - Curva

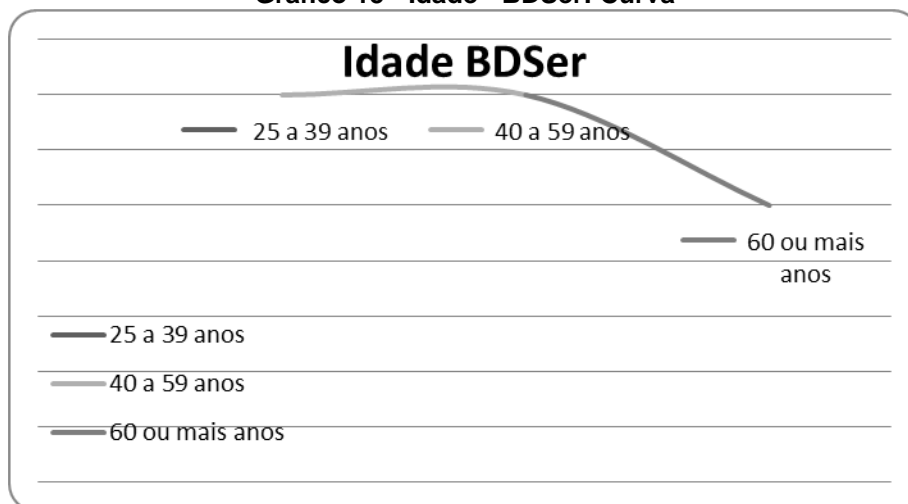


Fonte: Azeredo (2012)

De acordo com Azeredo (2012), os informantes do VARSUL entre 40 e 59 anos em 1990 teriam hoje 60 ou mais anos. Àquela época, eles também eram o grupo etário que menos empregava o tepe em lugar de vibrante. É como se, mesmo com um leve declínio, eles tivessem mantido seu comportamento linguístico ao longo dos 20 anos decorridos.

No Gráfico quinze, a autora mostra que há uma estabilização na taxa de emprego de tepe nos dois grupos etários mais jovens, numa proporção de 35%.

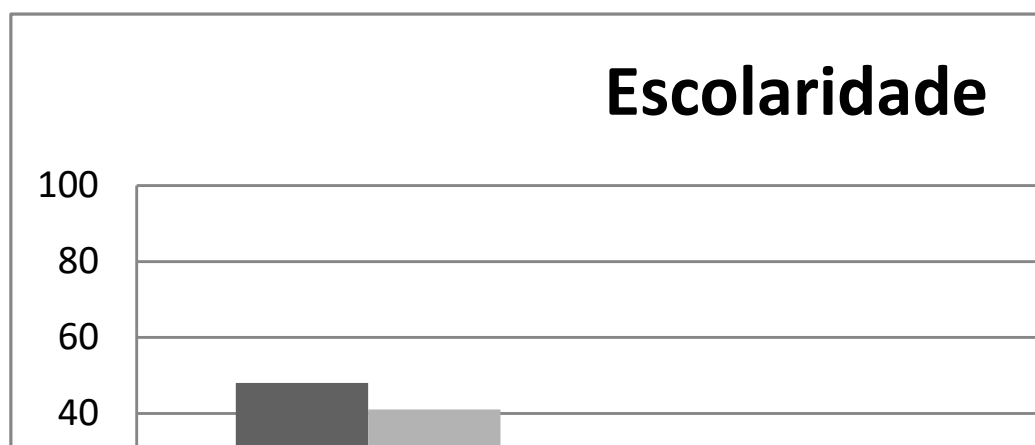
Gráfico 15 - Idade - BDSer: Curva



Fonte: Azeredo (2012)

Embora tenham contrariado a hipótese inicial de Azeredo (2012), de que os jovens empregariam menos tepe, os resultados, principalmente do BDSer, são esclarecedores na medida em que o platô verificado na curva pode sugerir estabilização do processo na fala da comunidade.

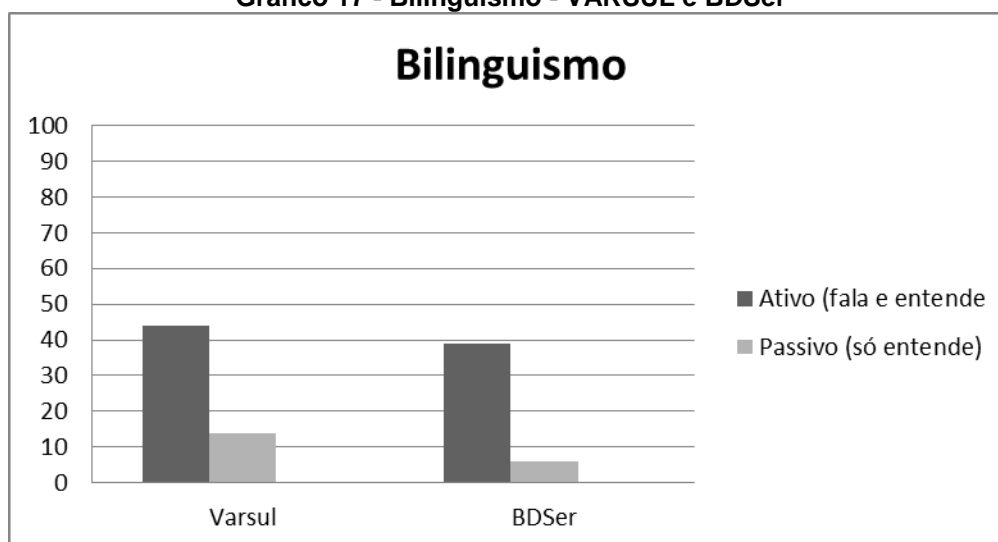
Gráfico 16 - Escolaridade - VARSUL e BDSer



Fonte: Azeredo (2012)

Os resultados do grupo de fatores Escolaridade é o mesmo nos dados dos dois projetos. Confirma que, quanto mais escolarizado for o informante, menos aplica regra, provavelmente porque o aumento da escolarização implica realização de mais práticas linguísticas em português e, assim, incremento na percepção e consciência das normas de uso da língua majoritária.

Gráfico 17 - Bilinguismo - VARSUL e BDSer



Fonte: Azeredo (2012)

Na pesquisa de Azeredo (2012), a variável Bilinguismo foi selecionada como significativa tanto nos resultados do VARSUL quanto do BDSer, confirmando a hipótese da autora de que quanto maior é o contato do falante

com o dialeto italiano, quanto mais exposto ele estiver, mais afetado ele será pelos padrões de uso da variedade dialetal e maiores serão as chances de ele fazer a troca da vibrante por tepe.

### **5.3 COTEJO DOS RESULTADOS DOS DOIS PROCESSOS: EM BUSCAS DE EVIDÊNCIAS DE COERÊNCIA DIALETAL**

A comunidade de fala considerada nessa pesquisa é Flores da Cunha, município com cerca de 30 mil habitantes localizado na RCI-RS, a nordeste do estado. O município foi fundado por imigrantes italianos no final do século XIX e, como na maioria dos municípios da região, os habitantes de Flores da Cunha estão distribuídos na zona rural e na zona urbana.

Conforme Battisti e Dorneles Filho (2016), a população de Flores da Cunha dedica-se a atividades econômicas que vão do cultivo de hortifrutigranjeiros e criação de animais ao comércio, prestação de serviços e indústria (moveleira, de vinhos e suco de uva), e fazem uso do português em suas interações sociais. Segundo os autores, aqueles que ainda falam dialetos italianos são idosos que vivem principalmente na zona rural.

Com a finalidade de verificar se há relação entre os padrões de variação e mudança fônica no português de contato na comunidade bilíngue de Flores da Cunha, investigamos se há coerência dialetal, isto é, se os processos em questão são dirigidos pelos mesmos fatores sociais. Para tanto, analisaram-se informantes com mesmo perfil social na base de dados de Azeredo (2012) e na desta pesquisa.

O primeiro fato averiguado é o de que os processos investigados estão em regressão. Sexo/Gênero, Faixa Etária e Escolaridade fornecem pistas para esclarecer esse padrão.

Conforme Oushiro (2015), Sexo/Gênero e Faixa Etária são grupos de fatores externos (extralinguísticos ou sociais) amplamente analisados em estudos sociolinguísticos e frequentemente se mostram correlacionados a variáveis sociolinguísticas cujas variantes se diferenciam em valor social. Segundo a autora, uma série de trabalhos observou que as formas de prestígio em uma comunidade tendem a ser relativamente mais empregadas por

mulheres, e que formas desprestigiadas tendem a ser evitadas por falantes da faixa etária intermediária, mais suscetível a pressões do mercado linguístico. Além disso, correlações com Faixa Etária podem apontar para possíveis mudanças em progresso no sistema linguístico. De acordo com Oushiro (2015), o Nível de Escolaridade também se relaciona com questões de estigma e prestígio. A hipótese geral é a de que falantes mais escolarizados tendem a evitar formas estigmatizadas na comunidade ou, vista de outra perspectiva, que as formas por eles empregadas, conforme as normas escolares, são consideradas mais “corretas”.

Por essas razões, as variáveis sociais contempladas neste cotejo são Sexo/Gênero, Faixa Etária (Idade) e Escolaridade, a fim de verificar se padrões de variação do português de contato apresentam coerência no português de contato falado em Flores da Cunha.

Os resultados gerais da comparação dos resultados da amostra VARSUL para essas três variáveis sociais na análise dos dois processos (realização de *-on* em lugar de *-ão* e de *tepe* em lugar de vibrante) mostram que as variantes *-on* e *tepe* são favorecidas pelos homens, de mais idade e com nível mais baixo de escolaridade, o que nos sugere que há coerência dialetal na comunidade de fala em estudo.

Com base no Quadro 4, respondemos afirmativamente a questão levantada por Guy e Hinskens (2016), se (socialmente) falantes de perfil social similar têm padrões de uso semelhantes das variáveis. A comparação dos dados do VARSUL para os dois processos mostra que o emprego de *tepe* no lugar de vibrante acompanha o emprego de *-on* no lugar de *-ão* por Gênero, Idade e Escolaridade. Assim, podemos dizer que existe correlação entre as variáveis analisadas. Uma vez atribuídas ao contato do português com variedades dialetais italianas, os traços do contato poderiam inclusive caracterizar um etnoleto. Segundo Guy e Hinskens (2016), as características linguísticas assemelhadas que membros de uma comunidade compartilham definem sua identidade, no caso em questão, sua italianidade.



**Quadro 4 - Resumo de fatores sociais favorecedores das variantes ão~on/ r~r para os dados do VARSUL**

	ão~on	r~r
Gênero	Masculino (52%)	Masculino (49%)
Idade	60 ou mais anos (51%)	60 ou mais anos (46%)
Escolaridade	Ensino Fundamental (43%)	Ensino Fundamental (43%)

Os percentuais de aplicação da regra variável das três variáveis sociais analisadas podem ser visualizados nos Gráficos 18 e 19.

**Gráfico 18 - Cotejo ão~on e r~r para Sexo/Gênero VARSUL**

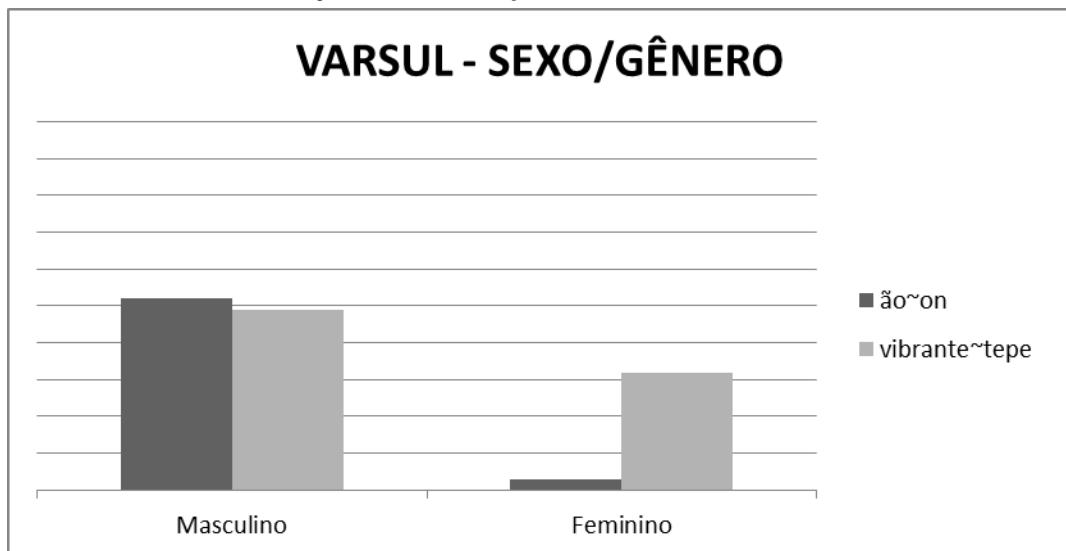
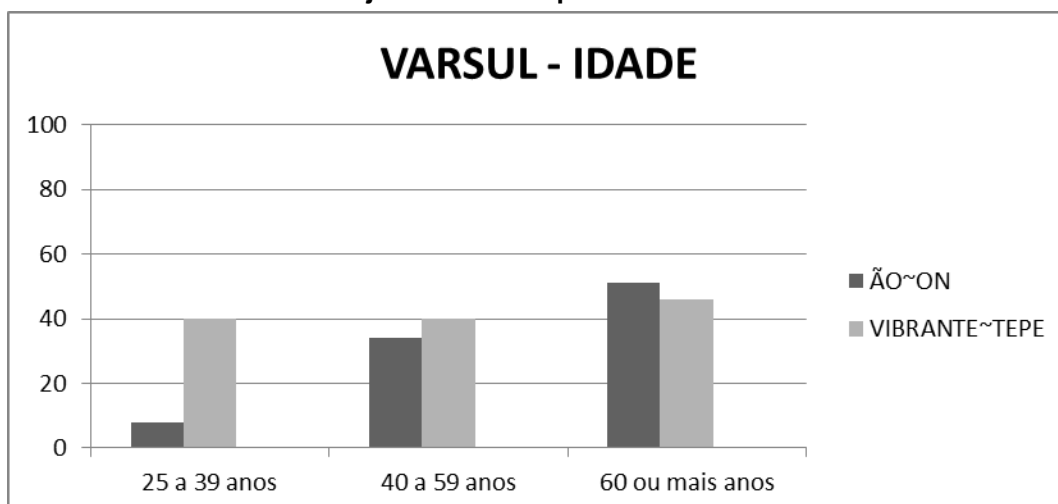
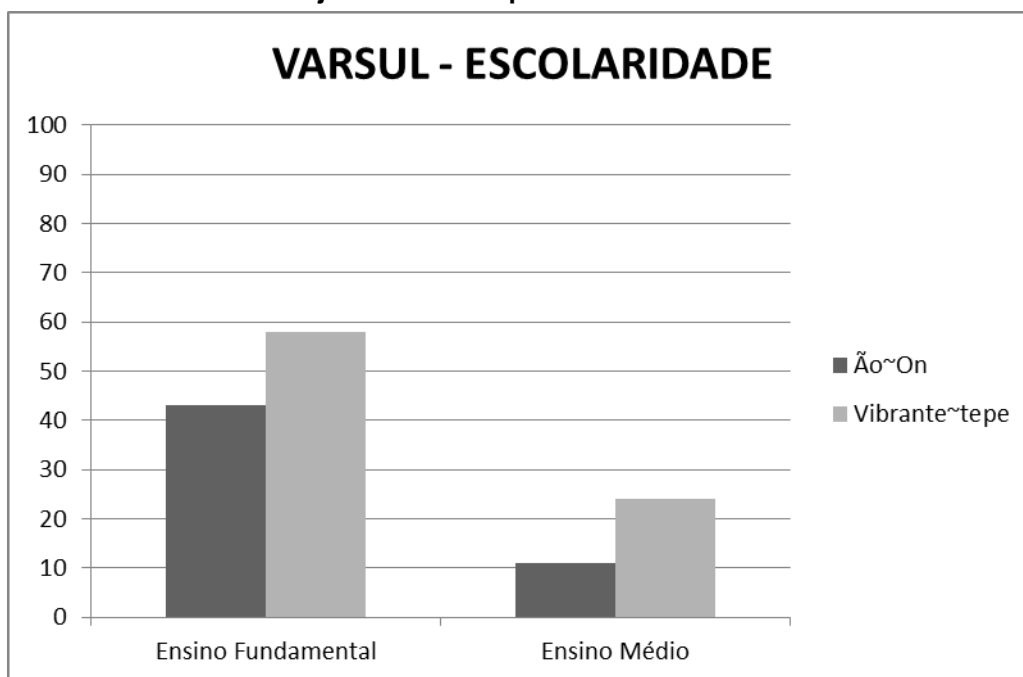


Gráfico 19 - Cotejo *ão-on* e *r-r* para Idade VARSULGráfico 20 - Cotejo *ão-on* e *r-r* para Escolaridade VARSUL

Graças à existência de entrevistas sociolinguísticas com informantes de Flores da Cunha em dois bancos de dados, VARSUL e BDSer, Azeredo (2012) pôde investigar a troca da vibrante por tepe e, nesta pesquisa, pudemos investigar os processos de alternância *-ão:-on*, num período de vinte anos.

O Quadro 5 nos mostra a comparação dos resultados do BDSer para os dois processos em estudo com seus respectivos percentuais por variável social.

**Quadro 5 - Resumo de fatores sociais favorecedores das variantes -ão~on e r~r para os dados do BDSer**

	ão~on	r~r
Gênero	Masculino (47%)	Masculino (39%)
Idade	60 ou mais anos (38%)	25 a 39 anos (35%) 40 a 59 anos (35%)
Escolaridade	Ensino Fundamental (31%)	Ensino Fundamental (41%)

Os percentuais de aplicação da regra variável para as três variáveis sociais analisadas com os dados do BDSer podem ser visualizados nos Gráficos 21, 22, 23.

**Gráfico 21 - - Cotejo ão~on e r~r para Sexo/Gênero BDSer**

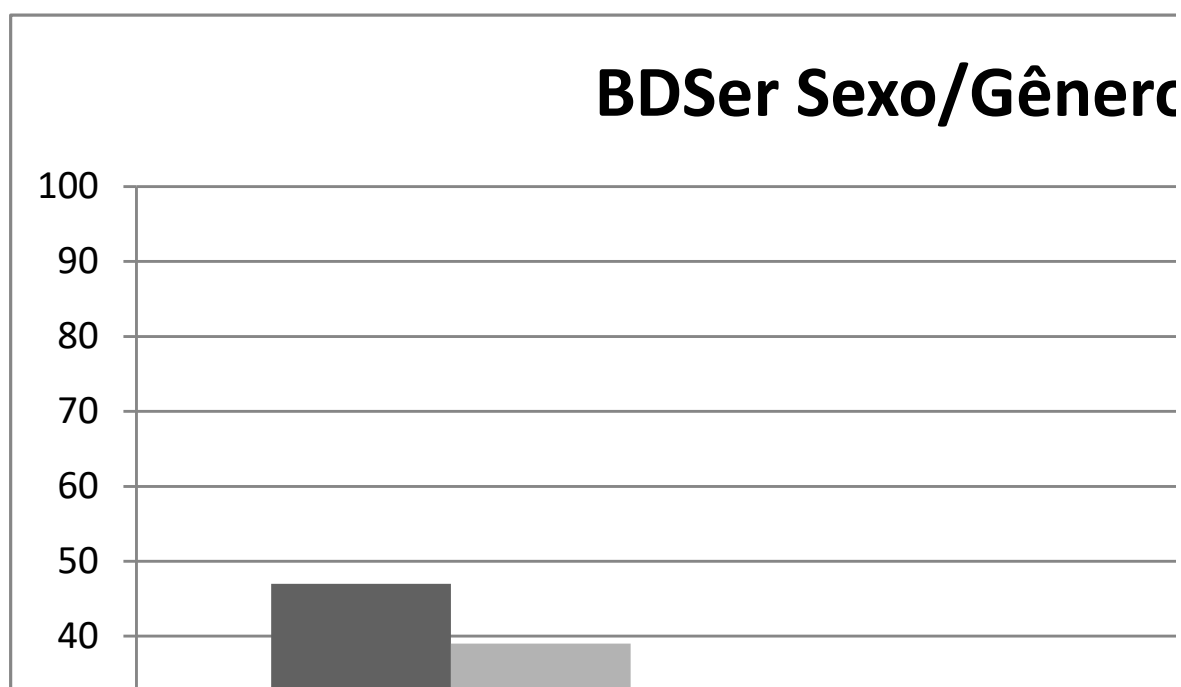


Gráfico 22 – Cotejo ão~on e r~r para Idade BDSer

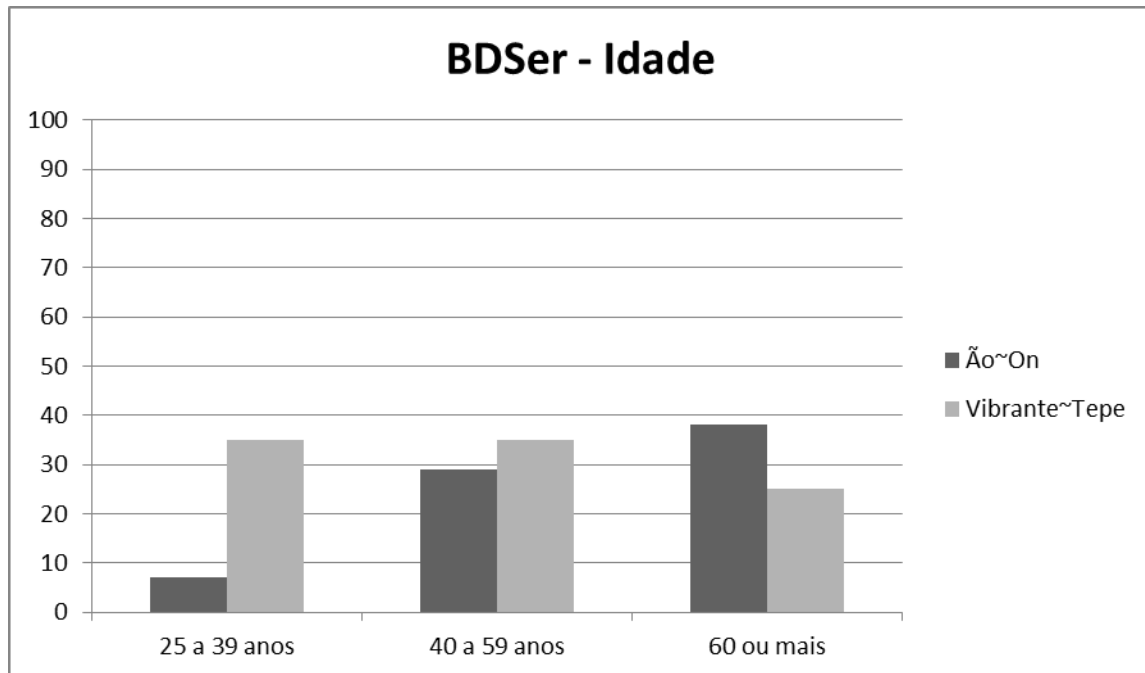
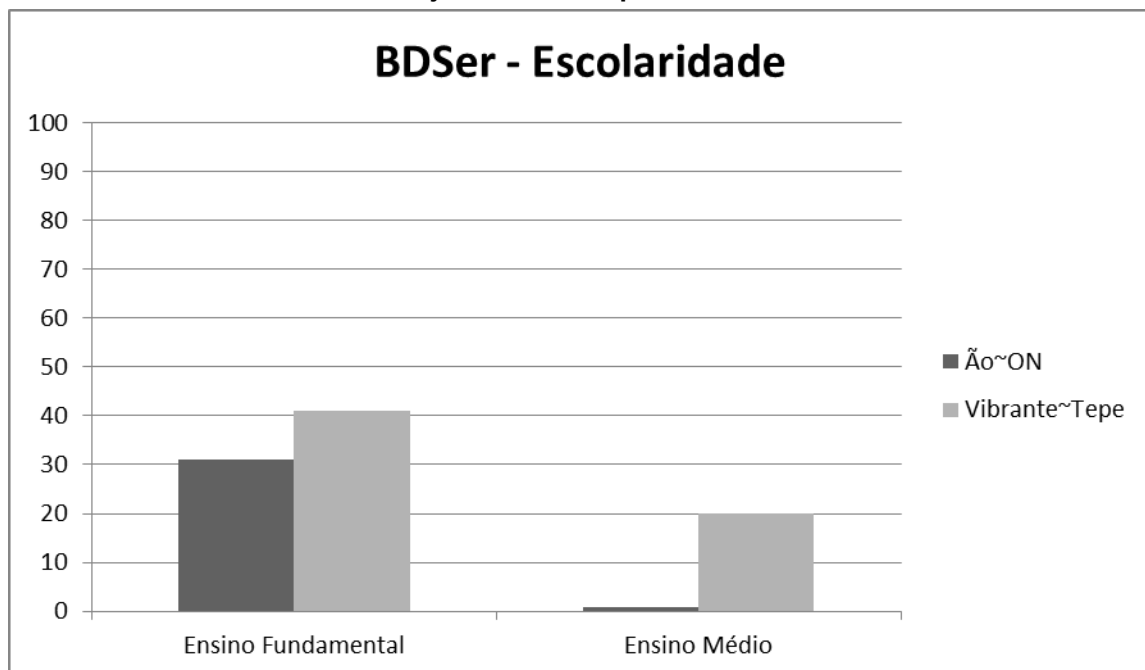


Gráfico 23 – Cotejo ão~on e r~r para Escolaridade BDSer



Podemos observar, nos Gráficos 21, 22, e 23 acima, que existe correlação entre as marcas analisados também para os dados do BDSer no que se refere a Gênero e Escolaridade. Para a variável Idade, como já explicado anteriormente, no processo de troca da vibrante por tepe é como se

os informantes tivessem mantido seu comportamento linguístico ao longo dos 20 anos decorridos.

O Quadro 6 abaixo nos mostra, com percentuais, os favorecedores da aplicação da regra variável para os dois processos em análise no intervalo de vinte anos.

**Quadro 6 - Resumo de fatores sociais favorecedores das variantes ão~on/ r~r VARSUL e BDSer**

	ão~on		r~r	
	VARSUL	BDSer	VARSUL	BDSer
Gênero	Masculino 52%	Masculino 47%	Masculino 49%	Masculino 39%
Idade	60 ou mais 51%	60 ou mais 38%	60 ou mais 46%	25 a 39 40 a 59 35%
Escolaridade	Ensino Fundamental 43%	Ensino Fundamental 31%	Ensino Fundamental 43%	Ensino Fundamental 41%

Para a alternância *-ão:-on*, verificamos que mesmo tendo se passado quase vinte anos, continuam sendo os homens de mais idade e menos escolarizados os favorecedores da aplicação da regra variável. Para a troca de vibrante por tepe, os homens menos escolarizados se mantiveram sendo os favorecedores, porém os falantes com 60 ou mais anos são os que mais empregam tepe nos dados do VARSUL; nos do BDSer, são os que menos empregam.

Com tais resultados, observamos que, mesmo passados quase vinte anos entre a realização de uma coleta e outra, o comportamento dos informantes se mostrou coerente, exceto para a variável idade nos dados do BDSer na variação da vibrante. Podemos observar uma diminuição na aplicação da regra variável em todos os fatores de ambos os processos (exceto idade/BDSer variação da vibrante). O fato de estar diminuindo percentualmente

a aplicação dos processos e de os mais velhos serem os que mais aplicam a regra variável nos sugere que esteja ocorrendo regressão da alternância de –ão::-on e também da ‘troca’ de tepe por vibrante.

Em termos de comunidade de fala, surge daí a questão: o que motiva o padrão coerente de regressão de processos variáveis atribuíveis ao contato do português com variedades dialetais italianas? Salientes em manifestações linguísticas locais, marcam o sotaque da comunidade, mas são elementos que contribuem para reproduzir o estereótipo do brasileiro descendente de italianos.

#### 5.4 FLORES DA CUNHA: ANOS 1990 E ANOS 2000

Como mencionado anteriormente, as entrevistas que forneceram dados a esta pesquisa fazem parte de dois bancos distintos, o VARSUL e o BDSer, e foram realizadas com intervalo de quase 20 anos, em 1990 e 2008-2009, respectivamente. O que se passou na comunidade nesse período de tempo?

Nesse intervalo, muita coisa mudou no mundo, no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Flores da Cunha. A década de 90 foi marcada pela globalização, mas com regionalização. Consolidou-se a ideia de mercados comuns, como o Europeu e o Mercosul. As democracias latino-americanas recobram fôlego e países como o Brasil abriram seus mercados ao exterior. Em Flores da Cunha, tanto a indústria moveleira quanto o setor da uva e do vinho ganharam incremento, o que garantiu estabilidade econômica e empregos à população. O setor turístico ganhou impulso.

Nos anos 90, conforme censo de 1991, a população do município era de 19.869 habitantes. Atualmente, a população estimada é de 29.603 habitantes<sup>19</sup>. Além do aumento significativo da população, também se percebe um crescimento na zona urbana da cidade. Na década de 90, os moradores da zona rural totalizavam 56%<sup>20</sup>, hoje em dia, esse percentual caiu para 23%<sup>21</sup>, ou seja, metade.

<sup>19</sup> Conforme dados obtidos no site do IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=430820&idtema=130>. Acesso em 10/01/2018.

<sup>20</sup> Conforme o site: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?codmun=430820> Acesso em 10/01/2018.

O fato de a zona urbana ter se tornado mais habitada do que a zona rural pode ser explicado pelo crescimento das atividades empresarias em Flores da Cunha. Essas provocaram o aumento da população por migração, para que se ocupassem os novos postos de trabalho. A economia, que há anos era fundamentada na agricultura, principalmente no cultivo da uva e seu processamento para a fabricação de vinho, atualmente divide espaço com a indústria de móveis, metal mecânica, plástico, peças, malhas e confecções.

Foi em meados dos anos 90 que o computador pessoal e a *internet* se popularizaram, colocando ao alcance de todos o poder de se comunicar com o mundo, ligando as pessoas a todos os povos, a diferentes culturas, às novas conquistas tecnológicas. Esse avanço fez com que o acesso à informação chegasse às pessoas com grande velocidade. A situação não foi diferente no Brasil e em Flores da Cunha.

Na fala de uma das informantes do VARSUL, temos o exemplo de uma maior dificuldade de estabelecer contato à distância nos anos 1990. Segundo a informante, que estava organizando uma festa de família, os convites seriam enviados como cartas, pelo correio, bem como a confirmação de presença na festa. Contato até mesmo por telefone não era muito acessível naquele tempo.

Atualmente, com a rapidez da informação eletrônica e com a expansão das redes de relacionamento, é incessante a busca, principalmente dos jovens, em se aproximar e se enquadrar no que há de mais moderno no mundo. As comunidades correm o risco de esquecer e desvalorizar suas raízes culturais, a não ser que, localmente, elas sejam valorizadas e haja, em alguma medida, a adesão dos jovens nessa valorização.

Segundo Battisti e Martins (2011), os jovens florenses se assemelham à maioria dos jovens brasileiros em todos os aspectos, exceto no localismo, que, segundo as autoras, nesses jovens é peculiar. Esse localismo é instanciado em parte na vinculação das práticas dos jovens às tradições da imigração italiana, o que é reforçado pelas festas locais e pelo turismo, que celebra e comercializa as raízes italianas.

As raízes italianas podem ser observadas no dialeto vênето, ainda falado em Flores da Cunha, nas festas realizadas no município – Festa Nacional da

---

<sup>21</sup> Conforme o site: <http://www.explorevale.com.br/serrasgauchas/floresdacunha/index.htm>. Acesso em 09/02/2012.

Vindima, festas em homenagem aos santos padroeiros das comunidades – e até mesmo na hora das refeições, onde se percebe a presença de alimentos típicos de origem italiana como: massas, polenta, galetto a menarosto, salame, sopa de agnolini, fortaia, pães caseiros, etc. Essas características, que remetem aos longínquos tempos da colonização, hoje atribuem ao município uma imagem acolhedora e familiar.

Os jovens de Flores da Cunha nos anos 1990, sem muitas opções de lazer, se contentavam em frequentar reuniões dançantes no salão paroquial da igreja. Essas reuniões eram mensais, com início às 19 horas e encerramento à meia-noite. Esse contentamento se dava talvez pela falta de conhecimento e de contato com outras localidades. Atualmente, a cidade continua sem oferecer muitas opções de lazer aos jovens, razão que faz com que busquem divertimento em outras cidades, o que parece ser bem mais fácil hoje do que há 20 anos. Battisti e Martins (2011) afirmam que se deslocar para outras localidades parece fazer parte de ser jovem em Flores da Cunha. Esse deslocamento se dá tanto em busca de divertimento como também para cursar faculdade, já que, no município, não há instituição de Ensino Superior. As autoras também comentam que esse deslocamento é feito em um roteiro de ida e volta, isto é, o jovem realiza práticas fora da comunidade, mas retorna a ela.

O maior contato com outras comunidades seja através da *internet* ou pelo deslocamento para se divertir ou estudar, ou mesmo para trabalhar, coloca os jovens em contato com outros padrões de fala, o que, segundo Battisti e Martins (2011), pode fazer com que se sintam pressionados a evitar formas reveladoras de sua identidade local fora da comunidade. Ou seja, na busca por sintonia com a fala do outro, os jovens podem abrir mão momentaneamente de marcas locais, evitando, por exemplo, o emprego de tepe em lugar de vibrante, ou a ‘troca’ do ditongo nasal *-ão* por *-on*, traços muito salientes a quem não é da comunidade e, em muitos casos, motivo de riso. Na volta à comunidade, no entanto, esses traços podem emergir, mesmo que em proporção reduzida.

Como a comunidade lida com suas raízes italianas? Há em sua paisagem linguística, isto é, nas manifestações escritas em espaço público evidências de que a comunidade as reconhece e valoriza?



## CONCLUSÃO

Esta tese teve como objetivo analisar processos de variação linguística em tempo real (LABOV, 1994) no português brasileiro de contato com variedades dialetais italianas, para verificar a existência de coerência dialetal (GUY e HINSKENS, 2016) na cidade de Flores da Cunha/RS. Nossa pesquisa foi embasada em dados de fala provenientes de dois acervos distintos, o do projeto VARSUL (1990) e do Projeto BDSer (2008/2009).

Sobre a ‘troca’ de *-ão* por *-on*, buscou-se especificamente (a) averiguar a frequência total de aplicação do processo, bem como seus condicionamentos linguísticos e sociais, e (b) verificar se uma das variantes progrediu ou se a variação se manteve estável. No cotejo dos resultados da análise de *ão::on* com os de estudo anterior (AZEREDO, 2012) sobre a realização de tepe em lugar de vibrante múltipla realizado com dados das mesmas entrevistas, objetivou-se buscar evidências de coerência dialetal, isto é, se o padrão de emprego de tepe em lugar de vibrante acompanhou o de emprego de *-on* no lugar de *-ão* por gênero, idade e escolaridade em aproximadamente vinte anos.

Na análise da realização de *-on* em lugar de *-ão*, constatamos que foram 1034 os contextos de ditongo *-ão* em sílaba tônica levantados das entrevistas do VARSUL, e 815 os contextos levantados de entrevistas do BDSer. A proporção total de aplicação da regra foi de 30,7% nos dados do VARSUL, 21,6% nos do BDSer.

A comparação das proporções totais do emprego de *-on* mostra um decréscimo da realização da variável em questão, confirmando assim, a regressão da regra. Observamos também que, mesmo com uma diferença de quase 20 anos entre a realização de uma e outra coleta de dados, o comportamento dos informantes mostrou-se semelhante, uma vez que, na fala dos informantes tanto do projeto VARSUL quanto BDSer, os fatores sociais Sexo/Gênero e Idade apresentaram-se como relevantes e confirmaram nossas hipóteses de que quem produz mais o *-on* em lugar de *-ão* são os homens de mais idade. Outra hipótese que confirmamos com os nossos resultados diz respeito à escolaridade do informante. Embora o fator Escolaridade tenha sido selecionado somente com os dados do VARSUL, verificamos que são os menos escolarizados os que mais trocam *-ão* por *-on*. Acreditamos que tal

ocorrência se deva não só à maior consciência que o informante mais escolarizado tenha sobre a correção em seu modo de falar, mas também à exclusividade da língua portuguesa no ambiente escolar.

Quanto às variáveis linguísticas na realização de *-ão* como *-on*, os grupos de fatores relevantes foram diferentes na análise dos dados das duas amostras. No VARSUL, foi selecionado como relevante apenas o grupo de fatores Classe da Palavra e tal resultado contrariou nossa hipótese inicial. Acreditávamos serem os nomes os favorecedores da aplicação da regra, mas averiguamos que são as palavras funcionais as favorecedoras. O BDSer selecionou como relevante apenas o grupo de fatores Número de Sílabas e nos mostrou que quem favorece a regra são as palavras dissílabas, contrariando mais uma vez nossa hipótese. Inicialmente acreditávamos que, por aparecerem em maior quantidade nos nossos dados, fossem os monossílabos os favorecedores. O fator Contexto Precedente não se mostrou significativo em nossa análise, foi excluído pelo programa tanto na análise dos dados do VARSUL, quanto do BDSer.

Na investigação da relação entre o padrão de realização de *-on* em lugar de *-ão* com outros processos variáveis no português de contato da comunidade bilíngue de Flores da Cunha, retomamos o estudo de Azeredo (2012) sobre a realização de tepe em lugar de vibrante, a fim de cotejar seus resultados com os da presente tese, sobre *-ão::on*. Analisamos informantes com mesmo perfil social para encontrar evidências de coerência dialetal, ou seja, para verificar se os processos em questão são dirigidos pelos mesmos fatores sociais.

No estudo de Azeredo (2012), a proporção total de tepe em lugar de vibrante foi de 41% nos dados do VARSUL e 31% nos do BDSer. Tal como observamos na análise de *-ão::on*, os resultados de Azeredo (2012) também mostram regressão da regra. A análise da variável Idade confirma esse padrão. Os resultados desta tese mostraram que a aplicação de *-on* em lugar de *-ão* pelos jovens nos dados do VARSUL é menor que a de sujeitos de meia-idade e idosos. Nos dados do BDSer, é de apenas 0,7%. Já os resultados de Azeredo (2012) mostram que os jovens na amostra VARSUL aplicam menos o tepe em lugar de vibrante, embora a diferença percentual na aplicação da regra pelos mais jovens seja apenas levemente inferior, 41% contra 46% dos mais velhos. Para os dados do BDSer, Azeredo (2012) constatou que os mais jovens são os

que mais aplicam tepe em contexto em que se espera a vibrante. Como explicamos no capítulo cinco, tal fato se deve ao local de residência dos informantes jovens, que residem em sua maioria da zona rural do município. Já os mais velhos residem na zona urbana. No entanto, pode-se manter a afirmação de regra em regressão se consideramos o percentual de aplicação total da troca da vibrante por tepe na comunidade, que reduziu em 10% em vinte anos.

Para a variável Sexo/Gênero, constatamos que a 'troca' de *-ão* por *-on* é quase que uma particularidade masculina. Para os dados do VARSUL, o percentual de aplicação da regra pelos homens é de 52%, contra 3% das mulheres. Resultado semelhante foi observado nos dados do BDSer, em que os homens aplicam 47% e as mulheres, 5%. A pesquisa de Azeredo (2012) para a troca da vibrante por tepe mostra uma diferença percentual menor entre homens e mulheres. Os dados do VARSUL mostram que os homens aplicam 49% da regra, enquanto as mulheres aplicam 32%. Já os dados do BDSer mostram que os homens empregam tepe em lugar de vibrante na proporção de 39% e as mulheres, de 22%. Embora com uma diferença menor na aplicação de homens e mulheres, os resultados de Azeredo (2012) também apontam para uma preferência das mulheres para as formas de prestígio.

A variável Escolaridade, embora não tenha sido selecionada como significativa para a alternância *-ão:-on* nos dados do BDSer, mostra que quanto mais escolarizado o informante for, menos ele 'troca' *-ão* por *-on*. Os dados do VARSUL mostram que os informantes com apenas Ensino Fundamental 'trocam' *-ão* por *-on* em 43% dos casos, enquanto aqueles com Ensino Médio/Superior, em apenas 11%. Azeredo (2012) também averiguou que a 'troca' da vibrante por tepe também é favorecida pelos menos escolarizados. Para os dados do VARSUL, a autora verificou que os informantes com apenas Ensino Fundamental usavam o tepe em lugar de vibrante em 48% dos casos, enquanto que os informantes com Ensino Médio/Superior, em 24%, ou seja, metade. Com os dados do BDSer, a diferença percentual entre os menos e mais escolarizados também foi praticamente a metade. Os informantes com Ensino Fundamental usaram tepe em contexto em que se esperava a vibrante em 41% dos casos, já os informantes com Ensino Médio/ Superior, em apenas 20%.

Como mostram os resultados gerais da comparação dos informantes tanto para os dados do VARSUL quanto para os do BDSer para os dois processos, a realização de *-on* em lugar de *-ão* e de *tepe* em lugar de vibrante é favorecida pelos homens de mais idade e com nível mais baixo de escolaridade. Essa correlação entre as marcas analisadas aponta para a existência de coerência dialetal na comunidade de fala em estudo.

Os resultados de nossa pesquisa mostram que, de forma lenta e gradual, o português de contato não só em Flores da Cunha, mas em toda a RCI-RS vem se modificando, mas de maneira coerente. Mesmo na substituição de uma língua pela outra (variedades dialetais italianas pelo português, no caso desta tese), subsistem no repertório da comunidade, por muito tempo ainda, traços da língua substituída, os quais assumem papéis sociais relevantes na interação entre os falantes, como marcas de identidade e de valores sócio-culturais, o que pode explicar sua permanência.

Percebe-se, no entanto, um comportamento de certa forma ambíguo nos florenses. Se por um lado estão deixando de praticar as variedades dialetais italianas, por outro lado nota-se o quanto ainda é importante para eles preservar a memória da imigração. Os florenses homenageiam seus antepassados com o nome de ruas, ou usando com orgulho seus próprios sobrenomes para nomear estabelecimentos comerciais, ou ainda realizando as mais variadas práticas, como as religiosas, da culinária, do cultivo da uva, nos moldes da herança cultural italiana, o que a indústria do turismo comercializa. Ao que nos parece, ser descendente de italiano é motivo de orgulho na região, mesmo que não mais se pratiquem as variedades dialetais italianas como antes.

Constatações como essas sugerem que o estudo realizado nesta tese se relaciona a fatos culturais mais complexos, que não se pretendeu esclarecer aqui. Esperamos ter contribuído para, em alguma medida, mostrar a sistematicidade da variação e mudança linguística no nível da comunidade, mesmo que, no exercício individual da fala, haja algum efeito de manipulação estilística (consciente) da linguagem. No nível coletivo, o português de contato de Flores da Cunha, como o de outros municípios da RCI-RS, segue sua deriva, varia e muda sistematicamente pelo incremento e exclusividade das

práticas linguísticas em português, mesmo que traços atribuíveis às variedades dialetais italianas sobrevivam na estereotipia dos ítalo-gaúchos.

## REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C.V.; MARGOTTI, F.W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London: Arnold, 1992. 213 p.

AZEREDO, Priscila Silvano. *A troca da vibrante por tepe em onset silábico: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade bilingue de Flores da Cunha/RS*. Porto Alegre/RS: UFRGS. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. 2012.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os Italianos – Religião, música, trabalho e Lazer*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.

BATTISTI, Elisa; *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições*. 1997. 185 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre.

BATTISTI, Elisa; *Variação, Mudança Fônica e Identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Diadorim, v.8, 2011.

BATTISTI, Elisa e MARTINS, Luisa Bitencourt. *A realização da variável vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): Mudanças sociais e linguísticas*. In: Caderno do IL, Volume 42, 2011, Número 1 ou 2, ISSN0104-1886.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A. *Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha: variação linguística e práticas sociais*. Alfa: Revista de Linguística, v.56(2), segundo semestre de 2012.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A. *Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira*. Revista da ABRALIN, v.14, n.1, p. 221-246, jan./jun. 2015.

BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviane. T. *Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS)*. Caderno de Letras - UFPEL, n.24, 2015.

BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviane. T. *A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real*. Gragoatá, Niterói, n. 40, p. 90-112, 1. sem. 2016.

BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. D.E.L.T.A., vol. 14, Especial: 27-46, 1998.

BOOIJ, Geert; RUBACH, Jersy. Morphological and prosodic domains in lexical phonology. *Phonology Yearbook*, London, n.1, p. 1-27, 1984.

BOOIJ, Geert; RUBACH, Jersy. Postcyclic versus postlexical rules in lexical phonology. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v.18, n. 1, p. 1-44, 1987.

BOVO, Nínive Magdiel Peter. *A variação da vibrante e seu valor social*. Caxias do Sul/RS: UCS. Dissertação (Mestrado e Letras e Cultura Regional) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura regional. 2004.

BRESCANCINI, Cláudia. *A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S*. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. P. 13–75.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese*. Edimburgo. 1977. Tese (Doutorado em Lingüística) - Departamento de Lingüística, Universidade de Edimburgo.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 [1970].

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed, Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

COLLISCHONN, Gisela. *A sílaba em português*. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1998.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. Comunicação linguística na região de colonização italiana (os dialetos italianos e a língua portuguesa). In: *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. P. 97-105.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, Vitalina Maria. *Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoguesebrasiliana*. In: MEO, Zilio Giovanni (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte I: America Latina, prime inchieste e documenti. Venezia: Junta Regionale Regione Veneto, 1987b. 215-236.

FROSI, V. M.; DAL CORNO, G. O. M.; FAGGION, C. M. *Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI*. Métis: história e cultura. Caxias do Sul, RS: EDUCS, v. 4, n. 8, jul-dez 2005.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. A Linguagem da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

FROSI, Vitalina Maria; RASO, Tommaso. *O italiano no Brasil: Um caso de contato linguístico e cultural*. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 317–347.

GROSJEAN, F. Individual Bilingualism. In: *The encyclopedia of language and linguistic*. Oxford: Pergamon Press, 1994. p. 1656-1660.

GUY, G.R. *A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística*. *Organon*, v.14, n.28/29, 2000.

GUY, G.R. The cognitive coherence of sociolects: How do speakers handle multiple sociolinguistic variables? *Journal of Pragmatics* 52, 63-71, 2013.

GUY, G. R.; HINSKENS, F. *Linguistic coherence: Systems, repertoires and speech communities*. *Lingua*, 172-173, 2016.

HORBACH, Aline R; *A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: UFRGS. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. 2013.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 121-137.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Volume 1: Internal factors. Blackwell, Oxford, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: Social factors*. Blackwell, Oxford, Blackwell, 2001.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo, Cambridge University Press, [1966] 2006.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LABOV, William. *Principles of linguistic change: Volume 3: Cognitive and Cultural Factors*. Blackwell, Oxford, Blackwell, 2010.

LANDRY, R. & Bourhis, R.Y. (1997) *Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: an empirical study*, *Journal of Language and Social Psychology*, Vol 16, 23-49.



MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMANN, Joshua A. (ed.). *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de PósGraduação em Letras/UFRGS, 2004.

MONARETTO, Valéria N. de O. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Porto Alegre: PUCRS. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1997.

MONARETTO, Valéria N. O., QUEDNAU, Laura Rosane e HORA, Demerval da. *As consoantes do português*. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.207-241.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Letras ). São Paulo: FFLCH-USP, 2015. 372f.

PONSO, Letícia Cao. *A variação do português em contato com italiano na comunidade bilíngue de São Marcos-RS*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação de Mestrado.

QUEDNAU, L. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua Portuguesa)) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

RAVINDRANATH, Maya, "Language Shift and the Speech Community: Sociolinguistic Change in a Garifuna Community in Belize". University of Pennsylvania (2009). *Publicly Accessible Penn Dissertations*. 33.

SHOHAMY, E.; GORTER, D. (orgs.). 2009. *Linguistic Landscape: expanding the scenery*. New York, Routledge, 393 p.

SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M. 2010. *Linguistic Landscape in the city*. Bristol, Multilingual Matters, 352 p.

TOMIELLO, Marciana. *A variação do ditongo nasal tônico –ão como prática no português de São Marcos/RS*. UCS, 2005. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem.

VANDERMEEREN, S. Research on Language Attitudes. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K.J.; TRUDGILL, P. (eds.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society – Volume 2*. Berlin/New York: de Gruyter, 2005. p. 1318-1332.

WEINREICH, Uriel. *Language in contact: Findings and Problems*. The Hague; Paris: Mouton, 1974 [1953].

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos Empíricos para uma mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Parábola, São Paulo: 2006[1968].

WETZELS, W. Leo. *The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese*. *Probus*. fev., 1997. p. 01-34.

ZANINI, M.C.C *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.